



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

O RAP E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

MARCELA DIAS TEODÓSIO

SÃO CARLOS

2011



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

O RAP E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

MARCELA DIAS TEODÓSIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

SÃO CARLOS

2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

T314rr

Teodósio, Marcela Dias.

O rap e suas ressignificações / Marcela Dias Teodósio. --
São Carlos : UFSCar, 2012.

131 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - estudo e ensino. 3.
Dicionários. 4. Música. I. Título.

CDD: 410 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Curso de Mestrado

Ata de Defesa de Dissertação
Candidata: Marcela Dias Teodósio

Aos 13/05/2011, às 16:00, reuniu-se na Universidade Federal de São Carlos, nas formas e termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Linguística, a banca examinadora composta pelos seguintes membros: Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa (presidente), Dra. Ana Lúcia Silva Souza (UFBA) e Dra. Camila Höfling (UFSCar) para a defesa de dissertação de mestrado sob o título: O RAP E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES, apresentado pela candidata Marcela Dias Teodósio. Ao final dos trabalhos, a banca examinadora reuniu-se em sessão secreta para o julgamento, tendo os membros decidido atribuir os seguintes níveis: Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa, conceito A, Dra. Ana Lúcia Silva Souza, conceito A, e Dra. Camila Höfling, conceito A. De acordo com o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Linguística, a candidata foi considerada aprovada. Encerrada a sessão secreta, o presidente informou ao público presente o resultado do consenso. Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada e, para constar, eu, Leonardo de Souza e Silva Lucifora, secretário(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, lavrei a presente ata, que assino com os demais membros da banca examinadora.

Profa. Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa

Profa. Dra. Camila Höfling

Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza

Secretário(a): Leonardo de Souza e Silva Lucifora

Dedico este trabalho aos meus pais, *Vicente e Ivanir*, por confiarem em mim, por me amarem e
aceitarem minhas escolhas.

À minha irmã *Monica*, por sua amizade e seu companheirismo.

À minha irmã *Moab*, por me visitar em São Carlos, por contar as histórias que ocorriam em São Paulo
e especialmente pela *Mel*, minha alegria, sobrinha adorada, “Xodó da Titia”.

À minha tia *Tereza*, *in memoriam*, que fez sua “passagem” em meu primeiro ano de mestrado. Sua
força e sua coragem me motivaram a não desistir, mesmo nos momentos mais difíceis.

Às minhas madrinhas *Marli* e *Bibi*, pela cumplicidade.

Ao *Denilson*, meu companheiro, por sua compreensão e paciência desde o processo de ingresso na
pós-graduação. A você minha admiração, meu carinho e meu amor sincero.

*No meu dicionário roqueiro é aquilo
Que fica lá em cima da rocha
E fanqueiro é o cara
Que vende tecido
De linho e algodão
Pra mim sertanejo
É antes de tudo um forte
E axé é força e boa sorte
No meu dicionário
Galera é apenas uma embarcação*

*Pois é
É preciso cuidado com que a gente fala
A boca mais sábia é aquela que cala
E que pensa bastante antes da canção
Porque um poder bem mais alto sempre baixa a crista
Do crente que abafa, pensando que artista
É só quem se avista na televisão*

*Artista foi quem decorou a Capela Sistina
Quem edificou a Muralha da China
Quem moldou os bronzes de Benin, ilê ifê
Artista, em meu ponto de vista, é quem cria e conquista
E que sabe que, mesmo em capa de revista
Artista é artista e mané é mané*

(Dicionário - NEI LOPES)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me trazer até São Carlos, cidade de muitas lágrimas, saudades, conquistas, aprendizagens e amizades verdadeiras.

Aos organizadores da rede de cursinho Educafro, Núcleo Madre Cabrini, pela primeira oportunidade de ser professora.

Aos meus alunos Lilian, Liliane, Dona Cida, Isa e Sérgio, por compartilharem suas vidas comigo.

À professora Lúcia Maria de Assunção Barbosa, minha orientadora, por ser compreensiva, paciente e por permitir que eu crescesse, sempre respeitando meu tempo e minhas escolhas.

À professora Camila Höfling, por compartilhar comigo o amor aos dicionários e pela ajuda durante a qualificação.

Ao professor Nelson Viana, que me fez pensar sobre ensino na qualificação.

À professora Ana Lúcia Silva Souza, pela oportunidade de assistir duas palestras, no Congresso de Leitura, realizado em Campinas, e na Jornada de Letras, o que aguçou meu desejo de estudar o *hip hop*. Tê-la em minha banca de defesa é uma honra.

À professora Maria Silvia Cintra Martins, que sempre me convidou para participar de vários encontros de grupos para que eu pudesse compartilhar minha pesquisa em andamento.

A professora Kassandra Muniz que aceitou ser suplente na banca de defesa.

Ao professor Sidney Barbosa e à Aninha, que me acolheram com muito carinho em Brasília.

Aos meus companheiros diários de trabalho, que se tornaram amigos nesta jornada, à Rita, Eduardo, Anderson, Beatriz, Fernandinha, Fernandona, Lilian, Mariana e Juciene por assumirem responsabilidades que não eram deles, nos momentos em que eu estava ausente.

Ao professor Oswaldo Mário Serra Truzzi, diretor da EdUFSCar, que me dispensou para que eu realizasse as disciplinas e, posteriormente, a redação deste trabalho.

À Patrícia, minha amiga de graduação, por ler e reler cuidadosamente minha pesquisa, contribuindo com seu ponto de vista, para me ajudar em uma pesquisa de meu interesse.

À Meiry, amiga paciente e meiga que acompanhou minhas dúvidas e angústias pela internet e realizou a revisão.

A Solange, amiga que me acompanhou desde o processo de ingresso, obrigada por me fazer sorrir, e por compartilhar comigo bons momentos.

Aos amigos Daniela, Paulo, Josiane, Thamara, Benedita, Eneida, Nilza e Jack por insistirem em serem meus amigos e por jamais desistirem de mim, embora eu por vezes parecesse uma pessoa tão ausente.

A Betânia, por sua paciência nos momentos de desespero.

Ao Douglas, por me doar a Revista Rolling Stone, que foi fundamental para o desenvolvimento das análises, e também por sua amizade e disposição em me ajudar em tudo, a qualquer hora.

À Marcinha, minha prima, que sempre me perguntou como caminhava a pesquisa e que torceu muito para que eu chegasse até o final.

Agradeço também a todos os meus primos, primas, tios, tias e ao meu afilhado Breno, por se preocuparem comigo e sentirem saudades. Amo vocês!

RESUMO

Este estudo visa a analisar as práticas linguísticas dos jovens ativistas do *hip hop*, em especial, por meio da expressão artística do *rap*, concebido como a face mais expressiva do movimento, em que os jovens utilizam uma linguagem específica para referirem-se aos problemas relativos ao cotidiano da periferia. Entre eles, podem ser citados a violência, a pobreza, o desemprego e as falhas do poder público.

Para realizar a pesquisa, foram selecionados os principais temas que circundam as letras de *rap* e, posteriormente, foram elaborados os campos semânticos desses temas, compostos a partir das unidades lexicais *mãe*, *periferia*, *favela*, *gueto*, *polícia*, *hip hop* e *escola*.

A partir da elaboração desses campos semânticos, foi possível observar como tais unidades são descritas em três dicionários de diferentes tipologias, *O Míni Houaiss – Dicionário de Língua Portuguesa*, o *Dicionário Aurélio* e o *Dicionário de Usos do Português*, em comparação com os sentidos propostos nas letras de *rap*, para verificar a ocorrência de manutenção ou afastamento no que tange ao sentido dos vocábulos.

Os dados apontam para um distanciamento, ao que se refere ao sentido propostos nos dicionários e nas letras de *rap*.

Palavras-chave: *rap*; linguagem em uso; dicionários.

ABSTRACT

This study aims to analyze the linguistic practices by hip hop young activists, specially, through the artistic expression of the rap, conceived as the most expressive face of the movement, where the young people use a specific language to referring to the problems related to the daily routine of the suburbs. Among them, may be cited, violence, the poverty, unemployment and the failures in the government.

To accomplish the proposed research, the main themes presented in the rap lyrics were selected, and, later, the semantic fields concerning the same themes, composed from the following lexical units, mother, suburbs, slums, ghettos, politics, hip hop and school were elaborated.

From the elaboration of these semantic fields, it was possible to observe how such units are described in accordance with three dictionaries from different typologies, O Mini Houaiss – Dicionário de Língua Portuguesa, o Dicionário Aurélio e o Dicionário de Usos do Português, in comparison with the meanings proposes in the rap lyrics, to verify the maintenance occurrence or removal, according to the relation of the sense of the words.

Key words: rap; language use; dictionaries.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -Tipologia dos dicionários.....	37
Quadro 02 – Temas presentes no corpus selecionado.....	47
Quadro 03 – Unidade Lexical Mãe.....	53
Quadro 04 – Unidades Lexicais Favela, Gueto e Periferia.....	60
Quadro 05 – Unidade Lexical Polícia.....	66
Quadro 06 – Unidades Lexicais <i>Hip Hop</i> e <i>Rap</i>	72
Quadro 07 – Unidade Lexical Escola.....	77

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - A Voz do Excluído	92
Anexo 2 - Ao favile e a favela.....	94
Anexo 3 - Atitude Errada.....	96
Anexo 4 - Manifesto do Gueto.....	98
Anexo 5- Fantástica Fórmula Mágica da paz.....	99
Anexo 6 - Fim de semana no parque	103
Anexo 7 - Racistas Otários	106
Anexo 8 - O homem na estrada	109
Anexo 9 - A Lei.....	112
Anexo 10 - Assim que se fala.....	114
Anexo 11 – Esteja em paz.....	117
Anexo 12 – No Brooklin.....	121
Anexo 13 – Rap é compromisso	123
Anexo 14 – Segue sua rota.....	125
Anexo 15 –Hey Boy.....	127
Anexo 16 – A Cultura.....	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O MOVIMENTO HIP HOP.....	15
1.1 Trajetória do movimento hip hop: da Jamaica para o mundo, o caso brasileiro	15
1.2 O hip hop e suas manifestações artísticas: algumas definições	20
1.3 O rap: muito mais que um gênero musical.....	21
1.4 Juventude negra, raça e educação	23
2 ESTUDOS ESPECÍFICOS SOBRE O LÉXICO.....	29
2.1 O léxico socialmente constituído	29
2.2 A Lexicologia	33
2.3 Lexicografia.....	35
2.3.1 O Dicionário	36
2.4 Lexicultura.....	40
2.5 Certeau e os estudos do cotidiano	42
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1 Metodologia da pesquisa	45
3.2 A seleção: dos grupos, das letras e unidades lexicais	46
3.3 Perfil dos grupos e rappers cujas letras foram selecionadas.....	47
4 NA BATIDA DO RAP EU VOU DIZENDO O QUE SE SUCEDE: ANÁLISE DO CORPUS.....	50
4.1 Análise das unidades	50
4.1.1 Análise da Unidade lexical Mãe	50
4.1.2 Análise das unidades lexicais favela/gueto/periferia.....	56
4.1.3 Análise da unidade lexical Polícia	63
4.1.4 Análise das Unidades Lexicais <i>Hip Hop e Rap</i>	66
4.1.5 Análise da Unidade lexical Escola	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

7 ANEXOS.....	92
----------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de minha prática de ensino como professora voluntária de Literatura Brasileira, no ano 2006, em uma organização não governamental conhecida como Educafro¹ (Educação de Afrodescendentes), localizada na cidade de São Carlos, no Estado de São Paulo.

Essa organização presta serviços à comunidade carente. O “Cursinho”, como é chamado pelos frequentadores do local, é um dos serviços a que essa população tem acesso, e seu objetivo é explicar conteúdos teóricos, auxiliando na formação da cidadania dos alunos.

Dessa forma, disciplinas como Língua Portuguesa, Química, Física e Matemática são ministradas. Em adição, disciplinas que não são requisitadas pelos vestibulares também são ensinadas aos alunos, como Ética e Cidadania.

Durante dois anos, ministrei aulas de Literatura Brasileira e Portuguesa para pré-vestibulandos e, no segundo ano de minha prática, fui responsável por coordenar o projeto social intitulado “Responsável pelo Dia”, para a organização Educafro.

Minha função era trabalhar com as dificuldades do dia na organização. Para esse contexto, deve-se considerar o termo *dificuldades* abrangendo também as financeiras (ausência de giz, de folhas e de dinheiro para cópias), para que os professores pudessem levar para a sala de aula outros conteúdos, além daqueles previstos nas apostilas. Além disso, destaca-se a escassez de material multimídia para o desenvolvimento das aulas.

Os professores eram voluntários e alunos de graduação e pós-graduação em diferentes universidades. Não havia nenhum subsídio por parte da organização. Assim, todas as despesas, desde transporte até fotocópias para as atividades extras, eram encargos dos professores.

Para a explicação dos conteúdos, os professores e os alunos recebiam apostilas semestrais, que deveriam ser rigidamente seguidas, para que não ocorresse nenhuma espécie de atraso, pois havia muita dificuldade para a reposição das aulas.

Raramente eram organizadas reuniões pedagógicas, visto que os coordenadores não conseguiam concentrar grande parcela dos professores para a atividade. Na primeira reunião da qual participei, meus colegas reclamaram do fato de o cursinho ser muito distante e

¹ A Educafro – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes –, rede de cursinhos pré-vestibulares comunitários, é uma entidade do movimento negro, sem fins lucrativos, que luta por justiça. A Educafro converte as estruturas institucionais que secularmente oprimiram o povo pobre e negro, de modo que essas instituições estejam a serviço dos excluídos.

de haver gastos. No entanto, a coordenação recebia a orientação da cidade de São Paulo, local onde se localizava a matriz do cursinho, com a informação de que em breve haveria um valor que seria repassado para o transporte dos professores. No entanto, essa verba nunca chegou. Pelo menos não até quando lá estive.

Além disso, alguns professores reclamavam das dificuldades para a manutenção do programa de conteúdo, visto que os alunos apresentavam muitas dificuldades, não sendo possível ultrapassá-las apenas para o cumprimento do programa. Uma sugestão foi realizar reposição das disciplinas de Física e Química nas manhãs de sábado.

Durante o primeiro semestre, a atividade foi realizada regularmente, embora a frequência dos alunos fosse baixa. No entanto, no segundo semestre, as reposições não foram mais realizadas, pois, nesse momento, os alunos necessitavam de aulas sobre as obras literárias exigidas para o vestibular.

A sala de aula era composta por adultos com idades que variavam entre 21 e 53 anos. Geralmente as pessoas que participavam do cursinho, que se localizava em um salão no fundo de uma igreja, eram moradoras dos bairros ou participantes da igreja. Nesse período, tive muitas experiências, e algumas, em especial, foram muito significativas. Dentre elas, destaco o contato com os alunos trabalhadores oriundos de fábricas, as empregadas domésticas, os trabalhadores do comércio, entre outros. Aliado a isso, reconheço o esforço e a vontade que esse público mostrava em atender às minhas aulas, todas as quartas-feiras, às 21 horas, depois de um dia bastante cansativo de trabalho.

As aulas de Língua Portuguesa eram distribuídas entre três professores: um professor ministrava gramática; outro, um curso específico das obras literárias sugeridas para o vestibular; e eu ministrava aulas de Literatura Brasileira e Portuguesa. Assim, o quadro era composto por seis aulas de Língua Portuguesa no decorrer da semana, com aulas de segunda a sábado.

No conteúdo programático de Literatura Brasileira e Portuguesa, era utilizada uma apostila oferecida pela organização. Esse material era elaborado pelo próprio núcleo e era composto pelo contexto histórico em que se desenvolvia determinado movimento literário, seguido da descrição das características da escola e seus autores. Ao final da unidade havia questões de múltipla escolha as quais os alunos deveriam responder e outro conjunto de questões propostas para serem realizadas em casa, como reforço às atividades trabalhadas em sala de aula. Todas as unidades eram organizadas e trabalhadas dessa forma.

Para dinamizar as aulas e torná-las mais atrativas, eu costumava levar algumas questões de múltipla escolha propostas pelos vestibulares. Em adição, nós, os professores,

sempre nos reuníamos para elaborar simulados, os quais aplicávamos mensalmente. No planejamento pedagógico, havíamos pensado na possibilidade de realizar um simulado dissertativo, cujo objetivo seria auxiliar os alunos a controlarem o tempo para a realização das provas. Todavia, por falta de tempo hábil, esse simulado não foi aplicado.

Durante o mês de novembro, a frequência dos alunos diminuiu, visto que esse período era difícil tanto para os professores como para os alunos, em decorrência das revisões e da ansiedade para as provas dos vestibulares que se aproximavam. Dessa forma, por razões diversas, alguns alunos desistiram do curso.

Em uma de minhas aulas, em que trabalhei o movimento literário denominado Realismo, em meados de agosto, ao relatar sobre a descrição do livro *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, um dos alunos comparou a descrição do cenário do cortiço com a paisagem da periferia em que ele morava, ressaltando que, embora a descrição da paisagem fizesse alusão a um lugar “triste”, ele não saberia se conseguiria morar em outro lugar que não fosse lá.

Essa observação do aluno provocou risos entre outros alunos da sala, especialmente entre os mais jovens. Porém esse foi, muito provavelmente, o dia em que comecei de fato a refletir sobre meu papel como professora e sobre a qualidade das aulas que eu deveria ministrar àqueles alunos. Pude perceber que algumas mudanças eram necessárias e que os alunos poderiam se interessar mais pelas aulas, aproveitando e assimilando melhor o conteúdo por mim abordado. Assim, resolvi levar para as aulas algumas letras de música para realizarmos as interpretações que provavelmente os ajudariam nas provas do vestibular.

Outro momento bastante marcante foi o desenvolvimento da música do Adoniran Barbosa, *Samba do Ernesto*, pois essa música abordava aspectos da linguagem coloquial, o que se contrapunha à linguagem formal que utilizávamos em nossas aulas regularmente. Na semana seguinte, realizei uma atividade relacionada com a letra da música *Nego Drama*, do grupo de *rap* Racionais MC’S, com a finalidade de levar para a sala de aula um estilo de música apreciado pelos jovens que participavam do cursinho, segundo eles me relatavam em nossas conversas.

Racionais MC’S é um dos mais importantes grupos de *rap* do Brasil, cuja ideologia é divulgar a desigualdade racial e social que assola a sociedade brasileira. Escolhi esse grupo pelo conhecimento prévio que eu possuía a respeito da importância deles no cenário do hip hop na cidade de São Paulo.

Essa atividade foi de fato muito importante, pois, ao trabalhar com *rap* (ritmo e poesia), procurei discutir com os alunos o modo como a música estava organizada.

Primeiramente, solicitei que eles verificassem se existia, naquela composição, métrica, rima, aliterações e assonâncias, e, por fim, analisamos as letras.

Durante o desenvolvimento da análise, um dos alunos me questionou se aquele texto não seria uma crônica, visto que relatava experiências da vida real. Achei sua interferência muito importante e, para a aula seguinte, combinei de levar para discussão diferentes crônicas.

Outro comentário importante foi de um aluno muito participativo nas aulas. Ele mostrou-se autor de poemas e demonstrava apreciar muito as aulas de literatura, pois pretendia concorrer a uma vaga no curso de Letras. Para esse aluno, o *rapper* Mano Brown, que elaborou a letra, relatava a experiência de vida na favela, a opressão policial e a miséria, no entanto, embora o aluno não fosse de etnia negra, ele se autodenominava um “Negro Drama”, pois vivenciava as dificuldades que o *rapper* expressava nas composições e se identificava com elas.

Ao trabalhar com letras de *rap*, explicitando as marcas de linguagem em uso e outros modos de compreender e apreender o mundo, percebi que os alunos se mostravam interessados, visto que, naquele momento, poderíamos discutir outros modos de vida, reflexo de uma estrutura social fundamentada na exclusão e na violência.

Diante dessa experiência, interessei-me cada vez mais pelo *rap*, porque comecei a interpretar suas letras de outra maneira, como nunca havia feito. Assim, propus-me a compreender a linguagem do *rap*, utilizando elementos da Linguística Aplicada Mestiça, por meio dos pressupostos teóricos da Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura.

Em linhas gerais, o *rap* (*rhythm and poetry*) é um estilo musical originado do canto falado da África Ocidental, adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no período pós-guerra. É também um tipo de música eletrônica, um canto falado. Suas letras são longas, permeadas por palavras com um tom mais ofensivo, gírias e um vocabulário específico que retrata o cotidiano de viver nas grandes periferias urbanas. As letras tratam de problemas relativos a esse universo, entre os quais podem ser destacados: a pobreza, o desemprego, o próprio *rap*, o racismo, as falhas do poder público, os perigos de morte, a vida nas cadeias, o tráfico de drogas, a violência e a riqueza e a ostentação dos *playboys*.

O *hip hop* surgiu na Jamaica, a partir dos anos 1920, sendo posteriormente difundido para países como Estados Unidos e Brasil.

No Brasil, o movimento surgiu no final da década de 1970 e início dos anos 1980, na cidade de São Paulo. Além do *rap*, o *hip hop* é composto pelo *break* e o grafite. No

entanto, outros pesquisadores, como Souza (2009), relatam que o movimento também é composto pela consciência, pela prática do basquete de rua e pela literatura marginal.

O *break* é a dança praticada pelos *break-boys* e pelas *break-girls*, como são chamados, a partir da sonoridade elaborada pelo disc-jóquei, DJ. Os grafiteiros são os responsáveis pelas pinturas expostas nos muros das grandes cidades, em que os jovens elaboram desenhos que reclamam direitos. O basquete de rua é uma modalidade esportiva diferente do basquete tradicional, na qual os jovens efetuam jogadas sem muito rigor técnico, ao som da música *rap*. Por fim, a Literatura Marginal trata-se de uma composição escrita de crônicas ou poemas elaborados por jovens que narram as vivências e experiências de vida na favela.

Dentre essas práticas, a mais expressiva é o gênero musical *rap*. Na perspectiva de Andrade (2007), o sucesso do *rap* entre os jovens é parte integrante de um conturbado contexto urbano, em que a juventude desempregada e desiludida vem se tornando o grupo mais vulnerável à violência. Desse modo, os jovens se organizam em microgrupos de sociabilidade e elaboram diferentes manifestações culturais que denunciam a opressão, ganhando, assim, adeptos em diferentes espaços.

Nesse sentido, os objetivos da pesquisa são:

Objetivo Geral:

1. Focalizar o *hip hop* como um importante movimento cultural das periferias brasileiras, com o intuito de diminuir o preconceito que ainda circunda suas práticas.

Objetivo Específico:

1. Realizar um estudo comparativo sobre o modo como as unidades lexicais *mãe*, *periferia*, *favela*, *gueto*, *quebrada*, *polícia*, *rap*, *hip hop* e *escola* são apresentadas em três dicionários de tipologias diferentes, o *Míni Houaiss – Dicionário de Língua Portuguesa*², *O Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*³ e o *Dicionário de Usos do Português*⁴, e, posteriormente, nas letras de *rap*, de acordo com os grupos e compositores selecionados para a pesquisa..

² Doravante MH

³ Doravante NDALP

⁴ Doravante DUP

Para alcançar esses objetivos, elaboram-se as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como os jovens ativistas da cultura *hip hop* produzem sentidos no uso social da língua por meio do *rap*?
2. Quais são as motivações desses jovens?

A justificativa para esta pesquisa ocorre pela presença e participação dos jovens *rappers* em outros contextos de uso da linguagem, caracterizando-se como uma importante ferramenta que poderá ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, em especial no que se refere ao uso do dicionário e da linguagem oral.

Acrescido a isso, no âmbito educacional, destacam-se a importância da lei 10.639, as Ações Afirmativas e o parecer do Conselho Nacional de Educação, que propiciaram a promoção de políticas em torno da diferença, comprometendo-se, desse modo, com a desconstrução de preconceitos e estereótipos.

A presente dissertação está organizada em quatro capítulos. O capítulo I traça o percurso histórico do movimento *hip hop*, explicitando suas práticas, como o *rap*, o *break*, basquete de rua, literatura marginal e o grafite. Apresenta-se, ainda, ao longo do capítulo, o conceito de juventude. O capítulo II discute as principais teorias que fundamentaram este trabalho (Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura), abordando as definições teórico-metodológicas do conceito de palavra ou unidade lexical. O capítulo III apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa, e o capítulo IV é constituído pela análise das unidades lexicais *mãe*, *periferia*, *favela*, *gueto*, *polícia*, *rap*, *hip hop* e *escola*.

Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa e as possibilidades de novos estudos que ela poderá possibilitar.

1 O MOVIMENTO HIP HOP

Neste capítulo, será explicitado um percurso histórico do movimento *hip hop*, atentando a países como Jamaica, Estados Unidos e Brasil, além de descrever cada uma das modalidades do movimento.

Visto que o *hip hop* é concebido como a manifestação cultural de jovens de ascendência negra, serão discutidos aspetos referentes à juventude, à raça e à educação.

1.1 Trajetória do movimento hip hop: da Jamaica para o mundo, o caso brasileiro

É por isso que temos a voz
 Da razão de falarmos o que sentimos
 E o que vem do coração
 São coisas que todos têm medo de falar
 São fatos da vida que vamos declarar
 Não adianta esquecer o que passou
 Por isso sofremos
 Foi quando tudo começou
 O que nos enobrece é a arte do *hip hop*
 É o que nos fortalece
 E nos deixa até mais forte

(*A verdade maldita* – Conexão Break Rapper's).

Durante o período da diáspora escravista, afirma Lindolfo Filho (2007) que o negro e sua cultura se espalharam pelo mundo, “rearticulando-se com outras modalidades, metamorfoseando-se e sendo transmitidas a outras gerações na forma tradicional africana que se caracterizava pela oralidade”.

O conceito de diáspora, na perspectiva adotada por Lindolfo Filho (2007), reporta-se ao processo de dispersão dos judeus pelo mundo, no entanto, para o caso dos negros provindos da África, constata-se outra configuração, caracterizada pela comercialização dos escravos e, posteriormente, pela imigração para a Europa. Sobre isso, Lopes (2004, p. 236) relata:

A Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio de escravos, ocasionou a dispersão dos povos africanos tanto através do Atlântico quanto através do oceano Índico e do Mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século V – quando talvez mais de 10 milhões de negros foram levados por traficantes europeus principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a imigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo Diáspora serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de países africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram.

A partir do conceito de diáspora, entende-se que as práticas culturais dos jovens negros, especificamente o movimento *hip hop* que aqui se objetiva estudar e compreender, são descritas a partir do processo de dispersão dos africanos no Atlântico Negro⁵, parafraseando Gilroy⁶ (2001). Nesse processo, relata o autor que diferentes povos de origem negra foram enviados para diversas regiões, e, entre as dificuldades e os preconceitos que vivenciaram nesses espaços, estava a língua.

Na Jamaica, afirma Lindolfo Filho (2007) que, a partir dos anos de 1920 e 1930, observava-se o desenvolvimento econômico por meio da abertura de fábricas, o que proporcionou um crescimento da classe operária. Diante desse novo contexto, muitos jovens migravam do interior do país, com o objetivo de conquistar outras oportunidades de trabalho na capital, que propusessem mudanças em suas condições de vida. No entanto, esses jovens não possuíam especializações ou conhecimentos para a ocupação dos cargos ofertados. Dessa forma, fruto da falta de oportunidades, muitos deles encontraram na rua um meio para suprir as frustrações, por não serem aceitos no primeiro emprego.

Foi na rua que muitos desses jovens nomeados como *rude boys*⁷ vivenciaram experiências de miséria e violência. Aparentemente, eles eram identificados pela presença de *dreadlocks* (longas tranças realizadas em cabelos crespos), pelas roupas largas, pelo uso de um vocabulário repleto de palavras com tom mais agressivo e gírias.

Diante desse contexto conturbado de miséria e industrialização, destaca-se a presença de Marcus Moisan Garvey, historiador jamaicano nascido em 1887, que possuía grande capacidade oratória, ao pronunciar um discurso que clamava por direitos iguais e justiça sociais.

Na visão de Lindolfo Filho (2007, p. 131), a contestação de Garvey “assumiu caráter separatista e messiânico”. A ideia de repatriamento era comum no movimento

⁵ O termo Atlântico Negro é utilizado frequentemente na sociologia das relações raciais para expressar que o processo de racialização, assim como os ideais antirracistas, embora se apresentem muitas vezes como nacionais ou até regionalistas, são construídos em um circuito transatlântico que abrange o Novo Mundo, a Europa e a África (GILROY, 2001, p. 9).

⁶ As culturas do Atlântico Negro criaram veículos de consolação com a mediação do sofrimento. “Elas especificam formas estéticas e contra-estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer” (GILROY, 2001, p. 13).

⁷ Para Lindolfo Filho (2007, p. 132), os *rude boys* eram rapazes com idade entre 14 e 30 anos, os quais migravam para a capital, sem prática de trabalho especializado de qualquer espécie e que, sendo o nível de desemprego de 35%, passavam à vida de rua, com suas navalhas mortais, em meio a muito rum, insolência e ganja.

afrodescendente de então. Dessa forma, negro deveria deixar a América para o homem branco e voltar à sua terra de origem.

No final da década de 1960 e no começo dos anos 1970, Kool Herc⁸, DJ jamaicano, foi morar na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, levando consigo as técnicas musicais desenvolvidas na Jamaica. Ele chegou ao país e foi morar no bairro do Bronx, que era constituído, em sua maioria, por jovens negros e latinos em situação semelhante a dos jovens jamaicanos.

É o movimento Hip-Hop, uma cultura inventada por jovens afro-americanos a partir de influência afro-jamaicana, reinventada nas periferias das grandes metrópoles do planeta e que tem não só garantido aos jovens dessas áreas o resgate da auto-estima, a sensação de pertencimento, por seu teor contestatório, como também tem preenchido lacunas deixadas pela educação formal (LINDOLFO FILHO, 2007, p. 128).

Nesse período, Félix (2005) lembra que os Estados Unidos presenciaram a desmontagem dos programas sociais conquistados durante as lutas políticas do pós-Segunda Guerra Mundial, o crescimento brutal do desemprego e do subemprego, o acirramento da segregação socioespacial e racial nas cidades, em decorrência de investimentos públicos e privados em áreas de interesse das elites e, mais importante, o abandono das áreas ocupadas pelos pobres e negros. Essa situação intensificou a retomada das lutas pelos direitos civis, que visavam a mudanças nas leis segregacionistas que exigiam o reconhecimento da cidadania e do direito dos negros.

Dentre os movimentos de luta pelo reconhecimento das diferenças entre os negros e brancos, de acordo com (2009a), merecem destaque: o movimento Panteras Negras, que possuía como objetivo a criação de um Estado negro que fosse capaz de alterar a relação de forças, até então favorável apenas aos brancos; o movimento *Black Power*, com relevante papel para a disseminação de uma visão política com base em referências africanas negras que inauguraram o *slogan* “Negro é lindo”, exaltando posturas e atitudes que pudessem levar a novos patamares e modelos de cidadania.

Outro importante colaborador do *hip hop*, segundo afirma Félix (2005), foi Grand Master Flash, que criou o que se conhece como técnica do *scratch* (que consiste em

⁸ Kool Herc, Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa foram os pioneiros na prática do movimento cultural *hip hop* (FÉLIX, 2005, p. 15).

girar o disco com a mão para frente e para trás), em velocidade maior que a normal, causando um atrito entre a agulha e a face do disco, fazendo com que o som se pareça com o de disco riscado. Merece destaque também Afrika Bambaataa, um dos primeiros a incluir a questão política no movimento *hip hop*. Sobre isso, Jovino (2005, p. 4) comenta:

O *rap*, como estilo ou forma musical, surgiu nos anos 70, nos Estados Unidos, sob a influência dos DJ'S de origem jamaicana da cidade de Nova York. Entre eles estão Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grandmaster Flash. Durante os bailes, estes DJ'S apresentavam os dançarinos, fazendo o papel de mestres de cerimônia⁹. Muitas vezes, os dançarinos recebiam os microfones para que improvisassem versos durante a execução das músicas. Nasceram a música e o músico que conhecemos atualmente como *rap* e MC.

Desse modo, a partir da experiência do Bronx, o *hip hop* e o *rap* se espalharam, já no final dos anos 1970, pelos Estados Unidos e também para países como México, Cuba, Argentina, Alemanha, Espanha, Inglaterra, entre outros. A rápida circulação de bens culturais foi proporcionada pela globalização, assim como o acesso às diferentes tecnologias de imagem e som que contribuíram para a dispersão do *hip hop*.

Quanto ao Brasil, Félix (2005) comenta que o *hip hop* surgiu inicialmente na cidade de São Paulo, no final da década de 1970 e começo da década de 1980. Nesse período, o país vivenciava o fim do regime militar e a hiperinflação, que causavam o desemprego e a precarização das condições de vida de grande parte da população. Todo esse conjunto histórico e social impulsionava e consolidava grande parte dos movimentos sociais, que exigiam que suas vozes fossem ouvidas. A primeira manifestação artística que chegou ao Brasil foi a dança *break*¹⁰.

A dança *break*, na perspectiva de Gimeno (2009), foi difundida em diversos concursos realizados pela mídia, os quais foram reforçados por filmes como *Flash Dance* e pelos passos marcados do cantor *Michael Jackson*, no álbum *Triller*. No entanto, o *break*

⁹ O mestre de cerimônia (MC) é o autor e cantor das letras de *rap* que relata, por meio de sua observação e vivência, as dificuldades, os preconceitos e a violência no interior das periferias. (SOUZA, 2009a, p.70)

¹⁰ É um tipo de dança que surgiu nos bailes *black*, em que os dançarinos se movimentam como robôs a partir da musicalidade promovida pelo DJ. (FÉLIX, 2005, p. 62)

ganhou maior destaque nos bailes *blacks*¹¹ que ocorriam nas cidades de São Paulo e no Rio de Janeiro.

Entre os anos de 1984 e 1989, o *break* conquistou um espaço maior entre os jovens negros, por intermédio da figura de Nelson Triunfo, considerado o primeiro *breaker* (dançarino de *break*) brasileiro. Além de Nelson Triunfo, é importante destacar a importância de Thaíde (mestre de cerimônia) e DJ Hum, pioneiros no *hip hop* paulistano. Acrescido a isso, observa-se a importância do espaço dedicado ao *hip hop*, na Galeria 24 de Maio, na região central da cidade de São Paulo, visto que esse espaço se caracteriza pelo grande disponibilidade de materiais (camisetas, CDs, convites para bailes, salões de cabeleireiros, entre outros) sobre a cultura *hip hop*.

Acerca dessa galeria, Gimeno (2009) afirma que a concentração em um novo espaço permitiu a esses sujeitos, que antes apenas “consumiam” um gênero musical e um estilo de dança vindos de fora, imprimir suas marcas de “pertencimento, compromisso e visão de mundo. Além disso, possibilitou a restituição e ressignificação dos sentidos originais de uma dança que surgia entre os jovens negros, pobres e moradores da periferia como eles” (GIMENO, 2009, p. 40).

Andrade (1996) relata que, no final da década de 1980, mais especificamente em 1988, surgiu o MH20, Movimento *Hip Hop* Organizado, idealizado por Milton Sales, com o objetivo de fazer uma revolução cultural no país, por meio da música. Esta passou a ser compreendida como uma “arma” que deveria ter como alvo alterar a estrutura do sistema. Esse novo estilo de música ficou conhecido como *gangsta rap*. A partir daí, as letras das músicas compostas pelos *rappers* tratavam, via de regra, de questões políticas e sociais. O contexto histórico do *hip hop* no Brasil é explicitado também por Silva (1999, p. 29):

No início dos anos 90, verificamos entre os *rappers* paulistanos a influência da segunda geração do *rap* norte-americano. Nesse momento, a luta pelos direitos civis da população negra e a mobilização dos símbolos afro-americanos internacionalizados integram-se ao universo discursivo de grupos como o *Public Enemy*, *NWA*, *KRA One*, *Eric B* e *Rakin*, entre outros. Referências à África, à Malcom X, a Martin Luther King, aos Panteras Negras, ao Islã. Presentes nas músicas, nos videoclipes e nas capas dos discos, esses símbolos se tornaram também familiares aos *rappers* paulistanos.

¹¹ Na perspectiva de Félix (2005, p. 18), os bailes *black* são locais de práticas políticas, pois, nesses bailes, as pessoas constroem suas próprias identidades. O público que frequenta os bailes *black* não vai ao baile somente para ouvir músicas e dançar, mas também porque lá todos se sentem entre iguais e não são discriminados. Esse

Em linhas gerais, o *hip hop* compõe-se pelas seguintes expressões artísticas: o *break*, o grafite e o *rap*. Na pesquisa desenvolvida por Souza (2009), a autora acrescenta também a importância da consciência, com o objetivo de expor claramente o compromisso do *hip hop* com as lutas da periferia. Há também uma forte ligação com a literatura marginal e a prática do basquete de rua (*Street Ball*), em uma configuração diferente do basquete tradicional. A autora explicita a instabilidade do movimento, que vai apreendendo outras práticas artísticas e esportivas que estão sendo paulatinamente implantadas no cenário da periferia.

A seguir, será definida cada uma das manifestações artísticas do *hip hop*.

1.2 O hip hop e suas manifestações artísticas: algumas definições

Sobre as manifestações artísticas do *hip hop*, afirma-se que ele é composto pelo mestre de cerimônia, MC, o disc-jóquei, DJ, o dançarino, o grafiteiro, o basquete de rua e a literatura marginal.

O mestre de cerimônia, de acordo com Souza (2009), é o autor das letras de *rap*. Ele se utiliza da voz para relatar o cotidiano da vida na periferia.

O DJ é o responsável pela aparelhagem eletrônica, composta por dois toca-discos e um microfone. Ele também realiza o *beat box*, que é a técnica de produzir sons e batidas com a boca. Utiliza-se de tecnologia para a elaboração do som, e um dos elementos mais importantes na composição do *rap* “é permitir àqueles que o produzem unir fragmentos variados, possibilitando a inserção de sons e ruídos que remetem às experiências e às representações sonoras da vida nos centros urbanos” (SOUZA, 2009, p. 71).

O *break* é a dança praticada pelos *break-boys* (*b-boys*) e *break-girls* (*b-girls*), que se movimentam com “flexibilidade” e “agilidade” (SOUZA, 2009, p. 72), a partir do ritmo desenvolvido pelo disc-jóquei (DJ).

O grafite é a arte visual exposta nos muros das grandes cidades, que mescla imagem verbal e não verbal, veiculando as ideias do movimento *hip hop*. Os desenhos fazem alusão aos direitos à cidadania, como as letras de *rap*. Nos dias atuais, os grafiteiros, como são chamados, possuem grande visibilidade no cenário artístico urbano, sendo alguns deles convidados a participar de exposições.

tipo de entretenimento é vivenciado como um momento alternativo ao racismo cotidiano, pois nesse lugar não se reporia a hierarquia racial presente no cotidiano.

A expressão “literatura marginal” se refere à produção literária realizada por escritores originários de grupos sociais marginais. Esses escritores vivenciam situações de marginalidade social e editorial, pois são moradores da periferia e se utilizam de uma linguagem específica, com muitas gírias, para expressar o que é peculiar no espaço em que descrevem suas produções escritas.

Para Nascimento (2006), os mais importantes escritores são Sergio Vaz, considerado um dos criadores da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), que promove saraus em um boteco na zona sul da cidade de São Paulo; e Ferréz, que possui inserção na mídia por meio da participação na *Revista Caros Amigos*. Ele é liderança no movimento cultural, conhecido como “movimento cultural 1dasul”, ou seja, expressão que revela a união entre todos os moradores que residem na zona sul da cidade de São Paulo. E, por fim, cita-se Ademiro Alves, o Sacolinha, um jovem escritor que é idealizador do projeto “Literatura Marginal”, cujo objetivo é divulgar textos de escritores da periferia e incentivar a leitura.

Para esse contexto, é importante destacar a importância dos Fanzines. Essas são produções que possuem colagem de textos diversos, matérias de jornais, revistas, letras de músicas e poemas cujo objetivo é promover a circulação de notícias sobre os bairros onde os escritores residem.

O basquete de rua, segundo as orientações da Liga Brasileira de Basquete de Rua (LIIBRA), é diferente do basquete tradicional, pois cria suas próprias regras. Essa modalidade esportiva é marcada por jogadas que envolvem brincadeiras e flexibilidade do praticante, com o objetivo de motivar a participação, descontração e integração social, no qual o caráter competitivo é o meio, mas não a finalidade maior. O jogo, geralmente, é realizado em quadras improvisadas, ginásios ou viadutos, ao som da música *rap*.

A seguir, será feito um breve histórico sobre o gênero musical *rap*, haja vista ser ele o objeto de estudo.

1.3 O rap: muito mais que um gênero musical

Rap é compromisso
(Sabotage)

O *rap* (ritmo e poesia) é um tipo de música eletrônica e também uma das manifestações artísticas do movimento *hip hop*. O *rap* é um *canto falado*, cuja base é

realizada por meio do trabalho cooperativo entre o DJ, responsável pelo (som), e o mestre de cerimônia (MC), que é o *rapper* que compõe e canta as letras.

As letras, por sua vez, são geralmente longas e permeadas por expressões locais que exprimem um universo particular. No contexto brasileiro, as letras relatam a estrutura da sociedade brasileira; explicitamente, suas contradições. De acordo com Souza (2009), as músicas possuem ausência de melodia e simplificação harmônica. Essas características se afastam das fórmulas comerciais de assimilação fácil, que são geralmente marcadas por estruturas estróficas, as quais delimitam com clareza o refrão, a primeira e a segunda parte, técnicas que facilitam sua memorização. Essa forma de organização tem como função organizar e comunicar uma grande carga de informação e sentido. Esses fatores fazem do *rap* um produto cultural aparentemente menos indicado ao sucesso pela indústria fonográfica.

As letras de *rap*, via de regra, tratam de problemas relativos ao cotidiano da periferia. Entre eles, podem-se citar a pobreza, o desemprego, o próprio *rap*, o racismo, o preconceito, as falhas do poder público, os perigos de morte, a vida nas cadeias, o tráfico de drogas, a violência policial, os problemas familiares, a riqueza e a ostentação dos *playboys* e a criminalidade. Geralmente, as letras têm um sentido de protesto e confronto, pela utilização de um tom agressivo, intolerante e, por muitas vezes, sem espaço para a negociação e a alteridade.

Na perspectiva de Andrade (2007), o *rap* é uma elaboração e reflexão da experiência urbana, desigual e opressora, que ganha força nos países com grande “presença negra e afrodescendente”. Desse modo, não se pode ignorar o caráter identitário do movimento, visto que, ao ser retratado como música de origem negra, o *rap* se transforma também em um veículo de “construção de identidade”, o que proporciona a formação de novos conceitos contra a violência e a discriminação praticadas desde a escravidão e que ainda permanecem, mesmo depois da abolição, cuja proposta é romper com o conformismo e com o sentido de cordialidade que habitam o imaginário da sociedade brasileira¹². Sobre isso, Ortiz (2003, p. 19) contribui com a leitura, explicitando:

Como fato político, a Abolição marca o início de uma nova ordem onde o negro deixa de ser mão-de-obra escrava para se transformar em trabalhador

¹² Essa cordialidade está intimamente relacionada ao mito da democracia racial. Para Schwarcz (2006, p. 20), o mito da democracia racial surge como um legado da escravidão, um falseamento da realidade, que implicou o desenraizamento dessa população, que carregaria consigo pesadas marcas históricas.

livre. Evidentemente, ele será considerado pela sociedade como um cidadão de segunda categoria; no entanto, em relação ao passado tem-se que a problemática racial torna-se mais complexa na medida em que um novo elemento deve obrigatoriamente ser levado em conta. O negro aparece assim como fator dinâmico da vida social e da economia brasileira, o que faz com que, ideologicamente, sua posição seja reavaliada pelos intelectuais e produtores de cultura.

Uma das figuras centrais no *rap*, além do DJ, é o mestre de cerimônia (MC), que veicula a palavra cantada, observando sua realidade e tecendo críticas e comentários ao modo como a sociedade se encontra organizada. No *rap*, a mensagem é pessoal, e, assim, os *rappers* se recusam a cantar letras de outros grupos, mesmo que estes tenham alcançado destaque na indústria fonográfica.

De acordo com Silva (1999), quando os *rappers* cantam músicas de outros grupos, eles adotam uma atitude *cover*, que, na visão dos *rappers*, se refere à impossibilidade do MC de construir uma mensagem própria.

Nessa mesma perspectiva, Silva (1999) relata que o conhecimento da realidade parece uma questão vital para os *rappers* em toda a sua trajetória. Desse modo, exemplos como o do compositor Gabriel o Pensador se tornam relevantes e importantes. Muitos *rappers* afirmam que Gabriel não é um *rapper*, por ser da classe média e só relatar a pobreza vendo-a de longe, não a vivenciando. Assim, ter passado pelo processo de exclusão relacionado à etnia e à vida na periferia surge como condição para a legitimidade artística.

Por fim, como visto, por suas características, o movimento *hip hop* é um movimento cultural praticado, de modo geral, por jovens negros e moradores das periferias. Nessa perspectiva, parece fundamental tratar do conceito de juventude e de suas associações com os termos *raça* e *educação*, conforme se destacará a seguir.

1.4 Juventude negra, raça e educação

Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: “Filho, por você ser preto, você tem de ser duas vezes melhor”. Ai, passados alguns anos, eu pensei: “Como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos cem vezes atrasado: pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo o que aconteceu? Duas vezes melhor como?”. Ou melhora, ou você é o melhor, ou é o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou o que estiver dentro da sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pra vida, rapaz.¹³

¹³ Vinheta presente no DVD *1000 trutas 1000 tretas*, do grupo Racionais MC's.

É consenso entre os pesquisadores Andrade (1999), Félix (2005) e Souza (2009), que possuem como temática de estudo o *hip hop*, o fato de o movimento ser definido como juvenil, nascido no segmento populacional de baixa renda, a maioria negra e moradora das periferias. Assim, julga-se interessante relatar o que se compreende como *juventude*.

Na perspectiva adotada por Dayrell (2005, p. 3), o termo juventude se refere ao processo de constituição do sujeito. Considerando algumas especificidades, não se pode considerar juventude como uma simples passagem para a fase adulta, pois todo esse “processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”.

A participação dos jovens e sua efetivação em movimentos sociais é uma prática que, segundo Herschmann (2000, p. 37), vem sendo desenvolvida desde a década de 1960. Nesse período, a juventude buscava intervir nos acontecimentos sociais a partir de uma perspectiva que considerava o jovem como o principal “responsável pela geração de utopias e projetos de transformação”.

No entanto, a partir da disseminação da violência, fruto de uma globalização que atingiu diferentes classes sociais, o autor afirma que:

A violência presente na sociedade constitui um tipo de linguagem que expressa os conflitos que, por vezes, emergem na forma de manifestações culturais denunciadoras da existência de manifestações sociais e interesses diferenciados que, ao serem exibidos pela mídia e, por vezes, assimilados/consumidos pelo público, instituem sentidos e ganham adeptos. Para tais expressões culturais, a violência é tanto um recurso de expressão quanto uma estratégia de obtenção de visibilidade.

(HERSCHMANN, 2000, p. 44).

De acordo com Andrade (2007), o sucesso do *rap* entre os jovens é parte de um novo contexto urbano e nacional, em que a juventude, desempregada e desiludida em relação às suas reais chances de futura inserção formal no mercado do trabalho, vem se tornando o grupo social mais sensível e vulnerável à violência.

Sobre isso, Lindolfo Filho (2007) argumenta que, na sociedade moderna, os jovens têm se aglutinado em microgrupos de sociabilidade, nos quais discutem suas perspectivas e visões de mundo, para questionar as contradições sociais. A esse fenômeno de agrupamento chamam-se “tribos urbanas”. Além das perspectivas ideológicas, os jovens se

agrupam a partir dos tipos de comportamento, dos traços identitários, da vestimenta e, especialmente, da apreciação de determinado gênero musical.

Entre essas tribos urbanas, destaca-se em nossa pesquisa o movimento *hip hop*.

O movimento *hip hop* seria conduzido por uma ideologia de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente de certos estigmas (violência, marginalidade) associados a essa juventude, imersa em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. Sua principal arma seria a disseminação da “palavra”: por intermédio de atividades culturais e artísticas, os jovens seriam levados a refletir sobre sua realidade e tentar transformá-la (ROCHA et al., 2001, p. 18).

De acordo com o autor, o *hip hop* é um movimento social da juventude negra, que, a partir do conceito de raça, edifica sua base de contestação e sustentação. Desse modo, o enfoque étnico-racial ocupa um espaço central no discurso construído pelos *rappers*.

Esse tipo de enfoque tem, em sua base, a categoria “raça”. De acordo com Munanga (2004, p. 17), etimologicamente, “o conceito de *raça* veio do italiano *razza*, que, por sua vez, veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie”. Como a maioria das palavras, “raça” possui determinadas características semânticas e diferentes dimensões temporais e espaciais, considerando o contexto em que ela é utilizada.

Por exemplo, nas ciências naturais, o termo foi primeiramente aplicado na zoologia e na botânica, para classificar as espécies animais e vegetais. Nas ciências humanas e sociais, o termo “raça” é concebido como uma categoria política que organiza os movimentos sociais nomeados como antirracistas. Entre esses movimentos, inclui-se o *hip hop*. Sobre isso, Guimarães (2002, p. 50) comenta:

Raça não é apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas também a categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a nação brasileira de “cor” enseja são efetivamente raciais e não apenas de classe.

A partir da posição defendida por Guimarães, afirma-se que *raça* é um conceito que circunda as lutas contra o racismo¹⁴ e a discriminação, assim, no caso dos jovens *rappers*, a exclusão não ocorre apenas porque eles são moradores das periferias, onde as condições de vida são precárias e fundamentas na violência e na criminalidade, mas também porque são, em sua maioria, negros.

Em outro estudo, Guimarães (2004) comenta, por meio de dados estatísticos, que a herança da escravidão ainda é um fator importante quando se pensa na condição econômica do negro e em sua posição social, que é marcada pela precariedade, tanto no mercado de trabalho, como na educação. Assim, o autor afirma que “a desvantagem dos negros não é apenas decorrente do passado, mas é aplicada no tempo presente, através da discriminação” (GUIMARÃES, 2004, p. 67).

Desse modo, no Brasil, como mecanismo de solução para o problema da discriminação, um conjunto de políticas públicas foi proposto e conquistado paulatinamente pelos movimentos sociais, refletindo no âmbito educacional, por meio das políticas de ações afirmativas, da presença do tema transversal Pluralidade Cultural e das leis 10.639¹⁵ e 11.645/08.

As ações afirmativas (*Affirmative Action* ou *Positive Discrimination*) são um conjunto de propostas de inserção que se iniciou na Índia, embora ainda sejam os Estados Unidos o país de maior referência sobre tais ações.

De acordo com Silvério (2004), essas ações são negociações entre os movimentos sociais e o Estado, que resultam em um conjunto de políticas e programas, cujo objetivo é promover a inserção, por meio de cotas, dos povos historicamente discriminados, diminuindo, assim, a desigualdade entre brancos e não brancos (negros e índios).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são uma referência para o Ensino Fundamental e Médio em todo o país. Seu objetivo é garantir aos jovens e adultos, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, a manutenção do direito à cidadania. Os novos Parâmetros Curriculares Nacionais incluem os temas transversais, que são diferenciados pelos seguintes eixos: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

¹⁴ Racismo (abstrato de estado): convicção de que há raças superiores e raças inferiores; aversão por determinadas raças. Em 1934, já havia racismo (FSP). Nenhum país fez mais que os Estados Unidos para combater o racismo (BORBA, 2002, p. 1317).

¹⁵ A garantia na lei de as populações negras verem sua história é um direito que deve ser assegurado a todos os cidadãos e cidadãs, de diferentes grupos étnico-raciais, e é muito importante para a formação das novas gerações e para o processo de reeducação das gerações adultas, entre elas, os próprios educadores (GOMES, 2006, p. 33).

Para este trabalho, será fundamental discutir a pluralidade cultural, haja vista que o objeto de estudo aqui trata das letras de *rap*, e, por ser considerado como cultura da periferia, o *hip hop* ainda encontra dificuldade de inserção no espaço pedagógico. Acrescido a isso, acredita-se que a inserção do tema da pluralidade nos temas transversais não é suficiente para dar conta dos problemas sociais e de exclusão que ocorrem no Brasil.

Nesse contexto, uma importante conquista educacional é a lei 10.639 e o parecer do Conselho Nacional de Educação, que institui o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Assim, cabe à escola a desconstrução dos preconceitos e das discriminações fundamentadas no critério social e racial. O parecer discute o problema racial em disciplinas específicas, como Educação Artística, Literatura e História do Brasil. Assim, o artigo 26-A, de 09 de janeiro de 2003, explicita:

O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Destaca-se também a lei 11.645/08, que inclui o ensino e a história da Cultura Indígena, alterando as Leis de Diretrizes e Bases da Educação. O objetivo da lei é promover e proporcionar a formação dos professores, para que eles sejam conscientes da realidade da cultura indígena, por meio das suas diferentes contribuições culturais e étnicas, alterando-se assim, os currículos, especificamente nas aulas de língua portuguesa.

Portanto, para suprir as necessidades explícitas nas leis propostas pelo Estado, cabe não apenas aos educadores, mas à sociedade em geral a promoção de atividades que possibilitem discussões sobre os grupos marginalizados. Para o contexto de pesquisa, propõe-se um trabalho dirigido, nas aulas de Língua Portuguesa, para tanto sugerir o uso de letras de *rap* quanto de dicionários, ou seja, dois contextos diferentes de uso de língua, a partir do cotidiano da periferia. Para tanto, são utilizadas letras de *rap* e o registro lexicográfico, realizado pelos dicionaristas, cujo intuito é fazer a apreensão da língua e da cultura brasileira.

Para realizar essa pesquisa, foram utilizadas diferentes áreas do conhecimento, como as ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura), e fundamentos da Sociologia, a partir da perspectiva adotada por Certeau (2009).

A justificativa para a utilização desse autor se deve ao estudo por ele realizado acerca das práticas cotidianas, ou seja, trazer para o discurso científico os discursos das pessoas comuns. Assim, essa pesquisa utilizará aspectos teóricos interdisciplinares.

Sobre isso, Moita Lopes (2006) afirma que o linguista aplicado deve compreender seu problema de pesquisa como algo que atravessa outras áreas de conhecimento, gerando, assim, “configurações teórico-metodológicas próprias” (LOPES, 2006, p. 19).

A esse processo de interdisciplinaridade o autor nomeou como *Linguística Aplicada Mestiça*:

Esse movimento que vou chamar de LA mestiça, obviamente de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, tem sido notado no trabalho de muitos pesquisadores, que, ao tentarem criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central (a visão de LA com que opero hoje), têm sentido a necessidade de vincular seu trabalho a uma epistemologia e as teorizações que falem ao mundo atual e que questionem uma série de pressupostos que vinham informando uma LA modernista (MOITA LOPES, 2006, p. 14).

Nesta pesquisa, observaram-se as unidades lexicais utilizadas nas letras de *rap*, produzidas pelos jovens ativistas, pois se entende que a linguagem por eles inscritas nessas letras relatam experiências de mundos reais, vistas ou vivenciadas nas periferias brasileiras, cuja base é a denúncia e o protesto contra uma sociedade excludente.

Este primeiro capítulo, enfim, realizou um levantamento bibliográfico acerca do movimento *hip hop* e de suas expressões artísticas, associando termos como juventude, educação e raça. O objetivo foi situar o leitor sobre a importância do *hip hop* como um mecanismo de luta antirracista.

A seguir, apresentar-se-ão os principais conceitos teóricos da Linguística Aplicada de Natureza Interdisciplinar, destacando a Lexicologia, a Lexicografia e a Lexicultura. Por fim, destacar-se-ão as contribuições de Certeau (2009) para a pesquisa.

2 ESTUDOS ESPECÍFICOS SOBRE O LÉXICO

Neste capítulo, apresentam-se os fundamentos teóricos desta pesquisa. Serão explicitados os conceitos mais relevantes sobre os estudos lexicais. A seguir, discorrer-se-á sobre Lexicologia, Lexicografia, as ciências do léxico, as quais possuem o léxico como objeto de estudo. Por fim, serão abordados o conceito de Lexicultura e as contribuições de Certeau (2009) para o estudo.

2.1 O léxico socialmente constituído

Inicialmente, para Saussure (1969), o objeto da Linguística se caracterizava como toda e qualquer manifestação da linguagem. Entre elas, podem-se citar expressões como a mímica, a pintura, a fala ou a escrita. No entanto, o autor orienta que o linguista deverá “colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1969, p. 13).

A linguagem é constituída por um domínio individual e social, e a língua, por outro lado, “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1969, p. 17).

De acordo com a concepção saussuriana, a língua é caracterizada como a parte social da linguagem e é exterior ao indivíduo. Portanto, o homem não pode criá-la ou modificá-la, pois o fato que possibilita sua existência é exatamente o contrato estabelecido entre os participantes de determinada comunidade. As principais características da língua são definidas por sua natureza e concretude. No entanto, o autor recomenda a distinção entre o que é língua e o que é fala:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação.

A fala, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1. As combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal. 2. O mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações

(SAUSSURE, 1969, p. 22).

Essa distinção é importante para a pesquisa, visto que, ao ressaltar a utilização de algumas unidades lexicais no interior das letras de *rap*, observar-se-á o funcionamento da

fala, o que proporcionará alterações lexicais e semânticas na língua. No entanto, opta-se aqui pela concepção metodológica proposta por Bakhtin, em 1929, pois parece mais pertinente para o tipo de abordagem que se privilegia nesta pesquisa.

Desde a segunda metade do século XX, os trabalhos desenvolvidos por Bakhtin e seu círculo mudaram a concepção teórico-metodológica nos estudos da linguagem, visto que se tentou “realizar uma aplicação do método sociológico em lingüística” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1998, p. 13). Esse método se caracteriza por uma abordagem marxista da linguagem em geral e da palavra, considerando a história de um povo e especialmente a linguagem em uso.

Embora Saussure (1969) e Bakhtin e Volochinov (1998) partilhem a mesma concepção sobre o que é a língua, “um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicação”, o mesmo não se pode dizer sobre a fala, já que ela não é tratada como um “objeto abstrato ideal”; pelo contrário, “a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1998, p. 14).

A fala, na concepção de Bakhtin e Volochinov (1998), é composta por signos linguísticos ou palavras que possuem as seguintes características: pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação ordinária, possibilidade de interação e, finalmente, sua presença obrigatória como fenômeno que acompanha todos os atos conscientes. Essas propriedades fazem da palavra o objeto fundamental do estudo das ideologias. Assim, os autores definem o conceito de palavra como:

A palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1998, p. 14).

Bakhtin e Volochinov (1998) refutam o conceito de ideologia como um pressuposto que é encontrado na consciência do falante como um pacote pronto, proveniente da natureza ou de um mundo transcendental. Para eles, “a ideologia é o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se

expressa por meio de palavras ou outras formas sígnicas” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1998, p. 16).

No caso do *hip hop*, observa-se um conjunto de visões de mundo que se expressam por meio do uso da língua pelo *rap*, da arte plástica do grafite ou da corporeidade do *break*.

Tendo disposto sobre o que se considera língua e fala, relatar-se-ão, a seguir, as principais ciências (Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura) que possuem a palavra como objeto de estudo. Embora a Terminologia também seja concebida como uma das ciências do léxico, ela não será abordada nesta pesquisa.

Acerca do conceito teórico de *palavra*, Biderman (2001a) adverte que termos como *palavra* e *vocábulo* devem ser evitados em uma abordagem teórica, em razão de sua imprecisão e do desgaste linguístico. Desse modo, a autora aconselha o “uso do lexema para designar a unidade lexical (UL) abstrata e de lema para designar sua representação canônica nos dicionários (uma unidade sem flexões)” (BIDERMAN, 1996, p. 19). Contribui para esse conceito teórico a definição de UL proposta por Boggards (1994, p. 19) *apud* Silva (2006, p. 17):

A unidade lexical (UL) é uma unidade de sentido, sem que necessariamente corresponda a uma seqüência gráfica unitária. É o elemento que pode assumir a função de unidade de base na aprendizagem do vocabulário. A UL distingue-se claramente de morfema e de palavra. Corresponde, normalmente, a uma acepção de uma palavra (lexema ou semema em outras terminologias), cujo conjunto forma uma palavra, ou pode corresponder a uma palavra (monossêmica).

A partir da classificação científica de palavra como unidade lexical que se associa a um sentido, considera-se, no interior das unidades lexicais, a existência de dois tipos de lexias, a lexia simples, lexia composta ou complexas. A lexia simples é formada por uma única forma livre (como, por exemplo, escola, rua) e as lexias compostas, por sua vez, combinam mais de uma forma livre ou presas (mestre-sala e infelizmente).

Para as lexias complexas, é relevante o reconhecimento da expressão idiomática, que é caracterizada como sintagma cristalizado, com valor metafórico, no qual não há flexão, ou seja, são seqüências já lexicalizadas pelo uso (TURAZZA, 2005, p. 60).

Acerca dos estudos do léxico, Biderman (2001a) afirma que a língua manifestada na fala ou na escrita constitui a fonte de acesso à realidade imaterial, que é a língua. Assim, é papel do estudioso dos problemas da linguagem “ascender da observação dos atos de fala para concluir sobre os fatos da língua” (BIDERMAN, 2001a, p. 5).

Para a autora, o ato de comunicação falada possuiu duas faces paradoxais: as imposições do sistema linguístico e a liberdade relativa que tem o sujeito de se servir dos elementos constitutivos da língua e (res)significá-la.

Sobre o conceito de léxico, Biderman (2001a, p. 179) relata:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto território de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua. Nesse processo, em desenvolvimento, o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer.

Essa característica de instabilidade do léxico – visto que ele é influenciado pela realidade extralinguística, ou seja, pela história, pela cultura e pela interação verbal, entre os membros de determinada comunidade – influencia as competências lingüísticas dos falantes.

A esse respeito, Biderman (2001a) assinala que a aquisição do conhecimento linguístico ocorre através do convívio cotidiano e contínuo com diferentes atos de fala (performance) que transcorrem até a vida adulta, se o sujeito tiver desenvolvimento psíquico normal e privilégios educacionais. No entanto, nossa pesquisa vem mostrar que, embora os jovens rappers, moradores de periferias que possuem condições de vida que não se constituem por privilégios educacionais, conforme relataremos nas análises da unidade escola, eles usam a língua de modo criativo e consciente de seu papel social. Assim, as condições sociais não são consideradas impedimento ao que se refere à produção da língua.

Ao que tange ao léxico, Biderman (2001a, p. 18) relata que nenhum indivíduo poderá ser considerado competente em plenitude, visto que, “o léxico de qualquer língua constitui um universo sem limites, permanentemente passível de expansão”.

2.2 A Lexicologia

A Lexicologia é o ramo da Linguística que realiza o estudo científico do léxico de uma língua, com diversos enfoques. Dessa forma, interessa à Lexicologia determinar quais são a origem, o significado e as formas das palavras que constituem o idioma de uma língua. É interesse também da Lexicologia apreender o uso que os falantes de uma comunidade fazem da língua. Portanto, é a Lexicologia que permite descrever e observar, de maneira científica, as unidades léxicas de determinada comunidade linguística. A Lexicografia, por sua vez, sendo uma ciência instrumental, tem como foco a elaboração de dicionários.

A Lexicologia, de acordo com Biderman (2001b, p. 16), é uma ciência que possui como objetos de estudos a “análise da palavra, a categorização léxica e a estruturação do léxico”. Para a autora, cada palavra de uma língua faz parte de uma estrutura que possui duas coordenadas: o eixo sintagmático e o paradigmático.

O eixo sintagmático, segundo Saussure (1969), é o lugar de encadeamento linear das unidades da língua. O eixo paradigmático, por outro lado, corresponde ao momento em que, a partir da recuperação de uma palavra, outras são constituídas, ou seja, “um termo dado como centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida” (SAUSSURE, 1996, p. 146).

No caso deste trabalho, por exemplo, *favela*, *periferia*, *gueto* e *quebrada* se referem aos eixos paradigmáticos que relatam os espaços onde os *rappers* residem. Mas essa ideia será expandida em capítulos posteriores.

A partir da conjunção dessas coordenadas, resulta uma enorme complexidade de redes semântico-lexicais que contribuem para a produção de infinitas significações.

Na concepção de Turazza (2005), a Lexicologia é uma ciência que analisa, descreve, explica e reduz a modelos teóricos os fenômenos do universo lexical e procura, ainda, “falsear” tais modelos em um procedimento de “revalidação” e “superação” (TURAZZA, 2005, p. 56). Ao afirmar que a ciência tenta “falsear”, a autora reforça o posicionamento de outros lexicólogos, como Biderman (2001a), sobre a dificuldade da pesquisa com o léxico, em decorrência de sua instabilidade e da relação com os fenômenos históricos e sociais.

Sobre as pesquisas na área, Biderman (2001b) afirma que, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, desenvolveu-se uma ciência interdisciplinar – estatística léxica –, com resultados sobre as mais diversas línguas no mundo, chegando a conclusões expressivas de

natureza universal¹⁶. No entanto, um maior contingente de pesquisa se refere à presença do neologismo na língua.

No entender de Alves (1999), o conceito de neologia se refere aos fenômenos novos que atingem uma língua. Esse conceito foi proposto por Guilbert (1975, p. 31) “como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical”.

Para Guilbert (1975), o neologismo surge a partir da necessidade de um grupo de apreender o real, de analisar, recortar, classificar e organizar as informações com base nos dados da experiência cotidiana. O autor enumera três fases de criação neológica: o instante de sua criação, a partir de um recorte cultural específico; a aceitabilidade por parte dos destinatários – e essa característica é percebida quando os locutores passam a usar a palavra, até então concebida como neologismo; e o momento da desneologização, que corresponde ao período em que o neologismo da língua, depois de criado, é aceito pelos interlocutores e reempregado em outros atos de linguagem, perdendo seu caráter de novo.

O autor assinala que existem quatro tipos de criação neológica: a neologia fonológica, a sintagmática, a alogenética e, por fim, a semântica.

A neologia fonológica, segundo aponta Barbosa (2001), corresponde a uma nova combinação de morfemas e fonemas na constituição de uma nova unidade lexical. Sobre a neologia fonológica, Alves (1999) afirma:

A neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. Este fato é extremamente raro em todas as línguas.

A neologia sintagmática, no entender de Barbosa (2001b), resulta da integração lexicalizada de vocábulos, o que possibilita uma nova classificação gramatical. A neologia alogenética corresponde a uma unidade nova emprestada de outros sistemas linguísticos.

A neologia semântica é gerada a partir de uma grandeza de signo já existente. Nesse caso, conserva-se a expressão do signo-base, ao qual é atribuído novo conteúdo,

¹⁶ “Em todas as línguas estudadas constatou-se a estabilidade dos símbolos lingüísticos: letras, fonemas e palavras, categorias gramaticais manifestam uma recorrência tão regular que tornam possível a sua previsibilidade. Sobretudo o nível mais independente ao plano do conteúdo – ou seja, a fonologia e a grafêmica – patenteia uma grande estabilidade de frequências. Isso poderia indicar que a frequência seria uma característica tão típica do signo como os traços distintivos que o opõem aos demais elementos do sistema” (BIDERMAN, 2001a, p. 6).

correspondente a um novo recorte cultural. Acerca da neologia semântica, afirma Barbosa (2001, p. 41):

A neologia semântica parece ser o processo mais frequente e mais produtivo na dinâmica de ampliação e renovação lexical; isso explica o fato de ser a polissemia a regra, e a monosssemia, a exceção, no amplo conjunto dos lexemas que integram o Universo Léxico.

A principal característica do Universo Léxico se refere à instabilidade, haja vista que o léxico, expresso por meio da fala, é constantemente influenciado pela visão de mundo, por regras de conduta e crenças dos falantes. Assim, fica explicitamente expressa a dificuldade dos pesquisadores que tomam o léxico como objeto de estudo.

A seguir será relatada a importância dos dicionários, mostrando os fundamentos teóricos e metodológicos utilizados pela Lexicografia.

2.3 Lexicografia

A Lexicografia é a ciência que possui o dicionário como objeto de estudo. Ela se ocupa mais especificamente da elaboração de dicionários. Para tanto, os lexicógrafos utilizam fundamentos teóricos da Linguística da fala, dos fatores culturais e, especialmente, das categorizações propostas pela Lexicologia.

No entender de Biderman (2001c), a Lexicografia é uma ciência antiga e tradicional. A origem dos dicionários remonta aos glossários latinos medievais, utilizados para a compreensão da Bíblia. No entanto, ao longo dos últimos anos, a “análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da Lexicografia” (BIDERMAN, 2001c, p. 17).

Para Borba (2003, p. 15), essa ciência tem caráter duplo. Ela é definida como “técnica de montagem de dicionários, ocupa-se da seleção de critérios para a nomenclatura ou o conjunto de entradas, dos sistemas definitórios e estruturas do verbete”. A segunda função consiste no fato de que a Lexicografia é uma teoria que procura “estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico (total ou parcial de uma língua) desenvolvendo-se uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes”.

Por fim, ressalta Silva (2006) que a Lexicografia é um “ramo da lingüística aplicada¹⁷, fortemente dependente da Lexicologia” (SILVA, 2006, p. 18). Em termos gerais, a Lexicologia é a responsável pela constituição do léxico, enquanto a Lexicografia cuidará da descrição e apresentação do léxico em obras lexicográficas.

2.3.1 O Dicionário

Entende-se por dicionário o acervo lexical responsável por sanar eventuais dúvidas no que se refere ao uso das unidades lexicais e à ortografia. No entanto, o dicionário também pode ser um importante instrumento que relata a cultura de um povo, visto que as mudanças sociais e culturais acarretam alterações no léxico de determinada língua.

Na percepção de Biderman (2001b, p. 129):

O dicionário é um produto cultural e comercial destinado ao consumo do grande público. Quanto ao seu aspecto formal, ele deve registrar a norma lingüística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado. Quanto ao seu conteúdo, o dicionário recolhe o tesouro lexical de uma língua num dado momento da história de um grupo social.

Estruturalmente, o dicionário é composto por uma arquitetura específica. De acordo com Silva (2006, p. 19), à estrutura vertical dá-se o nome de “macroestrutura” (em que é possível verificar a frequência ou relevância de uma palavra); a “microestrutura” é horizontal e, por sua vez, relata sobre os diferentes níveis lingüísticos, como a ortografia, a fonologia, a morfologia e a sintaxe e a semântica¹⁸.

Existem alguns fatores que devem ser considerados para a seleção de um dicionário. De acordo com Biderman (2001b), um deles é sua extensão. Ela é o conjunto de entradas que um dicionário possui; geralmente, a quantidade de vocábulos que se encontram

¹⁷ A Linguística Aplicada (LA) é entendida como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (LOPES, 1996, p. 22 e 23).

¹⁸ “O corpo da obra subdivide-se em entradas ou verbetes, que podem indicar uma definição, no caso das obras monolíngües, ou uma equivalência, no caso das bilíngües. A acepção é cada um dos sentidos ou significados de uma palavra que compreende vários valores semânticos. O verbete é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada verbete se compõe de um lema, ou palavra-entrada, que é sua parte enunciativa” (SILVA, 2006, p. 20).

presentes na introdução do dicionário, local em que a autor explicita qual público ele deseja atingir com determinada obra lexicográfica.

Segundo a proposta de Biderman (2001b), os dicionários são classificados de acordo com o Quadro 1.

QUADRO 1 – Tipologia dos dicionários

Tipologia dos Dicionários			
Tesouro Lexical	Dicionário Padrão com nomenclatura (macroestrutura)	Dicionário Escolar	Dicionário Infantil
100 mil a 400 mil entradas	50 mil a 70 mil entradas	25 mil entradas	5 mil a 10 mil entradas

Para a autora, cabe ao lexicógrafo, utilizando teorias linguísticas, realizar a coleta do *corpus* de um dicionário a partir de aproximadamente dez milhões de ocorrências, em diferentes tipos textuais, como jornais e textos do cânone literário, e também da língua falada.

A constituição de um verbete, de acordo Biderman (2001b), resume-se à entrada¹⁹, em forma de lema; à explicitação da categoria léxico gramatical; à paráfrase ou aos sentidos polissêmicos que as unidades podem adquirir; e, por fim, à referência cruzada, por meio da oferta de sinônimos e antônimos. Em alguns casos, ocorrem também exemplos do uso das unidades dentro de determinado contexto.

A autora relata que toda a unidade abrange uma rede de significações às vezes muito extensa. Os bons dicionários costumam integrar essa rede, a qual a autora denomina como campo semântico. No entanto, esse campo é sempre incompleto, e essa imperfeição se deve à característica do léxico, que é concebido como uma “galáxia em expansão” (BIDERMAN, 2001a, p. 184).

¹⁹ Entrada é a palavra, locução, sigla ou elemento de composição (prefixo ou sufixo) que abre o verbete, sendo objeto de definição ou informação (HOUAISS et al., 2009, p. 13).

Na perspectiva adotada por autores como Biderman (2001b), Borba (2003) e Silva (2006), os dicionários são descritos como instrumentos/ferramentas que buscam informar, registrar, normatizar e descrever aspectos da língua e especialmente da cultura.

Aliado a isso, Höfling (2006) traz uma contribuição muito pertinente em seu estudo sobre dicionário, ao mencioná-lo como um importante instrumento pedagógico, utilizado para diversas finalidades.

De acordo com a autora, o dicionário é uma obra fundamental de referência, consultada especialmente no contexto educacional, pois é “importante considerar, na elaboração dos dicionários, as novas metodologias de ensino, a evolução lingüística e cultural, as necessidades, objetivos e o papel dos usuários” (HÖFLING, 2006, p. 27).

Para esta pesquisa, foram utilizados dicionários de diferentes tipologias. O *Míni Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa* (2009), o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1989) e, finalmente, o *Dicionário de Usos do Português Contemporâneo* (2002).

A escolha desses dicionários se justifica pelo fato de serem instrumentos bem aceitos, não apenas pelo público acadêmico, mas também pelo público de maneira geral. Não houve pretensão aqui, contudo, de avaliá-los como bons ou ruins nem de compará-los, visto que eles são confeccionados para atender públicos distintos, com diferentes níveis de conhecimento da Língua Portuguesa e necessidades diversas.

O objetivo aqui é observar se existe uma relação de aproximação ou de afastamento no que se refere ao sentido das unidades lexicais a serem analisadas, utilizando para isso as letras de *rap*; ou seja, as unidades que se propõem para análise são significadas dentro de um contexto específico.

A seguir, será descrito brevemente cada um dos dicionários utilizados na pesquisa, uma vez que são diferentes entre si e possuem objetivos distintos.

O *Míni Houaiss*, de acordo com Villar (2009), é composto por aproximadamente 30 mil verbetes. Ele é dirigido a alunos do ensino fundamental. Seu *corpus* foi constituído por diferentes gêneros textuais, na busca por máxima eficácia pedagógica.

No entanto, é importante relatar, conforme demonstra o Quadro 1 de classificação proposto por Biderman (2001b), que não condiz com os dados extraídos da introdução dos dicionários, visto que muitos deles ultrapassam as quantidades definidas pela pesquisadora.

Na concepção de Villar (2009), esse dicionário permite ao consulente maior contato com a nova ortografia²⁰, privilegiando a supressão do trema, da acentuação gráfica, em algumas unidades, e a simplificação do uso do hífen.

O *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, na perspectiva de Borba (2003), é concebido como um importante registro da língua escrita no Brasil, a partir da segunda metade do século XX. Seu *corpus* é composto por aproximadamente 70 milhões de ocorrências, com absoluta predominância de textos oriundos de jornais e da linguagem em uso. É composto por 62 mil entradas. O principal diferencial desse dicionário é o foco no uso da palavra. Sobre isso comenta o autor que “para cada acepção há mais de uma abonação, que é o contexto em que a palavra ocorre e que mostra como ela está efetivamente sendo usada, ou seja, esse dicionário tem como prioridade a contextualização”.

O principal objetivo desse dicionário é oferecer ao seu consulente uma importante ferramenta que promova a agilidade, “tanto na recepção como na criação do texto” (BORBA, 2003, p. 6), possibilitando a pesquisa e a reflexão sobre o uso da língua e, por fim, ofertar elementos para discutir as características sintáticas e semânticas do léxico.

O *Novo Dicionário Aurélio*, de acordo com Ferreira (1989), é composto por aproximadamente 130 mil entradas. A partir desse número, classifica-o como tesouro lexical. Seu *corpus* privilegia a precisão linguística e a sintetização das unidades lexicais.

No entanto, é necessário atentar para que os dicionários atendam as dificuldades dos falantes. Assim, para estudantes de níveis fundamentais, o dicionário mais recomendado é o *Míni Houaiss*, no entanto, nada impede que o professor leve para o interior de sua aula verbetes propostos por outros dicionários, a fim de orientar e discutir com os alunos aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos importantes da língua.

Sobre os dicionários Aurélio e Houaiss, produzidos para os falantes de Língua Portuguesa, Biderman (2004) afirma que essas obras, embora sejam reconhecidas no mercado, elas ainda carecem de qualidade científica, visto que muitos dos verbetes ali presentes são elaborados por “curiosos e diletantes sem critério nenhum” (BIDERMAN, 2004, p. 195), os quais desconhecem, muitas vezes, a história da Língua Portuguesa e das teorias lexicais, gramaticais e linguísticas.

²⁰ O acordo ortográfico de 1990 estabelece que os oito países que se utilizam do Português como língua oficial em outro continente chegaram a um consenso sobre como escrevê-la usando as mesmas regras. Com exceção de algumas palavras, em que o acordo admite dupla grafia, todos podem agora grafar os vocábulos seguindo as mesmas normas, o que representa uma conquista fundamental para a boa política da língua (VILLAR, 2009, p. 11).

A pesquisa aqui tem como parte de seu *corpus* as unidades lexicais presentes nesses três dicionários distintos. Partindo do pressuposto de que o dicionário representa a cultura de um povo e que o *hip hop* é concebido como a cultura da periferia, busca-se, nesta pesquisa, investigar qual a relação entre as unidades lexicais contextualizadas nas letras de *rap* e como essas unidades estão presentes nos dicionários, com o intuito de explicitar que tipo de cultura o dicionário representa.

Para relatar a cultura, utilizar-se-á a seguir o conceito de Lexicultura, visto que esse conceito instrumental tem por objetivo compreender o léxico na cultura e por meio dela.

No que concerne aos aspectos culturais do léxico, utilizar-se-á o conceito de Lexicultura de Galisson (1987).

2.4 Lexicultura

Conforme se observa em diferentes pontos desta dissertação, a pesquisa tem como foco de observação a ressignificação atribuída a algumas unidades lexicais retiradas de composições de *rap*. Dessa perspectiva, entende-se que a teoria referente à lexicultura se apresenta pertinente ao estudo.

Segundo observa Barbosa (2009), o termo Lexicultura foi proposto por Robert Galisson (1987) e propõe a união entre o *léxico* e a *cultura*. Trata-se de um conceito instrumental que pode ser utilizado por professores de língua estrangeira ou materna, com o objetivo de apreender a cultura cotidiana compartilhada por uma sociedade. De acordo com Galisson (1987), citado por Barbosa (2009), essa apreensão ocorre por meio da descrição das particularidades culturais que constituem o cotidiano de um povo e, portanto, não está circunscrita à cultura erudita adquirida nos bancos escolares.

O foco central dos estudos lexiculturais é o uso que se faz das palavras. Esse aspecto da utilização da cultura cotidiana resulta no fato de que muitos dos sentidos praticados pelo uso são pouco privilegiados nos dicionários. Trata-se de um sentido que se esconde por trás dos significados que normalmente são contemplados pelos dicionários. A essas palavras Galisson denomina *palavras com carga cultural compartilhada*, com a observação de que todas elas são detentoras de cultura, porém umas mais que as outras.

No que se refere à definição da *carga cultural compartilhada* e com base nas pesquisas empreendidas por Robert Galisson (1987), Barbosa (2009, p. 34) esclarece:

Trata-se do valor acrescentado ao sentido referencial da palavra, que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo. A carga cultural compartilhada está mais próxima da cultura da experiência, da vivência e do cotidiano e mais distante da chamada cultura erudita, cultivada ou institucional. Para o autor, a diferença fundamental entre cultura cotidiana e cultura erudita é que a primeira aprende-se na prática social e condiciona o que há de essencial em nossos comportamentos. Vista dessa perspectiva, a cultura cotidiana é quase imperceptível para falantes nativos, razão pela qual esse tipo de cultura não ter sido alvo de descrições. A cultura erudita, por sua vez, está presente nos livros e nos currículos escolares e, desse modo, pode ser ensinada tanto a falantes nativos quanto a falantes não-nativos.

De acordo com Galisson (1987) *apud* Barbosa (2009), a palavra que possui carga cultural compartilhada²¹ apresenta as seguintes características:

1. Ela é um conteúdo que tem por forma o significante do signo.
2. É compartilhada por um grupo social específico.
3. É produto da relação homem e mundo.
4. Vincula-se ao uso que se faz dela.
5. Fornece um complemento, um conteúdo, um significado ao signo com o qual mantém uma relação estrutural de solidariedade.
6. Resulta de um processo automático entre o signo e sua CCP, bastando uma simples indução.

No que concerne à pesquisa que ora se efetua, considera-se a unidade lexical *preto*, presente em várias letras de *rap*.

No Mini Houaiss (2009), no Novo Dicionário Aurélio de língua Portuguesa (1989) e no Dicionário de Usos do Português (2002), essa UL é definida como indivíduos negros, cor de pele, queimados pelo sol, sujo, cor escura e sombria e que possui traços acentuados mais fortes que o normal, porém, no texto da composição *Negro Dama*, por exemplo, o sentido que lhe é atribuído é de descrição dos ativistas da cultura *hip hop*, que associa o movimento às lutas escravocratas que ocorreram no Brasil e, conseqüentemente, repensa o local social do negro em nossa sociedade.

²¹ Doravante : CCP

Sobre a relação dicionário e Lexicultura, Galisson (1987), citado por Barbosa (2009), afirma que a Lexicultura é um instrumento intermediário que tem como foco não o significado da expressão ou da unidade em si, visto que essa tarefa é empreendida pelos dicionários, ela se ocupa dos dados culturais que a palavra comporta, carrega, evoca, com o objetivo de possibilitar o acesso a uma imagem da cultura do outro, imagem essa que não pode ser imposta como a melhor ou apagada, mas sim deve servir para tornar possível a percepção das diferenças que constituem o cotidiano de um povo ou, nesse caso, de uma comunidade.

No item a seguir, relatar-se-á, a partir de leituras efetuadas, a compreensão aqui adotada de *cotidiano*, para, posteriormente, tratar das análises dos termos elencados como *corpus* deste estudo.

2.5 Certeau e os estudos do cotidiano

Pelo fato de a Lexicultura partir do conceito de cultura no léxico e pelo léxico, a partir do uso no cotidiano, julga-se ser interessante descrever o que se compreende aqui como cotidiano. Para tanto, utilizar-se-ão os pressupostos teóricos de Certeau (2009).

Michel De Certeau se filia aos Estudos Culturais²², por partir do conceito antropológico de “cultura enquanto modo de vida”. O autor afirma que é a partir da percepção do cotidiano que o homem realiza suas práticas culturais. O cotidiano é concebido, portanto, como o produto da relação entre os homens, o que, de certo modo, não era importante para os produtores de cultura, antes de 1950. Acerca do cotidiano, Girard (2009, p. 11) comenta que Certeau

Toma por objeto não a espuma dos dias, o desconcerto e a confusão do discurso político, as lamentações de uns, as censuras dos outros, mas o sentido oculto daquilo que, mais profundo, e ainda misterioso, se manifesta essencial em uma grande confusão de palavras. Esta ebulição, esta desordem de palavras e barricadas, esta revolta e tantas greves, o que dizem respeito de uma sociedade, do que ela esconde e espera? Na brecha entre o dizer e o fazer, que ele acredita perceber, Certeau não vê ameaças, mas uma possibilidade de futuro.

²² Os estudos culturais se referem a uma disciplina que surgiu no *Centre for Contemporary Studies* na Inglaterra, no pós-Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1950, o que proporcionou uma mudança no conceito de cultura. A cultura será concebida como uma prática vivida, possuindo como foco toda a produção de sentido. O ponto de partida é a atenção às estruturas sociais (de poder) e ao contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido da cultura de sua tradição elitista para as práticas cotidianas (ESCOSTEGUY, 2006, p. 15).

Seu método de estudo é etnográfico e se constitui pela inter-relação com as pessoas ditas “ordinárias”, “caminhantes inumeráveis” (CERTEAU, 2009 p. 55) ou comuns. Assim, por meio desse método de pesquisa, o autor coletou diversos posicionamentos do que seja, por exemplo, a escola, a cultura, a universidade, a partir de conversas informais com as pessoas comuns. Sobre o conceito de cultura, por exemplo, o autor afirma:

Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza, pois a cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar (CERTEAU, 1995, p. 9).

Certeau (2009) realizou uma forte crítica à objetividade científica e ao papel da Igreja e do Estado na sociedade francesa. Quanto ao método científico adotado pelos historiadores, o autor fez uma crítica ao apagamento do discurso cotidiano nos relatos históricos, em que os saberes são considerados inertes e limitados apenas a alguns indivíduos.

Dentre os estudos de Certeau, interessam aqui especialmente as definições de *tática* e *estratégia*, pois se acredita serem esses os mecanismos que estruturam as práticas discursivas dos jovens *rappers*.

Segundo Certeau (2009), as *estratégias* são os mecanismos utilizados pelos detentores do poder para o estabelecimento de normas e para o tratamento das práticas sociais específicas, cujo intuito é não provocar instabilidade em um sistema já estabelecido estrategicamente. Por outro lado, as *táticas* são as lacunas encontradas pelos não detentores de poder que possibilitam a realização de outras práticas sociais, com base na (re)interpretação da realidade.

Nas palavras do autor:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.

A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem por meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e convocação própria. A tática é o movimento dentro do campo de visão do inimigo, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado (CERTEAU, 1999, p. 93 e 94).

Sobre a linguagem em uso, o autor tem como foco a escrita e a oralidade; a escrita é caracterizada como um “jogo escriturístico”, produção de um sistema, espaço de formalização, que tem como sentido remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua-se sobre sua exterioridade (CERTEAU, 2009 p. 205). A oralidade se fundamenta na “bricolagem”, utilizando o vocabulário do antropólogo Levi-Strauss (1976, p. 76). Embora o autor trabalhe com o conceito de pensamento crítico, seu conceito serve como uma excelente metáfora para pensar em novas formas de aproveitar velhos temas. No caso do *hip hop*, esses temas circundam a questão da precariedade da vida nas favelas, que ainda parece permanecer em nossa sociedade.

Este capítulo tratou do arcabouço teórico que orientará as análises do *corpus* escolhido.

O capítulo 4 será dedicado à metodologia sobre a qual a pesquisa se apoiará.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1 Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa é qualitativa, pois se procurou entender, de maneira mais profunda, os sentidos presentes em algumas unidades lexicais das letras de *rap*, dos quais foram feitas as análises. Dessa forma, busca-se apoio em Moita Lopes (1994), quando diz que, nas pesquisas qualitativas, parte-se do pressuposto de que a constituição do mundo social ocorre por meio de vários significados que o homem constrói. Neste estudo, atém-se aos modos de significação atribuídos às unidades lexicais retiradas de letras de *rap*, uma vez que essas significações estão diretamente relacionadas à interpretação desse mundo (re)constituído no cotidiano.

Nessa perspectiva, as letras de *rap* não demonstram apenas o cotidiano dos moradores das chamadas periferias, os dramas e as dificuldades por eles enfrentados. Tais letras vão além da exposição de conflitos. Elas relatam experiências vivenciadas pelos próprios *rappers*, e esse cenário se faz favorável a um contexto específico de uso da linguagem, em que o meio social reflete as escolhas desses grupos específicos.

Para este contexto de estudo, fez-se uso da pesquisa interpretativista (MOITA LOPES, 1994, p. 330). Moita Lopes (1994) ressalta que o estudo interpretativista é caracterizado como uma modalidade da pesquisa qualitativa. Em pesquisas de natureza interpretativa, é importante lembrar que o tema da identidade social é fundamental, ao passo que as pessoas envolvidas nesse processo fazem sua adequação identitária à determinada estrutura social. Nesse sentido, é necessário que o pesquisador tenha em mente que os indivíduos envolvidos nesse processo constroem narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas.

Para Moita Lopes (1994), o método interpretativista faz com que não exista uma única realidade, mas sim diversas realidades que são interpretadas ou (re)interpretadas, a partir do modo como o homem observa o mundo em que vive. Para isso, ele faz uso da linguagem. Aliado a isso, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), essa modalidade de pesquisa se compromete com as interpretações e os significados das ações sociais, presentes na vida social dos indivíduos. Dessa forma, é com a pesquisa interpretativista que se procurou não apenas entender, mas também interpretar os fenômenos sociais inseridos em determinados contextos.

Para esta pesquisa, observam-se dois contextos distintos. O primeiro, constituído a partir de definições lexicográficas, apresentadas pelos dicionários. O segundo, constituído pelas letras de *rap*. Para este contexto, destaca-se não apenas a realidade da periferia mostrada nas letras das músicas, em que a pobreza e a exclusão são temas recorrentes; a ênfase está caracterizada pela interpretação das unidades lexicais a que essa realidade faz alusão, a partir dos vários significados que a constituem.

Outro aspecto relevante referente à pesquisa de cunho interpretativista se refere à intersubjetividade. Moita Lopes (1994) relata que, ao contrário das pesquisas positivistas, em que a objetividade era fundamental, na pesquisa interpretativista, a subjetividade ou os modos como os homens constroem, destroem e reconstróem sentidos possibilita chegar próximo da realidade social que se deseja analisar e compreender.

3.2 A seleção: dos grupos, das letras e unidades lexicais

O *corpus* desta pesquisa é composta por 16 letras dos grupos Racionais MC'S e Rapaziada da Zona Oeste (RZO) e pelos *rappers* Sabotage e MV Bill. A opção por esses grupos e *rappers* deveu-se à visibilidade que eles alcançaram na divulgação do *hip hop* nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

No caso específico paulistano, segundo relata Gimeno (2009), a ligação entre os *rappers* ocorreu a partir da década de 1990 e meados da década seguinte, por intermédio das sociabilidades possibilitadas pelas participações em *bailes blacks*. Nesse período, a periferia era percebida por grande parcela da população como um espaço violento e marcado pela precariedade das condições de vida. No entanto, os *rappers* buscavam, por meio da narração de suas experiências vistas ou vivenciadas, desconstruir estereótipos que recaem sobre seus moradores.

Para a seleção das letras, realizou-se a escuta de diferentes grupos de *rap*, além da leitura de diversos estudos que discutiam a temática.

Após selecionar os grupos que se desejava analisar, começaram-se a observar quais eram as principais temáticas presentes nas letras de *rap* e concluiu-se que eram: a vida na favela, as relações coletivas estabelecidas em espaços como a escola e a família, o problema da segurança e a participação no *hip hop*.

Depois da definição dos temas, observaram-se quais eram as unidades lexicais que se apresentavam com maior frequência nas letras pesquisadas e chegou-se a algumas conclusões que estão explicitadas no quadro a seguir. Esses temas já eram previstos. Afirma-

se isso, em razão da leitura de outros trabalhos. No entanto, a pesquisa destaca como esses temas são expressos lexicalmente.

QUADRO 2- Temas presentes no corpus selecionado

Temas presentes no <i>corpus</i> selecionado					
	Residência	Família	Escola	Segurança	Hip Hop
CAMPOS SEMÂNTICOS	Periferia Favela Quebrada Comunidade Gueto	Mãe Tia Irmãs Mulheres Pai	Escola Educação	Polícia Estado Violência Criminalidade Sistema Estado	Rap Hip Hop Cultura

Após o levantamento das unidades lexicais, buscou-se a descrição dos verbetes em três dicionários, visto que essas obras, segundo Biderman (2001a, p. 129), constituem-se como uma “tentativa de descrição do léxico”. Mas trata-se de uma tentativa, pois nenhum dicionário dará conta integralmente da língua, uma vez que ela, como o léxico, cresce progressivamente, em virtude das mudanças socioculturais.

Os dicionários selecionados para a coleta dos verbetes foram: *Míni Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (MH), visto que é dirigido ao público escolar, ou seja, a alunos do ensino fundamental; *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* (NDALP), pois é considerado, juntamente com o Houaiss, um dos mais importantes da Língua Portuguesa, em razão do número de entradas que possui e da aceitabilidade no mercado; e *Dicionário de Usos do Português no Brasil* (DUP).

Esta pesquisa está voltada mais para o uso efetivo da língua, por meio das letras de *rap*. Dessa forma, os dicionários constituem importantes instrumentos, haja vista que um de seus objetivos é realizar a descrição da língua, observando, para tanto, a fala em nossa sociedade.

3.3 Perfil dos grupos e rappers cujas letras foram selecionadas

Racionais MC's: O grupo é formado por Mano Brown, Edi Rock, KL Jay e Ice Blue. Esse grupo é considerado, por parte do público e da mídia, como o mais importante

grupo de *rap* do país, sendo seu som apreciado por jovens da periferia e fora dela. Por adotarem uma postura ideológica contrária ao sistema, do qual a mídia é parte integrante, não concedem entrevistas, nem participam de atividades propostas por emissoras de rádios ou TV, privilegiando os veículos comunitários e educativos.

RZO: O grupo Rapaziada da Zona Oeste (RZO) é formado por Helião, Sandrão, DJ Cia, U-Inversu, Visel MC, Wagno Vox e Função RHK. Eles são provenientes da cidade de Pirituba, localizada no interior do Estado de São Paulo. Em 2003, o grupo foi vencedor de uma das categorias do prêmio Hutuz, um dos maiores eventos de *hip hop* da América Latina. O prêmio Hutuz é o único evento de grande porte e expressão, focado exclusivamente no *hip hop*, sendo considerado um marco referencial para a divulgação das diferentes práticas do movimento.

Sabotage: Sabotage era filho de mãe solteira e conheceu, desde os nove anos de idade, o drama da pobreza e da miséria na Vila Canaã, na zona sul da cidade de São Paulo. Nesse período, trabalhou para seu tio como “traficante de drogas”, sendo que, no decorrer do tempo, passou também a consumi-las. Em 1986, ele conheceu o *rapper* Rappin Hood, a quem apresentou suas primeiras rimas e letras. A partir desse contato, Sabotage gradativamente abandonou as drogas e se tornou conhecido no cenário do *hip hop* como o exemplo concreto de que o *rap* pode abrir a oportunidade para outras experiências.

Em 2001, o *rapper* gravou o disco solo *Rap é Compromisso*, patrocinado pelo grupo Racionais MC's, conquistando vários prêmios importantes; algo valioso para um gênero musical como o *rap*, que ainda se encontra à margem da grande indústria cultural.

Em 2003, foi brutalmente assassinado, o que não apagou sua importância no interior do movimento, visto que muitas letras produzidas posteriormente à sua morte relatam sua importância.

MV Bill: Alex Pereira Barbosa, conhecido como Mensageiro da Verdade (MV Bill), reside na zona oeste do Rio de Janeiro, na favela Cidade de Deus. Trabalhou como escritor, cineasta, ator e ativista social.

Em parceria com Celso Atayde, MV Bill publicou os livros *Cabeça de Porco*, em que o autor relata as experiências de crianças e jovens envolvidos com a violência e a criminalidade, em nove diferentes estados brasileiros, e também o livro *Falcão – Meninos do Tráfico*, em que descreve a vida de meninos envolvidos no tráfico de drogas.

MV Bill também é o idealizador da Central Única das Favelas (Cufa), criada em 1999, que desenvolve atividades socioeducativas para jovens, como oficinas de DJ, *break*, grafite, escolinha de basquete de rua e informática. Enfim, são ações que promovem a cidadania de seus participantes.

O capítulo seguinte é dedicado a análise do corpus.

4 NA BATIDA DO RAP EU VOU DIZENDO O QUE SE SUCEDE: ANÁLISE DO CORPUS

4.1 Análise das unidades

Neste capítulo serão analisadas as unidades *mãe*, *periferia*, *favela*, *gueto*, *polícia* e *hip hop, rap* e *escola*. Em um primeiro momento, apresentam-se os vocábulos presentes nos seguintes dicionários: *Míni Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa* (MH), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (NDALP) e *Dicionário de Usos do Português* (DUP).

Em seguida, destacar-se-ão algumas estrofes das letras de *rap*, em que as unidades lexicais estarão em destaque.

Após a exposição das estrofes, realizar-se-á a construção de quadros de significação. Do lado direito, encontram-se os sentidos citados nos três dicionários e, do lado esquerdo, os sentidos propostos nas letras de *rap*. A construção desses quadros tem o intuito de facilitar a leitura e a compreensão do leitor, haja vista que se trabalha com uma grande quantidade de sentidos.

4.1.1 Análise da Unidade lexical Mãe

Neste item, explicitar-se-ão os sentidos propostos para a unidade *mãe*, nos dicionários e nas letras de *rap*. Para realizar a análise, dialogar-se-á com outras unidades lexicais, como *pai*, *esposa*, *namorada* e *companheira*, que contribuem para uma melhor apreensão do sentido.

Entrada no *Míni Houaiss – Dicionário de Língua Portuguesa*:

Mãe: Mulher ou fêmea que deu luz a um ser. 2. Mulher ou fêmea que cria ou criou outro ser. 3. Fig. o que dá origem a; fonte (a intolerância é a m. das guerras). M.Santo GRAM/USO masc. Pai. M. de santo que dirige espiritual e administrativamente o terreiro, sendo responsável pelo culto aos orixás e entidades afins. Ialorixá.

Entrada no *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*:

Mãe 1. Mulher ou qualquer fêmea que deu a luz um ou mais filhos. 2. Pessoa muito boa, dedicada, desvelada – Ó piedosa mulher/ Mãe dos abandonados, / Missere (Gomes Leal, *A mulher de Luto*, p. 183) Pedro é uma mãe para os amigos. 3. Fig. Fonte, origem, berço “A ideia da morte, lembra o poeta Valery, representa a mola das leis. A mãe das religiões... o excitante essencial da glória e dos grandes amores (Carlos Drummond de Andrade, *Passageiros na Ilha*, p. 195) A Grécia foi mãe do teatro ocidental. 4. V. mãe-do-rio. 5. Madre (10) Bras. Nos esportes, jogador que, atuando mal, beneficia o adversário. Adj. 2 g. 7. Bras. Gir. Muito Grande: forte, intenso: Tomou um pileque: Levou uma surra mãe. Mãe de Família..Mulher casada e com filhos (Cf. mãe-de-família). Ficar com a Mãe de São Pedro. Não ter onde ficar.

Entrada no *Dicionário de Usos do Português*:

Mãe: Nf (Concreto) 1. Mulher em relação aos filhos; genitora: a mãe do carpinteiro (AP); eu sou vossa mãe (B); fêmea em relação aos filhotes: as mães dos galos são galinhas (TR); o cachorrinho entre as patas da mãe morta (CI) 3. forma afetuosa ou respeitosa de tratar uma mulher: mãos habilidosas de mãe Tiribia; Você me quer de verdade, não é, mãe Lilá? 4. Tratamento que os olhos dão à mamãe: mãe quero ir embora (COR); Que é isso, mãe? (EN) Ah, minha mãe, que bobagem! (O); Vou me casar, mãezinha (MO) (Classif: de nome). 5. Padroeira: a poesia, nossa mãe comum! (BOII) 6. Protetor, defensor. Epa! Jornalzinho supimpa. É mãe dos pobres, pai dos ricos (PFV); Tendo como mestra a mãe natureza (CAP) (Compl: para + nome humano). 7. Quem se comporta como pessoa bondosa e protetora: Pois diga que ela é uma verdadeira mãe para os meus filhos (EN); Tonho você é uma mãe (DM) * Abstrato de estado (Classif: de + nome). 8. Origem: Oxum, mãe das águas mansas (TG); o sol é a mãe de todos os viventes e a lua, mãe dos vegetais (IA) 9. Causa: a língua é fonte de todas as intrigas, é a mãe de todas as discussões (TER) (finca adjetiva) (nome + ~) 10. O importante; fundamental: seu Roque, que ideia Mãe (FO); também tive uma ideia mãe (CON) 11. Principal: em torno do eixo como das estrada mãe (AS); crescimento cristalino. A partir da solução – mãe (PEP); as boas características da planta mãe (GL)12 de onde se veio: elo de ligação (sic) com a terra-mãe (BE) * é a (tua/sua mãe usada para devolver um insulto. Galinha velha é a tua mãe (NC); mais velho do que é a sua mãe (PEL).

Nas letras de *rap*, encontram-se os seguintes sentidos:

Filho chora e **mãe** não vê (Vai sofrer, se for negro vai sofrer)
Borrachada, rajada de PT
A lei vai crescer, assim prossegue
Na batida do *rap* eu vou dizendo o que sucede
Escuta, guarda, milianos de periferia temos
Então sabemos, morrer é um fator de menos (A lei, RZ0, Anexo 9).

Nas ruas o clima tá tenso, tem polícia
 Um corpo no chão à espera da perícia
 Notícia que a **mãe** já esperava até então
 O pai é ausente, só resta o irmão, cuzão
 Sem chance, essa vida eu não quero
 A minha **mãe** em primeiro lugar é o que eu quero
 Prospero uma vida melhor,
 Não escolhi o caminho de me afundar numa carreira de pó
 (A lei, RZO, Anexo 9).

Mas que nada, na quebrada vou firme e forte na parada, seguindo sozinho
 minha rota sem mancada, dando ideia pro pivete, que dão Breck no 1-5-7
 Tão na DP, sangue bom truta esquece,
 Mano que vacila na rota, na sequência **mãe** chora
 mano vacila, mano perdido atira, joga pro alto a vida
 No jogo rimando maluco na humildade eu chejo junto
 (Segue sua rota, Sabotage, Anexo 14).

Olha só aquele clube que da hora,
 Olha o pretinho vendo tudo de fora,
 nem se lembra do dinheiro que tem de levar pro seu pai bem louco
 Gritando dentro do bar
 Nem se lembra de ontem de onde o futuro ele apenas sonha através do muro
 (Fim de semana no parque, Racionais MC'S, Anexo 6).

São dez horas, a rua está agitada
 Uma ambulância foi chamada com extrema urgência
 Loucura, violência exagerada
 Estorou a própria **mãe**, estava embriagado
 (Homem na Estrada, Racionais MC'S – Anexo 8)

Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem IBOPE, não tem rolê
 sem dinheiro.
 Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer
 (HEE...)
 Encontre uma de caráter se você puder.
 É embaçado ou não é?
 (Fantástica Formula mágica da paz, Racionais MC'S, Anexo 5).

Putá desespero, não dá pra acreditar, que pesadelo, eu quero acordar.
 Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum, o Derlei era só mais um rapaz
 comum!
 Dali a poucos minutos, mais uma Dona Maria de luto!
 Na parede o sinal da cruz.
 Que porra é essa ?
 Que mundo é esse ?
 Onde tá Jesus?
 (Fantástica fórmula mágica da paz, Racionais MC'S, Anexo 5).

Meu irmão foi baleado num assalto a banco
 Tá entre a vida e a morte no leito de um hospital
 Tá mal e tal, não tá legal
 Também...

O garoto era bicho solto, era cachorro louco
 Se julgava o tal só porque tava no time do bola + 1
 Meu pai tá se matando de tanto beber
 E minha **mãe** tem quarenta e tra-lá-lá
 Mas o sofrimento faz envelhecer
 A coroa parece que tem sessenta, mas tá branca
 Vai editando entre trancos e barrancos
 (Ao favile e a favela, MV Bill, Anexo 2).

2 de Novembro era finados.
 Eu parei em frente ao São Luis do outro lado e durante uma meia hora olhei
 um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde,
 a pele escura, o rosto abatido pela vida dura.
 Colocando flores sobre a sepultura. ("podia ser a minha mãe.")
 Que loucura.
 Cada lugar uma lei, eu tô ligado.
 No extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado.
 Aqui vale muito pouco a sua vida.
 A nossa lei é falha, violenta e suicida
 (Fantástica fórmula mágica da paz, Racionais MC'S, Anexo 5).

QUADRO 3: Unidade Lexical Mãe

Quadro Semântico da UL Mãe	
Mãe (Verbetes Registrados)	Mãe (Letras de Rap)
Origem/fêmea	Mãe em primeiro lugar
Cuidados Maternais/Pessoa Boa/ Dedicção/ Afeto	Mãe não vê Mãe Angustiada
Mãe de Família	Mãe Presente Pai Ausente/ Pai Louco/Pai Alcoólatra/ Filho Problemático
Protetora defensora	Dona Maria/Senhora/Tia do Morro
Mulher Casada	Sufrimento/
Forma Afetuosa de tratar uma mulher	Envelhecimento
	Pele Escura/ Rosto Abatido/ Vida Dura
	Sou filho da periferia
	Estourou a própria mãe estava embriagado/ Muito velório rolou de lá pra cá. Qual a próxima mãe que vai chorar?

De acordo com os dicionários propostos para análise, descreve-se que as acepções citadas para o termo *mãe* se referem àquelas mulheres que, pelo matrimônio, iniciaram a constituição de um núcleo familiar. Acrescido a isso, a unidade está associada ao nascimento dos filhos e, especialmente, ao ato de zelar pela vida dos membros familiares.

No NDALP e DUP, destaca-se a presença de lexias complexas, como “mãe de aluguel”, “mãe dos abandonados”, “mãe das religiões” e “mãe do rio”. Essas lexias possibilitam ao consulente uma visualização dos diferentes usos e sentidos que a unidade pode desempenhar e, assim, proporcionar a observação de seu campo semântico. No caso do MH, o verbete se constitui pela concisão, clareza e precisão nas definições, vez que é um dicionário escolar.

Ao interpretar os sentidos propostos pela unidade *mãe*, nas letras de *rap*, discutir-se-ão, explicitamente, os modos de constituição da família. A partir da escuta das letras, afirma-se que as famílias que vivem nas periferias são compostas por mães, pais, irmãs, irmãos, tias e namoradas. No entanto, quantitativamente, as principais referências retomam a presença e importância das mulheres; de modo especial, as mães. Sobre isso, o *rapper* Mano Brow, em uma entrevista concedida para a revista *Rolling Stones*, em dezembro de 2009, relata:

Dona Ana, 80 anos completados dia 9 de dezembro, foi durante muito tempo a única pessoa da família que conhecia. Do pai, de origem italiana, nada ou quase nada se sabe. Mágoa, tristeza? Não dá pra ter mágoa de uma pessoa que você nunca viu.

Sobre a unidade *mãe*, os sentidos propostos pelos *rappers* mantêm semelhanças com os sentidos dos dicionários; no entanto, no interior dessas letras, especificamente a unidade *mãe* é caracterizada como um signo ideológico ((BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1998, p. 31), haja vista que ele refrata e reflete outra realidade que lhe é exterior. Assim, no desenvolvimento de sua produção, os *rappers*, quando fazem uso da língua, não só aplicam as regras estruturais dessa língua inconscientemente, para obter sentenças bem formadas e dotadas de sentidos, como também realizam adequações necessárias a fim de possibilitar novos sentidos.

Os sentidos propostos nas letras se associam aos problemas da violência e às consequências na vida dessas mulheres. De modo geral, os sentidos expressam sentimentos de

dor, perda e de destruição de suas famílias, por meio da morte violenta, em razão do envolvimento com o tráfico de drogas e com a criminalidade. Desse modo, as mães possuem semelhanças em relação aos seus nomes – em geral, “Maria”, “Ana” ou senhoras – e são idealizadas, em especial pela insistência em não abandonar os filhos e a família. Geralmente, essas mulheres são descritas como pobres e negras, moldando e determinando trajetórias de dificuldades e destinos a partir da superação do sofrimento.

Além do papel social desempenhado pela mãe, optou-se por destacar a presença do pai, das namoradas e esposas na vida dos *rappers*, visto que, embora suas frequências não sejam de grande probabilidade, como a unidade *mãe*, a análise dessas unidades nos auxilia na compreensão do modo como os *rappers* compreendem a família.

O papel do pai, como membro participativo da vida familiar, é (res)significado nas letras de *rap*. Frequentemente, os pais são associados ao desemprego e à carência material e afetiva e não são caracterizados como chefes de família, como é comumente considerado. Essa função, na percepção aqui alcançada, compete às mulheres, conforme observado nas letras de *rap*.

Em relação às minas do *hip hop*, ou seja, às mulheres que não são mães, e sim esposas, namoradas ou companheiras, observa-se que elas são tratadas com desrespeito. Em grande parcela das letras, todas são nomeadas como interesseiras ou sensuais, ou seja, querem apenas o dinheiro e a estabilidade que seus companheiros podem lhes propiciar. Essas mulheres, nas letras de *rap*, não possuem aceitação social plena, sendo, por isso, discriminadas. Esse tipo de pensamento, expresso por meio da fala, retoma os valores sociais de um país, como o Brasil, no qual a mulher ainda possui dificuldade de inserção social e profissional; em especial se for de origem pobre e negra.

A presença e importância das mulheres nas letras de *rap* foi discutida na pesquisa desenvolvida por Lima (2005), que classificou o *hip hop* como um movimento cultural exclusivamente masculino.

A autora partiu da hipótese de que existem poucos estudos que tratam da temática feminina, no caso específico do movimento *hip hop*. Assim, sua pesquisa se constituiu a partir da descrição da trajetória de vida de três cantoras de *rap* e dos desafios por elas enfrentadas para marcar seu espaço na cultura *hip hop*. Na conclusão de sua pesquisa, a autora afirma que a cultura *hip hop* se define como antissistema e de resistência, no entanto, autoriza e realiza a discriminação e o preconceito contra as mulheres.

Compartilha-se com essa conclusão, proposta por Lima (2005), no entanto, a unidade não aparece tão frequentemente, assim, optou-se aqui por não analisá-la mais profundamente neste momento.

No interior de um contexto específico, como as letras de *rap*, observou-se que a unidade possui carga cultural compartilhada, como proposto por Galisson (1987), possuindo as seguintes características: sendo produto da relação homem e mundo e vinculando-se ao uso, é compartilhada pelos ativistas da cultura *hip hop*; e, por ser frequentemente utilizada nas letras de *rap*, por diferentes grupos, fornece um complemento ao signo com que mantém uma relação de solidariedade. Nesse caso, tanto os *rappers* como os dicionários relatam aspectos positivos da importância da mãe em suas vidas, no entanto, elas também são vítimas da violência.

Além disso, observa-se um neologismo semântico, ao qual é atribuído novo conteúdo, correspondente a um novo recorte cultural. Nesse caso, trata-se da cultura *hip hop*. O verbete a seguir ilustra essa afirmação:

Mãe: 1. Origem familiar 2. Responsável pela educação dos filhos. 3. Mulheres negras e pobres. 4. Desprovidas da presença masculina em sua residência. 5. Vítimas da violência nas grandes periferias brasileiras. 6. Responsáveis pela manutenção da família nas grandes periferias. 7. Associada frequentemente à virgem Maria. 8. Mulher boa e dedicada.

Assim, o verbete *mãe*, nas letras de *rap*, adquiriu outros significados, que ultrapassam os sentidos apresentados nos dicionários.

Nesta análise, destaca-se sobre a importância das mulheres nas letras de *rap*, em especial pela presença e importância das mães que possuem sua vida influenciada pela violência. No próximo item, discorrer-se-á sobre o espaço em que ocorre essa relação familiar, por meio da análise das unidades *periferia*, *favela* e *gueto*.

4.1.2 Análise das unidades lexicais favela/gueto/periferia

Neste item, serão analisadas as unidades *periferia*, *favela* e *gueto*. Optou-se por realizar a descrição das três unidades, visto que elas são citadas no interior da música *rap*, como sinônimos. No entanto, nos dicionários, os sentidos são mais específicos.

Entrada no *Míni Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*:

Favela: Conjunto de moradias precárias, situado ger. em morros, onde vive a população de baixa renda dos centros urbanos. Favelado adj. Favelizar. Pron.

Gueto: Sem referência.

Periferia: 1. Linha que delimita qualquer corpo ou superfície. 2. Zona afastada do centro da cidade; subúrbio.

Entrada no *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa:*

Favela: Conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra em morros) e desprovidas de recursos higiênicos. (Sin.: morro (RJ) e caixa-de-fósforos) 2. Faveleiro.

Gueto: Não há ocorrência.

Periferia: 1. Superfície ou linha que delimita externamente um corpo; contorno, âmbito: periferia de uma praça em uma cidade. 2. Geom. Contorno de uma figura curvilínea. 3. Geom. Contorno de uma figura geométrica curvilínea. 3. Geom. Superfície de um sólido. 4. Bot. Extremidade marginal da folha. 5. Fig. Contorno; vizinhança, proximidade: A explicação não é completa: fica na periferia do problema.

Entrada no *Novo Dicionário de Usos do Português:*

Favela: Nf conglomerado de habitações construídas pelos próprios moradores com diversos tipos de material, em terrenos urbanos, mas geralmente desprovidos de saneamento básico e infra-estrutura: As favelas são áreas marginalizadas em torno das cidades (JL-O); Culturalmente, a pobreza é rica; a melhor música americana nasceu nas favelas de New Orleans.

Gueto: bairro onde os judeus eram forçados a morar, em certas cidades européias: Era uma judia de meia idade, mas ainda bonita. Diferente das outras mulheres do gueto usava um vestido de cores berrantes, anéis, pulseiras, colares (CEN). Olha Chaves, outro dia houve um levante no gueto da Varsóvia. Logo, outros guetos vão se levantar e, mais dia menos dia, todos os perseguidores nesta guerra vão exigir justiça. Os nazistas vão pagar por seus crimes (OM) Classif: de + nome concreto 2. Bairro em qualquer cidade, onde estão confinadas certas minorias por imposições econômicas ou raciais: se identificando com os negros da defesa cada vez mais feroz contra a perseguição racial: amanhã serão dois milhões. O gueto do Harlem os incorpora e começa a envolver o Central Park (CV). Sem saber qual o papel

os fregueses representavam, por vezes nos metendo em emboscadas: paquerar mulheres no gueto dos homossexuais.

Periferia: Nf * (Concreto) 1. região mais afastada de um centro urbano: o carro seguiu para um dos bairros da periferia da cidade (AGO); “não é estranho que a população mais pobre, habitante da periferia ou da zona rural, almeje para si os brinquedos dos filhos de doutor” (BRI) 2. o ponto mais afastado de um núcleo ou centro: os elétrons dispõem na periferia (do núcleo do átomo) formando várias órbitas (ELE). É também aconselhável que se desbaste um pouco os pequeninos galhos da periferia para arejar e iluminar melhor a copa (FT) 3. parte mais externa, extremidades: (Atividade dos analistas corticais) se estende à periferia dos analisadores vizinhos e outras regiões do córtex (ACL); difusão lenta do sal (acumulado em principio na periferia) para o interior do queijo (ACQ). Abstrato de estado 4. proximidade, contato próximo; cercania: a pobreza envergonhada que circulou tantos anos na periferia dos avós Pompeu (NB); Muitos desses equívocos vivem dentro do MDB e na sua periferia (FSP) (Núcleo da construção adverbial). 5. de longe, superficialmente: Lamentou não ter vivido, nem na periferia, a era dos hippies, não haver nenhum conhecido dos velhos tempos a quem recorrer sem constrangimento (SL).

Nas letras de *rap*, encontram-se os seguintes sentidos para as unidades lexicais *favela*, *periferia* e *gueto*:

O resumo submisso onde não existem regras
 Habitado por um povo que tira de letra
 Com muito orgulho sou um filho da **periferia**, não se esqueça
 Aqui os privilégios sempre foram limitados
 Simplicidade ao dilema qual fui educado
 Aos poucos vou compreendendo a ideologia, incentivo ocultado
 Aprendizado escasso
 A moradia é sem luxo, a casa é bem humilde
 (Esteja em Paz, RZO, Anexo 10).

Milhares de casas amontoadas
 Ruas de terra
 Esse é o morro, a minha área me espera
 (Fim de semana no parque, Racionais MC'S, Anexo 6).

Me digam quem é feliz, quem não se desespera
 Vendo nascer seu filho no berço da miséria
 Um lugar onde só tinham como atração
 O bar e o candomblé pra se tomar a benção
 Esse é o palco da história que por mim será contada
 (Homem na estrada, Racionais MC'S, Anexo 8).

Mas aí, minha área é tudo que eu tenho
 A minha vida é aqui e eu não consigo sair
 É muito fácil fugir, mas eu não vou
 Não vou trair quem eu fui quem eu sou
 Gosto de onde eu tô e de onde eu vim
 Ensino da **favela** foi muito bom pra mim

(*Fantástica fórmula da paz*, Racionais MC'S, Anexo 5).

O problema da comunidade é a falta de informação
 Sem referência, larga a escola, cabeça virada vira ladrão
 Droga confunde a cabeça, você não tem dinheiro então
 Rouba, deu mole malandro foi preso desse jogo agora
 Tá fora, chega de guerra, chega de morte, chega de sangue
 chega de tiro, se continuarmos o nosso povo está perdido

(*Atitude errada*, MV Bill, Anexo 3).

Entre o gatilho e a tempestade,
 Sempre a provar,
 Que sou um homem e não um covarde
 Que Deus me guarde
 Pois eu sei
 Que ele não é neutro
 Vigia os ricos,
 Mais ama o que vem do **gueto**

(*Fantástica fórmula da paz*, Racionais MC'S, Anexo 5).

País que viva luta, se vem das ruas, pergunta curta
 Se liga, Jjuca, **favela** pede paz, lazer, cultura
 Inteligência, não muvuca
 Rap é compromisso, esse é meu hino que me mantém vivo
 Então que seja breve e considere isso
 Branco e preto pobre (SIC) não dão sorte contra o meritíssimo

(*No Brooklin*, Sabotage, Anexo 12)

QUADRO 4 – Unidades Lexicais Favela/Gueto/Periferia

Quadro Semântico da UL Periferia	
Periferia/Favela/Gueto (Verbetes Registrado)	Periferia/Favela/Gueto (Letras de Rap)
Habitações Populares	Nossa Área/Gueto/Periferia/Zona oeste/ Pirituba/ Vila Canaã/Morro/Favela/ meu lugar/minha área/Comunidade/ Minha quebrada/ Moradia sem luxo/ Casa Humilde/Subúrbio
Desprovidas de Higiene	Dias de Chuva, caos total
Construção feita pelos próprios moradores	Barraco mal acabado e sujo
Sem Saneamento Básico e Desprovidas de recursos higiênicos	Falta água
Melhor música americana nasceu nas favelas	
Onde estão confinadas minorias por imposição econômica ou racial/ população mais pobre/ bairro de judeus	Gente negra e Carente Maternidade com pouca idade
Afastada dos Centros Zona rural	Lado esquecido da cidade Pedaço do inferno Berço da Miséria
	Corpo no chão, a espera da polícia
	Ensino da Favela foi muito bom pra mim. O problema da comunidade é a falta de informação.
	Os tiros ouvi de monte
	Cotidiano Violento
	Investimento no lazer é um fracasso. Tem bebida e cocaína sempre por perto.
	Centro Comunitário é um fracasso
	Não existem regras

Como é possível observar nas letras de *rap*, o espaço da periferia é composto por unidades lexicais como *favela*, *gueto* e *quebrada*, sendo que tais unidades são utilizadas como sinônimos e com grande frequência nas letras. Assim, julga-se interessante destacar esses verbetes nos dicionários, com o objetivo de observar se as unidades possuem os mesmos sentidos, conforme ocorre nas composições dos *rappers*.

Para a unidade *gueto*, presente apenas no DUP, o sentido revela os aspectos humanos das condições de vida na pobreza, e seus moradores são identificados como judeus e

quantitativamente caracterizados como minorias étnicas. Nas letras de *rap*, o sentido de minoria é (res)significado, pois os *rappers* não se reconhecem como minorias, e sim como tribos urbanas que possuem consciência sobre seus papéis sociais. Assim, observa-se que a unidade *gueto* é caracterizada como um neologismo alogenético, ou seja, constitui-se a partir de uma unidade de origem italiana.

A unidade *periferia* é retratada a partir de um posicionamento geográfico, ou seja, refere-se ao distanciamento da região central, em que o custo de vida é mais alto. O significado de *favela* privilegia a “arquitetura” das casas, os materiais utilizados e, ainda, um posicionamento sobre esse espaço, caracterizado como desagradável. Além dessas unidades, identificou-se a unidade *quebrada*, presente em uma grande parcela de músicas, no entanto, não foi encontrada nenhuma referência nos dicionário e compreende-se a unidade como gíria.

Nas letras de *rap*, observa-se que, no uso da linguagem, não há uma especificação, como ocorre nos dicionários, há, sim, uma exposição das dificuldades que os moradores precisam vivenciar diariamente por residirem nesse espaço. Acerca do campo semântico de *periferia*, nas letras, além das unidades já elencadas, o verbete é composto por unidades como: *minha área*, *morro da negritude*, *comunidade*, *lado esquecido da cidade*, além das referências a bairros específicos, como *Capão Redondo*, *Joaniza*, *Pirituba* e *Cidade de Deus*, conforme mostra o Quadro de Significação 4.

De modo geral, as favelas são compostas por botecos, padarias, drogarias, açougues, mercearias, igrejas evangélicas e lojas de material de construção. As casas são de alvenaria ou rebocadas, sem pintura e, geralmente, de dois cômodos (quarto, cozinha e banheiro). As condições de construção das casas refletem a instabilidade da propriedade dos terrenos, visto que, por muitas vezes, eles foram ocupados, assim, seus moradores não possuem documentos que lhes garantam a posse dos terrenos em que residem com suas famílias. Além disso, os investimentos para melhorias nas condições das moradias, que não são legitimamente suas, são apenas as sobras do orçamento familiar.

Além dos problemas de posse dos terrenos, viver na periferia, na linguagem dos *rappers*, é compartilhar amizades, dores, conflitos, carências afetivas e materiais. Sobre a carência afetiva, encontra-se um novo modo de constituição de família, em que a mulher desempenha um importante papel na educação dos filhos. A figura do pai, na maioria das vezes, é ausente e tratada com desprezo nas letras. A carência material faz alusão às péssimas condições de vida, com falta de saneamento básico, problemas educacionais e, em especial, a violência.

O problema da violência atinge grande parcela dos moradores, assim, muitos residentes da periferia possuem um amigo ou familiar penitenciário, traficante de droga ou usuário. Por outro lado, há também o preconceito²³, visto que tais moradores são estigmatizados como os responsáveis pela violência que atinge não só a periferia, mas também os centros urbanos.

Tais posicionamentos preconceituosos dificultam, entre outras coisas, o acesso a um emprego com registro em carteira e a um salário que lhes possibilite viver de maneira digna. Desse modo, os empregos a eles destinados são, em sua maioria, como empregados(as) domésticos(as) ou serventes de pedreiros. No caso dos jovens, há um contingente que trabalha na região central em serviços que não exigem muita qualificação e experiência.

Diante dessa situação, um dos mecanismos de contestação utilizado pelos moradores, por intermédio da figura dos *rappers*, é a exposição dessa condição em suas composições.

Ao descrever o espaço em que vivem, os jovens relatam experiências de miséria, exclusão e violência. No entanto, observa-se que a periferia é positivada, ou seja, embora apresente diversos sentidos que expressem as dificuldades, ela se apresenta de modo positivo na vida dos jovens, pois é nesse espaço que eles, em parte, educam-se e são formados como cidadãos. A periferia deixa de ser um espaço socioespacial e se constitui com um espaço eminentemente político e cultural.

Por isso, a periferia é (res)significada pelos *rappers* como um quilombo de origem escravista, espaços de resistência onde viviam negros fugidos. Assim, a mensagem proposta por eles é de que de fato o período escravista acabou, no entanto, grande parcela da população negra se encontra ainda afastada de reais chances de inserção social.

Os significados propostos pelas unidades *periferia*, *favela* e *gueto* são compartilhados e circulados nas letras analisadas, como uma forma de resistência e luta “antirracista” (GUIMARÃES, 1999, p. 122).

Esses sentidos são propostos a partir da experiência cotidiana, do pertencimento da vida na comunidade, da exclusão racial e social. Em outras palavras, a periferia tem sido concebida como um espaço de microrresistência, em que se observa a marginalidade de uma maioria. Assim, os sentidos estabelecidos pelos *rappers* propõem as seguintes (res) significações ou os neologismos semânticos:

²³ “Um simples sistema difuso de predisposições, de crenças e de expectativas de ação que não são formalizadas ou expressas logicamente” (GUIMARÃES, 2004, p. 17).

1. Espaço onde não existem regras rigidamente controladas por mecanismos estatais. 2. Espaço caracterizado por casas humildes e desprezadas pela administração pública. 3. Local destinado a moradores de baixa renda, em geral, pertencentes à raça negra. 4. Espaço de aprendizagem, respeito, pertencimento, compromisso e orgulho. 5. Espaço que se constitui pela falta de escola e evasão escolar. 6. Espaço de vulnerabilidade ao crime e às drogas. 7. Cotidiano violento.

Por fim, para as unidades lexicais *periferia*, *favela* e *gueto*, observa-se que nos dicionários elas possuem sentidos específicos, em que relatam diferentes características, como a distância da região central e o abandono do Estado, ao que se refere à educação, à violência e ao saneamento básico. Por outro lado, esse espaço, na visão dos *rappers*, embora apresente adversidades, constitui-se como elemento importante, que contribui para a formação de sua identidade.

Após analisar e descrever o modo como a *periferia* é constituída e sua ressignificação como um espaço político, nas letras de *rap*, no próximo item, discutir-se-á a relação entre os moradores da periferia com a polícia e, implicitamente, com o Estado.

4.1.3 Análise da unidade lexical Polícia

Neste item, será analisada a unidade *polícia* nas letras de *rap*, que, juntamente com o Estado, é concebido como o *sistema*.

Entradas encontradas de acordo com o *Míni Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa*:

Polícia: Corporação que engloba os órgãos destinados a assegurar a ordem, a moralidade e a segurança em uma sociedade. 2. Conjunto de membros dessa corporação.

Entradas encontradas de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*:

Polícia: 1. Conjunto de leis ou regras importantes ao cidadão com o fito de assegurar a moral, a ordem e a segurança públicas. 2. Corporação que engloba os órgãos e instituições de fazer respeitar essas leis ou regras e de reprimir e perseguir o crime. 3. Os membros de tal corporação. 4. Boa ordem, disciplina, ordem. 5. Ant. Civilização. 6. Biol. Fiscalização, inspeção e profilaxia. 7. Lista em que o fundidor estabelece a proporção de letras e sinais que devem construir uma fonte de tipos, para composição em determinada língua. 8. Indivíduo pertencente à corporação policial. * Polícia Aduaneira. Polícia encarregada de vigiar os portos, aeroportos e a costa, a fim de evitar que entrem ou saiam do país mercadorias contrabandeadas. Polícia Política: . Órgão policial encarregado da defesa ou preservação do regime político vigente em um Estado. Polícia Rodoviária. Polícia que patrulha ou vigia as estradas. Casos de Polícia. 1. Casar obrigado por mandato judicial. 2. Casar com prazo muito curto. (Sing. Ger. Casar na capelinha verde).

Foram encontradas as seguintes entradas no *Dicionário de Usos do Português*:

Polícia: (Abstrato de ação) 1 .Atividade policial em trinta anos de polícia, confesso que poucas vezes vi alguma coisa que estivesse bem explicada (AFA) 2. Policiamento: Sem luz e sem polícia, a vida noturna somente nos oferecia outros perigos (CID). 3. Fiscalização: Polícia pouca, fronteira aberta, direitos de levar couro e cabelo e nas coletarias umas papeladas cheias de benzeduras e rabiscos (CG) * (Abstrato de estado). 4. Conjunto de leis e disposições que visam assegurar a moral, a ordem e a segurança públicas: vós que ingressastes no quadro de oficiais, estais recebendo o encargo de pugnar para que cada vez mais se estreite essa relação entre a polícia e a democracia (JK – O). 5. Órgão auxiliar da Justiça, incumbido de fazer respeitar essas leis ou regras, e de reprimir e perseguir o crime: (o assalto à cozinha da escola) É caso de polícia , seu Clementino, não compete à Câmara (ACT); A polícia e o judiciário tinham que estar diretamente ligados à Procuradoria * (Concreto). (Não- animado) 6. delegacia: Papai teve que ir à polícia obter autorização para a projetada aventura (ANA). 7. viatura: a polícia retira-se, a luz vermelha manchando a escuridão da noite (CH) (Humano). 8. conjunto dos membros da: veio polícia aqui e revirou a casa toda (AF). 9. vigia ou grupo de vigias que presta serviço de segurança particular: Era um dos homens mais ricos do mundo. Dispunha de polícia própria (BH). 10. policial; guarda: Não sabia que era polícia (AGO).

Nas letras de *rap*, encontram-se os seguintes sentidos:

O **PM** lá da área era seu espinho
 O desafio, a crocodilagem no caminho
 De certa forma se tornava um alvo imobilizado
 Na cabreiragem um refúgio intocado
 Na malandragem uma entrada comemorativa
 Infelizmente um labirinto sem saída

Por vinganças se tornou um homicida
 Não suportou ver seu mano ser covardemente assassinado
 Justiça feita tendo acertado (*Esteja em paz*, RZO, Anexo 11).

Enquanto nós conversamos
 A **polícia** apreende e finge
 A marginalidade cresce sem precedência
 Conforme o tempo passa
 Aumenta é a tendência
 E muitas vezes não tem jeito
 A solução é roubar
 E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar
 O sistema é a causa
 E nós somos a consequência maior
 Da chamada violência
 Porque na real
 Com nossa vida ninguém se importa
 E ainda querem que sejamos patriotas (*Hey Boy*, Racionais MC'S, Anexo 15).

E os poderosos bem seguros observando
 O rotineiro holocausto urbano
 O sistema é racista e cruel
 (*Racistas otários*, Racionais MC'S, Anexo 7).

Nascido e criado na CDD
 Nascido preto e perseguido até morrer
 Me ver na prisão é o desejo da madame
 Mas eu não tenho AP de 1 milhão em Miami
 Comprado e mobiliado com dinheiro do povo
 Eu olho pra TV e me sinto mais um bobo
 Contaminado e dominado pelo medo
 Aqui cadeia é pra puta, pobre e preto
 Sujeito homem, não sou homem sujeitado
 Nem sou condicionado a ser manipulado por ninguém
 Minha atitude vai além
 Falo por milhões, compreendido por menos de 100
 (*A voz do excluído*, MV Bill, Anexo 1).

Na madrugada da favela não existem leis
 Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez
 Vão invadir o seu barraco, é a polícia
 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia
 Filhos da puta, comedores de carniça
 Já deram minha sentença e eu nem estava na treta
 (*Homem na estrada*, Racionais MC'S, Anexo 8).

E hoje o que fazemos?
 Assistimos a tudo de braços cruzados
 Até parece que nem somos nós os prejudicados
 Enquanto você sossegado foge da questão
 Eles circulam na rua com uma descrição
 Que é parecida com a sua: cabelo, cor e feição
 Será que eles veem em nós um marginal padrão
 (*Racistas otários*, Racionais MC'S, Anexo 7).

QUADRO 5 – Unidade Lexical Polícia

Quadro Semântico da UL Polícia	
Polícia (Verbetes Registrados)	Rap (Letras de Rap)
Leis /Regras	Pm era só espinho./gambé
Disciplina	Polícia prende e finge./ A justiça criminal é implacável. Tiram sua família, sua liberdade e moral.
Assegurar a Moral/ Boa Ordem	Ninguém se importa
Perseguição ao Crime	Sistema Racista e Cruel/ Sistema Injusto
Atividade Policial/Reprimir o crime	Aqui cadeia é pra Puta, Pobre e Preto. / No meu país preconceito é eficaz.
Fiscalização	Não ser manipulado por ninguém.
Auxiliar da Justiça	Lei do Silêncio./ Lei é cada um cada um./ Lei do Cão./ Nossa lei é falha, violenta e suicida.
Viaturas/Corporação/ Conjunto de Membros	Borrachada/ Rajada de PT/
	Descrição parecida com a sua cor/ cabelo/Feição
	Crime financia seu sonho. Vida de crime é embaçado

Conforme se observou no quadro, a relação entre os *rappers* e a polícia se constitui a partir do enfrentamento e do confronto. No caso específico da cidade de São Paulo, de acordo com a historiografia sobre o movimento, constantemente os jovens eram perseguidos durante a noite e, principalmente, eram convidados a se retirarem da região central, até então, local de encontro e organização dos grupos de *rap*. Esse fato explica o surgimento das posses²⁴.

Em 2007, durante a Virada Cultural Paulista, evento cultural de parceria entre o governo do Estado e órgãos que apoiam a cultura, quando da apresentação do polêmico grupo Racionais MC'S, ocorreu um confronto entre os *rappers* e a polícia, que ganhou grande visibilidade na mídia em razão da violência praticada pelos *rappers* e também pela polícia.

²⁴ “As posses, no caso paulistano, constituem espaços de organização artístico-político característico do movimento *hip hop*, para os quais a ‘atitude consciente’ traduzida em expressões artísticas envolvendo o conhecimento da realidade é central. Nas posses o grande desafio é não sucumbir aos problemas postos na

Esse acontecimento reflete e confirma o modo como a cultura *hip hop* ainda é concebida pela segurança.

Por meio de depoimentos de jovens, relatados na literatura sobre o tema e nas próprias letras, observa-se que uma das principais queixas destinadas à instituição “polícia” refere-se às “batidas policiais” ou, em uma linguagem mais técnica, à abordagem policial. Muitos jovens relatam que, caso se encontrem na rua sozinhos ou em grupos de jovens negros, usando roupas largas e bonés, serão conseqüentemente abordados, sem nenhum motivo. Sobre isso, Guimarães (2004, p. 45) afirma:

Entre janeiro de 1993 e maio de 1997 foram registradas 275 queixas na Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo. Examinando as estatísticas, o primeiro fato que chama a atenção é a grande quantidade de queixas (72%) enquadradas pela autoridade policial como crime contra a honra (infâmia, injúria e difamação).

Esse argumento é reforçado pela pesquisa desenvolvida por um oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo, intitulada “A relação da Polícia Militar paulista com a comunidade negra e o respeito à dignidade humana: a questão da abordagem policial”.

A pesquisa teve como objetivo analisar como são os processos educativos dirigidos aos policiais militares na abordagem de pessoas negras. Ribeiro (2009) realizou pesquisa de campo, observando o modo como os jovens negros eram abordados, quais eram as evidências para que alguém se tornasse suspeito por ter cometido algum ato infracional. Durante o desenvolvimento da pesquisa, o autor percebeu, por meio da experiência profissional, que há, urgentemente, necessidades de reformas nos modos de abordagens, pois têm causado constrangimento e discriminação racial, especialmente em relação aos jovens negros. O autor fundamenta suas discussões em dois dos conceitos que regem as normas policiais: a dignidade humana e o poder da polícia.²⁵

periferia. Tornar-se ‘mais um sobrevivente’ implica buscar o apoio nos próprios manos e denunciar as formas de opressão, tensões e conflitos que marcam o cotidiano juvenil na metrópole” (SILVA, 1999, p. 33).

²⁵ Para Sarlet (2001) *apud* Ribeiro (2009), a dignidade humana constitui atributo da pessoa humana, individualmente considerada, não podendo ser confundida com a referida à humanidade como um todo. É pessoal, íntima, própria e deve ser reconhecida, respeitada, promovida e protegida, pois é qualidade integrante e irrenunciável da condição humana. Não é criada, nem concedida pelo ordenamento jurídico, motivo por que não pode ser retirada, pois é inerente a cada ser. O poder da polícia é o mecanismo de frenagem de que dispõe a administração pública para deter os abusos do direito individual. Por esse mecanismo que faz parte de toda a administração, o Estado (em sentido amplo, União, Estados e Municípios) detém as atividades dos particulares que se revelam contrárias, nocivas ou inconvenientes ao bem-estar social e à segurança nacional.

No campo semântico da unidade *polícia*, segundo nos apresenta as letras de *rap*, observa-se a presença de unidades como *sistema, crime, violência, sem lei e injustiça*. De acordo com a perspectiva aqui adotada, relata-se que qualquer crítica ao Estado, constituído pela União, municípios e estados, perpassa obrigatoriamente ao papel da polícia e suas práticas nas favelas, sendo estas caracterizadas pela violência e até mesmo por uma acusação de preconceito e discriminação.

De modo geral, as críticas dirigidas à polícia relatam experiências de crueldade: “vieram para arregaçar, comedores de carniça, cheios de ódio e malícia”. Em nenhum momento, nas unidades analisadas, parece existir espaços para alteridade ou propostas a fim de possibilitar novos comportamentos no interior das favelas.

De acordo com o que nos propõe Certeau (2009), o Estado possui um conjunto de “estratégias” ou mecanismos de poder para diminuir qualquer ameaça à sociedade como um todo. Para tanto, utiliza-se o papel da polícia, que se torna peça fundamental para a concretização da estabilidade. No entanto, essa estabilidade é fruto de muita violência, crime e silenciamento de muitas vozes, ou seja, é a lei da favela, o silêncio.

As táticas, na perspectiva de Certeau (2009), são utilizadas pelos moradores periféricos, efetivadas pela participação e atitude dos *rappers*. Assim, os *rappers* podem ser considerados os legítimos porta-vozes da periferia, primeiro porque moram nesse espaço (pertencimento) e conhecem (autoconhecimento) os preconceitos que precisam ser superados diariamente. Os *rappers*, tanto quanto a polícia, utilizam a violência, porém, nesse caso, por meio da linguagem, com muitas gírias, palavrões e estereotipagem, em que todos os policiais são colocados na mesma categoria, assim como parece ser o comportamento da polícia em relação a eles.

Para a unidade lexical *polícia*, observa-se a formação de um neologismo semântico, conforme Guilbert (1975) constata, que a palavra se constitui a partir de um signo base, no entanto, o sentido estabelecido é outro. Se, nos dicionários, observa-se a descrição de uma instituição que tem por função a preservação da ordem pública, proporcionando à sociedade tranquilidade e segurança, nas letras de *rap*, o sentido é de instituição falida, corrupta, racista e repressiva, que não atende as necessidades de determinada camada social.

Além de caracterizá-la como uma unidade que possui um neologismo semântico, observa-se que a unidade possui carga cultural compartilhada, ou seja, uma simples elucidação da palavra *polícia*, no interior da periferia, associa-se à violência a seus moradores.

Assim, propõem-se os seguintes “neologismos semânticos” para a unidade:

1. A polícia é o reflexo de um sistema racista, cruel e injusto.
2. A polícia não é garantia da sua liberdade e do seu respeito.
3. No Brasil, cadeia é local para grupos específicos, em geral, negros, pobres e moradores de periferia.
4. A lei criminal no Brasil é falha, violenta e suicida.

Tendo disposto sobre a relação entre a polícia e os *rappers* no interior da periferia, caracterizada pelo confronto, pela agressividade e pela explicitação de preconceitos, no item seguinte, abordar-se-á como as práticas do *hip hop* e do *rap* são destacadas nos dicionários e nas letras.

4.1.4 Análise das Unidades Lexicais *Hip Hop* e *Rap*

Neste item, analisar-se-á como as unidades lexicais *hip hop* e *rap* se encontram presentes nos dicionários e nas letras de *rap*.

Entrada no *Míni Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa*:

Hip Hop: sem ocorrência

Rap: /raep/ música popular em que a letra é declamada ao ritmo de batidas fortes. Pronuncia-se rép.

Hip Hop: Sem ocorrência.

Entrada no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa:

Hip Hop: Sem ocorrência.

Rap: Sem ocorrência.

Entrada no Dicionário de Usos da Língua Portuguesa:

Hip Hop: Sem ocorrência.

Rap: num (inglês) estilo musical que se constitui de um monólogo de ritmo acelerado geralmente contendo crítica social e melodia bastante singular:

Como cantor, Hayes foi um dos percussores do estilo falado que gerou o rap (ESP); já escreveu esse dois livros de poesias e agora é compositor de rap.

Nas letras de rap, encontram-se os seguintes sentidos:

Desce, é o que acontece
Isso um pouco de cultura de rua, RZO
E agora me diga se tá ligado
São Paulo, é nosso lugar é zona oeste e tal

(*Assim que se fala*, RZO, Anexo 10).

O compromisso é com o povo é o x da questão
é o resgate do ladrão
a música do irmão, a recuperação
lotada de reflexão ai jão (sic) pode cre Sabotage
rap é o som e tenho o dom
da imaginacao trilha sonora e facção
VPN rap nacional ponto com
bem vindo ao jogo
ao dicionário marcado

(*A cultura*, Sabotage, Anexo 16).

Por aqui, só fizeram guerra toda hora
acontecimentos vêm revela vida do crime não é pra ninguém
nem quanto houver desvantagem
só ilude um personagem, é uma viagem
a minha parte, não vo (sic) fazer pela metade
nunca é tarde, Sabotage
esta é a vantagem
RAPPER de fato grita e diz
O *rap* é compromisso não é viagem
se pá fica esquisito aqui Sabotage

(*Rap é compromisso*, Sabotage, Anexo 13).

De São José, Canão, a Zona Norte, só base pesada, pancada, ideia forte
Antes era rebelião, Tropa de Chock, hoje é revolução, é **Hip-hop**
Quero ver maluco quem vai me deter, ideia de periferia tudo no meu nome
Pra ficar melhor pra você, vida do crime é embaçado, não queira conhecer
Vou dizer, eu já paguei, veneno de montão, mas compreendi, minha cara é o mundão
O infrator tá presente, na rima consciente, e canto pra rapaziada, paz dominou a mente

(*Segue sua rota*, Sabotage, Anexo 14).

Rap pro futuro é um parceiro forte, se liga locke, se toque
Siga sua rota, se vacilar, Plow
se não constar você não vai gostar, não queira conspirar
Segue sua rota, e dá e volta, entra e sai da quebrada sem escolta
Se vacilar, Plow, se não constar, Plow, Plow
vai ser ruim de aturar, vai ser ruim de aturar

(*Segue sua rota*, Sabotage, Anexo 14).

Hip-Hop manifesto do gueto
 Sempre fez dueto, entre a fantasia e o real,
 pra combater o mal
 Foi ti por quem eu senti,
 quando eu vi pela primeira vez cola os Ice Tea
 Sonhos coloridos década de 80

(*Manifesto do gueto*, MV Bill, Anexo 4).

As ruas me ofereceram armas de fogo,
 através do **hip-hop** eu fui incluído no jogo
 Sem máscara de artista tô de volta na pista
 conflitando as ideias como faz o abolicionista

(*Manifesto do gueto*, MV Bill, Anexo 4).

Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho, entre no trem da
 malandragem, o meu **rap** é o trilho

(*Fórmula mágica da paz*, Racionais MC'S, Anexo 5).

Se liga, juca, favela pede paz, lazer, cultura
 Inteligência não muvuca
Rap é compromisso, esse é meu hino que me mantém vivo
 Então que seja (sic) breve e considere isso
 Branco e preto pobre não dão sorte contra o meritíssimo
 Então vai arriscar se errar tá perdido
 tipo um portador do vírus magoado esquecido
 Sem minha mãe, sem meu irmão, só meus filhos
 Porque do lado de lá da sul fica esquisito e pra prova ladrão, o **rap** é
 compromisso
 Pra uns pode até ser, pra maioria num é viagem

(*Atitude errada*, MV Bill, Anexo 3).

Não represento o **Hip Hop**, só falo pelo pobre, que sempre se fode, guiado
 pelo Ibope
 Televisão, ilusão tudo igual
 Faz você gastar o seu dinheiro no carnaval
 Faz o meu povo ser ridicularizado, inferiorizado, engraçado, hostilizado
 Tá tudo errado, o orgulho foi roubado
 As marcas de um passado que não foi cicatrizado

(*A voz do excluído*, MV Bill, Anexo 1).

Te arranjo emprego, roupa nova
 Meu emprego é o **hip-hop**, minha roupa é da hora
 Temos o mesmo sangue...
 Ah! Sobrenome não é nada, eu não colo com *play*
 Mas saio andando, voando
 Me exclui dos seus planos
 Eu o revoltado, já tenho aliado
 Sou *rapper* bem!
 Sou aliado dos manos

(*Ao favile e a favela*, MV Bill, Anexo 2)

QUADRO 5: Unidade Lexial *Hip Hop* e *Rap*

Quadro Semântico da UL <i>Hip Hop</i> e <i>Rap</i>	
Rap (Verbetes Registrados)	Rap (Letras de Rap)
Gênero Popular Música popular Estilo Musical Ritmo Acelerado	Falar pelo pobre Manifesto do Gueto Cultura de Rua To com microfone. É tudo no meu nome
Conversa	Na batida do rap vou dizendo o que sucede.
Canto Ritmado	Rima Consciente Ritmo de Rua
Batidas Fortes	Aliado dos manos Liberdade é o que falo.
Crítica Social	Revolução
Melodia Singular	Fantasia e Real Na minha história eu não serei coadjuvante. Isso não é sermão
	Rap é Compromisso Meu hino que me mantém vivo
	Dicionário marcado
	Rap é o som Rap é minha alma

De acordo com as acepções presentes nos dicionários, observa-se que o *rap* é descrito como gênero/estilo popular e musical, produzido por meio de uma batida/melodia repetitiva e acelerada, que possui como conteúdo uma crítica social dirigida ao sistema. Nos dicionários utilizados para a pesquisa, não foram encontrados verbetes que explicitassem a unidade *hip hop*. Esse fato pareceu estranho, visto que, juntamente com o *rap*, o *break*, o grafite, a Literatura Marginal e o basquete de rua, compõe o que se nomeia como movimento *hip hop*.

O *hip hop*, desde que chegou ao Brasil, tem aglutinado grande parcela de moradores de periferia nos grandes centros urbanos; de modo especial, os jovens. Esses jovens encontram no *hip hop* um “universo cultural no qual se desenrolam sociabilidades, definem-se trajetórias, constroem-se sentidos e territorialidades” (HERSCHMANN, 2000, p.

63). A construção de sentidos, de fato, é o que realmente nos motiva à realização desta pesquisa. Assim, para realizá-la, foram utilizados dois instrumentos: os dicionários e a linguagem do *rap*.

No caso dos dicionários, a ausência da unidade *hip hop* pode significar, em parte, um desconhecimento do lexicógrafo em relação ao que seja realmente o movimento e acerca de sua importância para as pessoas que se identificam com ele ou, ainda, que os discursos e textos utilizados pelos lexicógrafos não retomem a linguagem dos *rappers*.

Sobre isso, Biderman (2004 p. 194) afirma que os lexicógrafos devem utilizar um *corpus* de aproximadamente dez milhões de ocorrências, de todas as modalidades de discurso e texto, que relatem o universo linguístico dos falantes. Além disso, a autora relata a falta de preparo dos elaboradores dos dicionários, visto que eles são carentes de ciência linguística. Assim, embora muitos dicionários se proponham a objetivos diversos, como a preocupação com diferentes gêneros textuais, a eficácia pedagógica ou, ainda, a preocupação com o uso, eles ainda continuam a produzir “práticas centenárias, sem criticá-las e adequá-las ao nível atual dos conhecimentos lingüísticos” (BIDERMAN, 2004 p. 195).

Contribui para essa afirmação um posicionamento elaborado por Correia (2006), que supõe que, embora os dicionários possuam funções descritivas e pedagógicas, eles também podem ser considerados depósitos de preconceitos, em especial no momento das abonações, sendo que o preconceito pode ocorrer de dois modos distintos.

O primeiro modo se refere ao nível do “próprio léxico”, por meio da significação que se atribui a tal palavra e do uso que se faz dela ou, no nível do dicionário, por meio da “forma específica” como os lexicógrafos descrevem suas unidades, o que se nota pelas escolhas que faz ao descrevê-las, buscando, assim, aquilo que é “social e politicamente correto na sociedade de seu tempo” (CORREIA, 2006, p. 156).

Por outro lado, nas letras de *rap*, a cultura *hip hop* e seu gênero musical têm significado aos seus ativistas uma tática de “salvação”, que poderá promover ascensão social, possibilidade de inserção no mercado de trabalho, contato com diversas expressões artísticas, como o *break* e o *grafite*, e diferentes práticas de linguagem, sejam elas escritas, sejam faladas. No caso da linguagem falada, ou seja, nas letras de *rap*, observa-se uma preocupação com o interlocutor, pois o objetivo é que a mensagem seja transmitida de modo direto, a partir de suas experiências, proporcionando maior legitimidade ao seu discurso.

Dentre os sentidos atribuídos ao *rap*, nas letras, destaca-se a associação com o adjetivo compromisso. Desse modo, o *rap*, juntamente com o *hip hop*, tem sido compreendido

por uma espécie de “compromisso” com as lutas da periferia. Essa associação, muito provavelmente, relaciona-se com a importância do *rapper* Sabotage no cenário do *hip hop*.

Em 2001, Sabotage lançou o disco *Rap é compromisso*, com o selo musical Coisa Nostra. A partir do lançamento do disco e da difusão da música “*Rap é compromisso*”, foram frequentes as associações e retomadas dessa expressão em diversas letras produzidas posteriormente. Um fato que contribuiu para tal circulação foi a morte violenta do *rapper*, que ganhou grande visibilidade na mídia, pois o jovem estava envolvido com diferentes atividades culturais promovidas pelo *hip hop*. No entanto, sua participação no tráfico de drogas foi decisiva para seu destino trágico.

Para a unidade *rap* e *hip hop*, observa-se o neologismo alogenético e semântico. Além disso, a unidade apresenta carga cultural compartilhada, conforme aponta Gallison (1987), visto que os novos sentidos são compartilhados por diferentes grupos de *rappers*. Trata-se de um produto da relação que ocorre entre o homem e o meio social. Vincula-se ao uso. Fornece um complemento ao conteúdo já cristalizado na fala e excluído dos dicionários. Por fim, resulta de um processo automático entre o signo e sua carga cultural, bastando uma simples indução.

Com base nas letras, propõem-se os seguintes sentidos para as unidades:

Rap: 1. É o som da periferia. 2. Música de recuperação. 3. Trilha sonora e facção. 4. Dicionário marcado. 5. Rima consciente. 6. Parceiro forte para o futuro. 7. Falar pelo pobre.

Hip- Hop: 1. Cultura de rua. 2. Compromisso. 3. Revolução. 4. Manifesto do gueto. 5. Inclusão. 6. Fantasia e real. 7. Trabalho informal.

O *hip hop* e o *rap*, muito distante de serem unicamente um movimento e gênero musical, são expressões que, por meio do processo diaspórico, atingiram países como os Estados Unidos e o Brasil, carregando consigo imagens e reflexões que se (res)significam a partir de sua cultura e de seu povo.

No entanto, o movimento ainda é percebido com desconfiança, em virtude de seu desconhecimento, por grande parcela da população. Isso se confirma na ausência da lexia *hip hop*, nos dicionários utilizados na pesquisa. Assim, concebe-se o dicionário como um “produto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais

relevantes institucionalizações da civilização moderna” (BIDERMAN, 2001a, p. 18) e parece que a cultura ao qual a definição se associa é a da elite, visto que a cultura *hip hop* não se encontra privilegiada em tal produto.

No próximo item, discutir-se-á a importância da escola na periferia, e na vida dos *rappers*.

4.1.5 Análise da Unidade lexical Escola

Neste item, discutir-se-á sobre a relação do movimento *hip hop* com a educação dos jovens da periferia.

Entradas encontradas de acordo com o *Míni Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa*:

Escola: Estabelecimento de ensino. 2. Prédio em que este estabelecimento funciona. 3. Doutrina, teoria ou tendência de estilo ou pensamento (e. de Freud). 4. Conjunto de pessoas que segue um sistema de pensamento, uma doutrina, um princípio estético, etc. 5. Determinado conjunto de princípios seguido por artistas (e. clássico). 6. O que é adequado para transmitir conhecimento, experiência (auxiliar o pai foi uma boa e, para seus futuros empregos) e. normal loc. Subst. Escola que forma professores. E.de samba. Loc. subst. agremiação de sambistas, passistas, compositores, etc. Que desfila no carnaval.

Entradas encontradas de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*:

Escola (do grego, *pló*; lat. *Schola*). **1.** S.f. 1. Estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, ensino coletivo: escola primária; escola de medicina; escola de corte e costura. **2.** Estabelecimento onde se recebe ensino primário: Tenho saudades da escola onde aprendi a ler. **3.** Alunos, professores e pessoal de uma escola. **4.** Edifício onde funciona a escola. **5.** Sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer dos ramos do saber: A escola de Freud é fundamento de todas as correntes de psicoterapia analítica. **6.** Conjunto de adeptos e/ou seguidores de um mestre ou de uma doutrina ou sistema: escola freudiana. Escola estoíca. **7.** Determinada concepção técnica e estética de arte, seguida por muitos artistas: a escola de pintura flamenga. **8.** Ensino; exemplo, lição; As comunidades hippies procuram seguir a escola dos pensadores hindus. **9.** Estudo, conhecimento, saber: Coitada: não tem beleza nem escola, nem dinheiro. **10.** O que é próprio para instruir para dar experiência: A disciplina doméstica é uma escola para fazer homens responsáveis. **11.** Experiência, vivência: Sua compreensão e generosidade demonstram que teve boa escola. **12.**

Seguidores, imitadores: Sua boêmia criou escola entre os companheiros. **13.** Bras. Gir. Casa de jogo. Escola clínica. Filos. V. Cinismo (1) **Escola Cirenaica.** Filos V cirenaísmo. **Escola condoreira.** Liter. Escola literária da fase inicial da poesia romântica brasileira, cujos principais representantes são Castro Alves e Tobias Barreto e cujas características principais são a grandiloquência, o gosto das antíteses e hipérboles, etc. à maneira de Vitor Hugo, seu modelo e o aspecto social e político. **Escola de Alexandria,** Filos. **1.** Conjunto de escolas filosóficas e eruditas que floresceram na cidade de Alexandria, do século III. a.C. ao século III da nossa era. Algumas das tendências do pensamento neoplatônico dessa mesma época. **Escola de Atenas.** Fil. O último período da academia (1) no século V, fim do quando em 529 foi fechada por Justiniano. **Escola de Éfeso.** Filo. Heraclitismo. Escola da Eléia. Filos. V. Eleatismo. **Escola de Megara.** Filo. Escola fundada por Euclides, o Socrático filósofo grego (c. 450-80 a.C.) e influenciada por Sócrates e pelo eleatismo. (Discípulo de Euclides – entre outros, Ebulides (séc IV a.C.) – desenvolveram, com os estóicos, uma lógica formalista das proposições). [sin: escola erística e escola megária]. Escola de Mileto. Filos. V. Milésimo. **Escola de Samba.** 1. Bras. Sociedade Musical e Recreativa, composta de sambistas, passistas, compositores, músicos, figurinistas, etc. e que promove festejos, espetáculos e desfiles (especialmente durante o carnaval). **2.** A sede desta sociedade, onde geralmente se praticam músicas e danças carnavalescas, ensaiando para os desfiles do carnaval. Escola dominical. Instituição essencialmente protestante, que ministra às crianças, aos domingos, educação religiosa e cívica. **Escola efésia.** Filos. V. Heraclitismo. Escola eleática. Filos V. Eleatismo. Filos V. Escola erística Filos V. Escola de Mégara. **Escola escocesa.** Filos. Corrente de pensamento representada pelos filósofos escoceses Thomas Reid (1770-1796), Dugald Stewart (1753-1828 e Thomas Brow (1778-1820), entre outros que se opunham ao fenomenismo de Locke e Hume apelando para o senso comum. **Escola hedonismo.** Filos. V. Cirenaísmo. Escola Itálica. Filos. V. Pitagorismo. **Escola Maternal** para crianças abaixo de 4 anos [Cf. Jardim da infância) Escola megária. Filos. V. **Escola de mégara.** Escola milésia. Filos V. Milésimo. **Escola mineira.** Liter. V. Grupo mineiro. **Escola normal.** Aquela que se destina à preparação de professores. **Escola Peripatética.** Filos V. Peripateísmo. **Escola pitagórica.** Filos. V pitagorismo. **Escola Socráticas.** Fil v. Pitagorismo. **Escolas socráticas.** Filos, V. Socratismo.

Entradas encontradas de acordo com o *Dicionário de Uso do Português*:

Escola: (Abstração de ação) 1. Instrução primária; estudo: um povo que possa dar teto e escola a todos os seus filhos (AR-O); Seu gosto era olhar os mapas que guardava dos tempos de escola (BH) (Abstração de estado). 2. doutrina: Qual é a sua escola? Segue os ensinamentos de Freud? (ANB); O positivismo era uma escola filosófica com caráter social (AST). 3. Saber, conhecimento; estudo: Não é possível limitar o problema da escola à preocupação cerebral (AE); A verdade é que eu não tenho nenhuma escola (REA) 4. exemplo; modelo: Esta virada serviu de escola para todos os nadadores da época (NOL). 5. Sistema de ensino: Na escola antiga faltava coesão de ensino (BIB); há uma escola tática definida em nosso futebol (TAF) (Classif: de + nome ou adjetivo). 6. Fonte de conhecimento ou

experiência: o locutor não nega que o rádio tenha sido uma grande escola (AMI) “Cada um tem de adquirir por si mesmo a educação”: disse Kerchenteiner, ao falar da escola do trabalho (BIB). 7. Doutrina estética: a lição abre-se com um poema de alta antropofagia (CV); as bandeiras de todas as escolas literárias tremulam aqui dentro (COR-O). **Concreto 8.** estabelecimento onde se ministra ensino sistemático e coletivo: Para as moças havia escola cujo objetivo era ministrar o ensino dos trabalhos caseiros (AE); o intercâmbio deve ser feito entre as escolas superiores e as empresas (PT) 9. Conjunto de adeptos de uma doutrina: Entre as teses defendidas por uma certa escola de pseudo-historiadores figurou sempre a de ter sido obra do acaso o descobrimento do Brasil (CRU). 10. Conjunto de membros de um estabelecimento de ensino: Josué via as escolas em formatura descendo alegremente a rua (COR- O). 11. Conjunto de seguidores ou adeptos. Seu trabalho fecundo ultrapassou as fronteiras americanas, para criar escola em todos os quadrantes do mundo jurídico (CPO); Meu parente José de Alencar fez escola (CT). **Função Adjetiva (nome + ~)** que é usado para ensinar; **escolar:** Aragão tinha assumido o comando do grupo de unidades escola (OL); museu poderá servir de sítio escola (ZH)* Núcleo de construção adjetiva (de + ~). 13. erudito: passando a interessar aos músicos de escola, o novo gênero acabaria se transformando em canção camerística (PHM) **da velha escola conservador; antiquado:** A última das regras apontadas não era bem vista entre os liberais da velha escola (EC).

QUADRO 6 : Unidade Lexical Escola

Quadro Semântico da UL Escola	
Unidade Escola (Verbetes Registrados)	Unidade Escola (Letras de Rap)
Ensino Coletivo Ensino Público e Privado Professores e Alunos	Só vão na escola para comer Não ter tempo ou cabeça pra escola. Não Levava nada a sério/Sem incentivo
Professores/ Funcionários	Na batida do rap vou dizendo o que sucede./Sem orgulho
Sistema/Doutrina	Be-a-ba do crime Lição de Rua/Sem respeito
Instrução	Nível de informação reduzido/Sem referencia
Transmissão do Conhecimento	Desinformação é o maior problema
Experiência Vivida	Dar educação para o seu filho
	Não ter preocupação
	Molecada sem futuro
	Como Aprender?

Conforme observado nos verbetes relacionados à unidade *escola* nos dicionários, os significados propostos são assinalados como um espaço de educação formal, que tem como premissa básica a formação de um cidadão, por meio da construção de

conhecimentos ou doutrinas que propiciem o desenvolvimento de atitudes que instituem valores, que, unidas, possibilitem que o cidadão seja crítico, ético e participativo. Além disso, nos dicionários, observa-se a descrição da escola como um espaço altamente organizado, constituído pela presença de alunos e professores.

Outro aspecto a ser ressaltado, na microestrutura dos dicionários, é a presença de lexias complexas, o que possibilita ao consulente maior visualização dos diferentes sentidos que a unidade pode adquirir, a partir de seu uso, em diversos contextos.

No que se refere às letras de *rap*, destacam-se com frequência as unidades *escola e educação*, o que permite afirmar que a educação é considerada como uma importante tática que possibilita ascensão social. Embora as escolas para os jovens moradores da periferia sejam percebidas como uma atividade não prazerosa e desconexa de suas realidades, as letras de *rap* procuram propor um novo modo de valorização da escola.

Nas letras, a escola é descrita como um espaço de sociabilidade, na medida em que possibilita o encontro entre os moradores de determinado bairro, proporcionando encontros, conversas e construções identitárias que podem levar a organizações mais estáveis, como as posses, no caso do *hip hop*. Além disso, a escola é espaço para suprir as carências e enfrentar problemas sociais, como a fome. Assim, muitas letras relatam que “só vão à escola pra comer apenas, nada mais”.

No entanto, enquanto membros participantes e ativos na vida da periferia, os *rappers* reconhecem que, além dos problemas como a violência, a miséria e a pobreza, deve-se destacar que o nível de informação é reduzido, o que provoca desinformação e desconhecimento, possibilitando, posteriormente, uma condição de vida precária. A carência de emprego poderá levar os jovens, muitas vezes, para caminhos ilícitos, como o tráfico de drogas, visto que esse parece ser um caminho mais rentável.

Além da escola, cabe aos pais a educação de seus filhos. Assim, a educação se constitui como um processo gradual e contínuo da escola e da família.

Também, além da escola, dos professores e dos pais, os *rappers* também se comprometem com a formação social dos jovens moradores da periferia, no entanto, a educação promovida pelos *rappers* constitui-se a partir das experiências que eles viram ou vivenciaram no cotidiano da periferia.

O objetivo dos *rappers* é propiciar um discurso que possibilite compromissos imediatos e práticos que suscitem a formação de uma consciência mais crítica para seus ouvintes. Desse modo, os jovens transformam o lazer em uma forma de luta e resistência, por meio de uma ação coletiva voltada para o exercício da cidadania. Tanto a educação

proveniente dos pais como dos *rappers* é compreendida como prática educativa, visto que tais práticas não ocorrem de modo isolado, mas sim das relações sociais, políticas, culturais e econômicas realizadas nesse contexto.

Para Libâneo (2005), as práticas educativas ocorrem em diferentes contextos, dependendo da convivência individual e coletiva, sendo que ela pode ser formal ou informal. A educação formal ocorre no âmbito da escola, possuindo elevados “graus de intencionalidades, sistematização e institucionalização” (LIBÂNEO, 2005, p.32), conforme relatam as obras lexicográficas.

Por outro lado, as propostas elaboradas pelos ativistas da cultura *hip hop* permite classificá-lo como um espaço de educação informal, visto que se constitui a partir de projetos pedagógicos que promovem formas de estar no mundo, de solidariedade e representatividade social, na medida em que propicia uma alternativa à informação e uma nova conduta.

Para Souza (2009), além de espaço de educação informal, o *hip hop* é compreendido como uma importante agência de letramento, na medida em que promove um novo modo de relação com a língua e seu funcionamento. Nesse sentido, é capaz de articular novas informações, atribuindo-lhe diferentes valores para intervir e propor modificações no meio em que vive, pois o meio social, caracterizado pela miséria e violência, determina, em grande parte, as relações de sentidos por eles atribuídos tanto na escrita da letra de *rap* como na leitura.

Ao narrar sobre a vida nas periferias e suas adversidades, os *rappers* relatam visões negativas, como a delinquência, a violência, a desinformação e o desemprego, fruto da ausência de qualificação. No entanto, o grande desafio é reconhecer essa realidade e superá-la.

Partindo do pressuposto de que, para esses contextos, existem possibilidades de mudanças, cabe ao jovem a busca pela conquista em novos espaços, e isso somente ocorrerá por intermédio do conhecimento. Desse modo, pode-se afirmar que, assim como a escola, o *hip hop* é uma tática, no sentido proposto por Certeau (2009), que possibilita ascensão.

Por fim, tendo como base as letras de *rap*, propõem-se os seguintes neologismos semânticos para a unidade *escola*, que serão explicitados a seguir.

Escola: 1. Espaço caracterizado pela carência afetiva e material. 2. *Hip Hop* e escola possuem funções complementares. 3. Os jovens não possuem referência e incentivo para o estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão desta dissertação se inicia com algumas reflexões e alguns apontamentos importantes acerca da produção acadêmica sobre a cultura *hip hop*.

De modo geral, percebeu-se, durante o levantamento bibliográfico para a constituição do arcabouço teórico desta pesquisa, que existem diversos estudos, com diferentes métodos, realizados por áreas como Sociologia, Antropologia e Educação, os quais se fundamentam na descrição dos papéis sociais dos jovens nas sociedades modernas.

Atualmente, a visão de juventude se mostra instável e vem perdendo prestígio no imaginário social. Ao que se refere aos jovens negros, ativistas da cultura *hip hop*, observa-se que, apesar de o movimento ter conquistado um espaço entre as culturas juvenis, ele ainda é alvo de preconceitos.

Assim, o estudo das práticas artísticas e sociais dos jovens *rappers* é importante e significativo, na medida em que desenvolve novas modalidades de uso da língua.

Sobre as pesquisas realizadas no campo da Linguística Aplicada Mestiça, de natureza interdisciplinar, que retoma teorias que tratam do mundo real, e sobre problematizações referentes ao uso da linguagem, dentro ou fora da sala de aula, afirma-se que se encontram poucos estudos realizados sobre o *hip hop*. Essa escassez e, conseqüentemente, a carência bibliográfica dificultaram a realização deste trabalho, mas certamente não impediram sua conclusão, que neste momento se apresenta.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que, na linguagem dos *rappers*, ocorrem (res)significações. Essa proposição se confirmou positiva, durante o desenvolvimento do estudo, conforme observou-se no capítulo IV desta dissertação. Para chegar às (res)significações propostas por meio das letras de *rap*, amparou-se nas Ciências do Léxico, compostas pela Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura.

A Lexicologia ofereceu subsídios para descrever e observar, de modo científico, como o léxico se constitui e possibilitou discussões e reflexões sobre neologismo. O conceito de neologismo orientou a pesquisa, visto que surge a partir da necessidade de apreender o real. Aqui, o real é constituído pela precariedade da vida na periferia. Nas análises realizadas, destaca-se que as unidades lexicais propostas pelos *rappers* são, em sua grande maioria, caracterizadas como neologismos semânticos. O neologismo semântico permite a ampliação do campo semântico da língua e, conseqüentemente, a renovação lexical.

A Lexicografia, na mesma direção, proporcionou conhecimentos científicos acerca do dicionário, de seus objetivos e de suas distinções, no entanto, conclui-se que, embora as obras analisadas nesta dissertação sejam de diferentes tipologias, os sentidos por elas explicitados são semelhantes. Portanto, o dicionário informa como a língua deveria ser, não como ela é realmente, visto que isso é impossível, em razão da característica de instabilidade do léxico, o que dificulta a apreensão de seus inúmeros sentidos. Por esse motivo, o dicionário, além de “produto cultural e de registro da língua”, é um material didático precioso para a formação dos alunos, haja vista que promoverá o desenvolvimento da competência linguística dos falantes.

A Lexicultura possibilitou o estudo da cultura, por meio da descrição da língua. Ao destacar a cultura no interior do *hip hop*, encontra-se amparo em Barbosa (2001), Galisson (1987) e Certeau (2009), que explicitam que, para que exista cultura, é necessário que “as práticas sociais tenham sentido para aqueles que as realizam, pois a cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar” (CERTEAU, 1995, p. 9).

Essa afirmação do autor dialoga com o modo de fazer cultura na periferia, visto que, no caso do *hip hop*, as práticas artísticas implantadas pelos jovens no interior da periferia refletem a realidade da violência tão característica na vida de seus moradores.

A partir desse arcabouço teórico, constituído também pelo contexto histórico do movimento *hip hop* e do estudo das ciências do léxico, presente no primeiro e segundo capítulos, buscou-se responder às perguntas da pesquisa, propostas na introdução: *Como os jovens ativistas da cultura hip hop produzem outros sentidos no uso social da língua através do rap? Quais as motivações desses jovens?*

De acordo com as análises realizadas a partir das unidades lexicais *mãe*, *periferia*, *favela*, *gueto*, *polícia*, *hip hop* e *escola*, conclui-se que os dicionários explicitam como a língua deveria ser. As definições propostas pelos lexicógrafos possibilitam o acesso a realidades muito diferentes daquelas descritas pelos *rappers*, por isso os afastamentos em relação aos sentidos são frequentes.

No caso das letras de *rap*, as unidades lexicais estão destacadas dentro de um contexto, caracterizado pelas chacinas, pela violência policial, pelo racismo, pela miséria e pela desagregação social que atingem jovens negros e pobres. Desse modo, os sentidos são construídos a partir desse universo de referência, e é nesse espaço que os sentidos devem ser compreendidos. Acredita-se aqui, por meio da análise das letras, que as principais motivações

desses jovens são, além de (res)significar a linguagem para a sua realidade, é também desconstruir estigmas que associam os ativistas do movimento à criminalidade.

Provavelmente, a resposta a tal indagação foi respondida durante o desenvolvimento da pesquisa, e o (re)encontro, aqui nesta conclusão, parece claro, embora se reconheça que ainda há muito a se pesquisar sobre a relação do dicionário com as letras de *rap*.

Acredita-se que outras reflexões poderão surgir a partir desta, sejam elas decorrentes do contato com outras letras, na busca por outros sentidos, nas entrevistas e nos questionamentos realizados com jovens ativistas, sejam na busca por novas temáticas e novos significados.

Espera-se ter contribuído para a prática didática de outros professores de língua portuguesa ou, no mínimo, despertar interesses em conhecer formas de organizações de grupos juvenis que utilizam a linguagem de maneira ativa, com o objetivo de construir outros mundos possíveis e menos crueis.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1999.
- ANDRADE, E. N. A. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso de jovens rappers de São Bernardo do Campo*. 1996. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 1996.
- ANDRADE, J. P. *Cidade cantada: experiência estética e educação*. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BAKTHIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: EdUFMS, 2001.
- BARBOSA, A. L. M. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.1, n. 10/11, p 31 - 41 2008/2009.
- BIDERMAN, M.T.C. *Léxico e Vocabulário fundamental*. . In: Alfa. n.28. São Paulo: Editora Unesp, v.40, 1996.
- _____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: EdUFMS, 2001a.
- _____. *Teoria lingüística – Teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M.G. (Org.) *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: EdUFMS, 2004.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários. Uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador. Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei No. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei No 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei 11.645/08. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “Historia e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”

CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobransky. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *A invenção do cotidiano. Artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 3ed, 2009.

CORREIA, M. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. *Alfa, Revista de Lingüística – Homenagem a Maria Tereza de Camargo Biderman*, v.50, n. 2, p. 175-171, 2006.

DAYRELL, J. T. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. *O que é, afinal, estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FÉLIX, J. B. J. *Hip hop: política e cultura no contexto paulistano*. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GALISSON, R. *Accéder à la culture par l'entremise des mots à CCP*. Études de Linguistique Appliquée, 67, p. 109-151, 1987

GILROY, P. *O Atlântico Negro – Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

GIMENO, P. C. *Poética versão. A construção da periferia no rap*. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GIRARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes do fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GOMES, N. L. *Diversidade cultural, currículo e questão racial. Desafios para a prática pedagógica*. In: ABRAMOWICZ, A.; BARBOSA, L. M. A.; SILVÉRIO, V. R. *Educação como prática da diferença*. Campinas: Ed. Autores Associados, 2006.

GUILBERT, L. *La Créativité lexicale*. Paris. Larousse, 1975.

GUIMARÃES, A. S. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004.

HERSCHMANN, M. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2000.

HÖFLING, C. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. 373 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

JOVINO, I. S. *Escola: as minas e os manos têm a palavra*. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

LEVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Tradução Maria Celeste de Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacionam, 1976.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, pra quê?* São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, M. S. *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

LINDOLFO FILHO, J. *Hip hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social*. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2007.

LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e aplicada*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

_____. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica – Interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, Editora Parábola, 2006.

- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das nações de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDAO, A. A. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 2004.
- NASCIMENTO, E. P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 2006. 211p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.
- ORTIZ, R. *Cultura e identidade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- RIBEIRO, A. E. *A relação da polícia militar paulistana com a comunidade negra e o respeito à dignidade humana: a questão da abordagem policial*. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- ROCHA, J; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. *Hip-Hop- a periferia grita*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- SARLET, I. W. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. Porto Alegre: Livraria do Advogado: 2001.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1969.
- SCHWARCZ, L. M. Raça sempre deu o que falar. In: FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Ed. Global, 2006.
- SILVA, J. C. G. Arte e educação: a experiência do movimento *Hip Hop* paulistano. In: ANDRADE, E. N. (Org.). *Rap e educação. Rap é educação*. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngüe: uma verificação dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. O.; BENTO, C. D. S. (Org.). *A construção de dicionários de conhecimento lexical*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

SILVÉRIO, V. R. Ações afirmativas: percepções da “casa grande” e da senzala. In: BARBOSA, L. M. A.; SILVA, P. B. G. (Org.). *De preto a afro-descendente. Trajetórias de pesquisas sobre relações étnicos raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. 2009. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada/ Língua Materna) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, A. R. M. *Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MC’S*. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

VILLAR, M. S. *Palavras Iniciais*. In: *Míni Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

Sites Consultados

CIFRA CLUBE. *A lei*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/rzo/70518/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Ao favile e a favela*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mv-bill/1125563/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Assim que se fala*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/rzo/70522/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Atitude errada*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mv-bill/97246/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *A voz do excluído*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cidade-negra/226180/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

Central única das favelas. Disponível em: <http://www.cufa.org.br/in.php?id>manual_basquete>. Acesso em: 5 jan. 2011.

CIFRA CLUBE. *Esteja em paz*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/rzo/1085579/>>. Acesso em: 4 nov. 2010.

CIFRA CLUBE. *Fantástica fórmula mágica da paz*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/formula-magica-da-paz.html>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Fim de semana no parque*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/fim-de-semana-no-parque.html>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Homem na estrada*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/homem-na-estrada.html>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Manifesto do gueto*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mv-bill/747750/>>. Acesso em: 4 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *No Brooklin*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/sabotage/no-brooklin.html>>. Acesso em: 7 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Racistas otários*. Disponível em: <<http://racionais-mcs.musicas.mus.br/letras/796245/>>. Acesso em: 7 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Rap é compromisso*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/sabotage/65058/>>. Acesso em: 7 out. 2010.

CIFRA CLUBE. *Segue sua rota*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/sabotage/1532234/>>. Acesso em: 9 out. 2010.

CUFA. *Manual do Basqueteiro. 2008/2009*. Disponível em: <http://www.cufa.org.br/in.php?id=manual_basquete>. Acesso em: 6 jan. 2011.

MV Bil. Disponível em: <<http://mvbill.blogspot.com/>>. Acesso: 22 out. 2011.

RACIONAIS MC'S. Disponível em: <<http://meadd.com/racionaismcs/5603386>>. Acesso em 12/11/2011

SANDRÃO RZO. *O braço direito da favela*. Disponível em: <<http://www.sandraorzo.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SABOTAGE. Disponível em: <<http://sabotagehp.vilabol.uol.com.br/secao/discografia/index.htm>>. Acesso em: 4 out. 2010.

Audiovisuais

1000 TRUTAS, 1000 Tretas. Direção Grupo Racionais MC'S. São Paulo: Selo Equilíbrio; Cosa Nostra; Ice Blue, 2007. 1 DVD (75 min.), son., color.

Obras de Referência

BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1910-1989. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Míni Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

7 ANEXOS

ANEXO 1 – A voz do excluído – MV BILL

A Voz do Excluído

MV Bill tá em casa
 Pode acreditar
 Terrorismo: A voz do excluído tá no ar
 Mais um guerreiro do Rio de Janeiro
 Buscando alternativa pra sair do coma brasileiro
 Considerado louco por ser realista, maluco e não me iludo com vidinha de artista
 Guiado por Jesus, tenho minha missão
 Guerreiro do inferno, traficante de informação
 Chapa quente, favelado é o nome
 Falo pelo menor que nunca teve danone como você
 Sei que é difícil de entender
 Você nunca sofreu como eu lá na CDD
 Não acredito que o povo é contente
 Quem ri da própria miséria não é feliz, está doente
 Que não sente que esta sendo massacrado, drogado, vem sendo embriagado
 Não represento o Hip Hop, só falo pelo pobre, que sempre se fode, guiado pelo IBOPE
 Televisão, ilusão tudo igual
 Faz você gastar o seu dinheiro no carnaval
 Faz o meu povo ser ridicularizado, inferiorizado, engraçado, hostilizado
 Tá tudo errado o orgulho foi roubado
 As marcas de um passado que não foi cicatrizado

O que você vai fazer agora
 Pra mudar a regra
 O que você vai fazer agora
 Pra mudar a real

Nascido e criado na CDD
 Nascido preto e perseguido até morrer
 Me ver na prisão é o desejo da madame
 Mas eu não tenho AP de 1 milhão em Miami
 Comprado e mobiliado com dinheiro do povo
 Eu olho pra TV e me sinto mais um bobo
 Contaminado e dominado pelo medo
 Aqui cadeia é pra puta, pobre e preto
 Sujeito homem, não sou homem sujeitado
 Nem sou condicionado a ser manipulado por ninguém
 Minha atitude vai além
 Falo por milhões, compreendido por menos de 100
 Da CDD a baixada fluminense, se gerou conflito meu amigo então pare e pense
 FHC não da nada pra favela
 Só da carnaval, miséria, policia e novela

Que coisa linda, cheia de graça
Família disputando seu almoço na praça
FMI vai achar sensacional
Quem gosta de miséria é intelectual
M V B I L L, preto na mente, na roupa e na pele
Cidade Negra, CDD tá no ar na hora de comprar a chapa pode esquentar

O que você vai fazer agora
Pra mudar a regra
O que você vai fazer agora
Pra mudar a real
O que você vai fazer agora
Pra mudar a regra
O que você vai fazer agora
Pra mudar a real

ANEXO 2 - AO favile e a favela – MV BILL

Faz tanto tempo que a gente não se vê
 Eu tô legal, como anda você
 Eu vô levando a vida
 Fazendo o meu porre
 A estrada é estreita
 Faço meu caminho
 Vou tirando os espinhos
 Mas não vou sozinho
 Tenho uma quadrada tenho uma p..
 Cuidando de mim,
 Preciso me defender,
 Me proteger
 A lei da rua é assim: pura e seca
 Matar ou morrer, mas tô feliz em te ver fala mais de você
 Tá morando aonde?
 Onde você se esconde?
 HMM
 Ta fazendo o que?

Na faculdade me informei Dr.
 Tenho uma multi-nacional, parque nobre, carro importado, viajei ao mundo num jato particular, casa é minha alegria nas Bahamas, tenho tanta grana, tanto tempo morando lá fora, que português não sei mais falar
 Esqueci a pobreza
 Fato lá na mesa
 Você tá na mesma
 Já deu pra notar

Tu tá tirando a favela
 Não faz assim não
 Comigo a vida foi dura, foi sem opção
 Era isso ou nada, não vem me julgar
 Você não sabe o que é passar fome, não ter onde dormir, não ter onde morar
 Você sabe tudo, estudou a fundo
 Eu não conheço São Paulo direito
 Conheço o BOPE, o vício, a boca do lixo
 Conheço tetra enguicil, bala de míssil
 Conheço armas de guerra, tudo quanto é favela
 Conheço que não é certo, a morte de perto
 Conheço a satisfação, de quem pega tomate estragado no final da feira
 De quem rouba o lixo do restaurante dos brancos
 Conheço João
 Conheço Maria,
 Que fala do tio, do primo e da tia

Nem tudo é tão bom, tá legal
 Minha mãe não vai bem de saúde
 Meu pai arrumou outro alguém, tá morando em Paris

E eu tenho várias mulheres, sou bem sucedido, e a família? teu irmão tá legal???

Meu irmão foi baleado num assalto á banco
Tá entre a vida e a morte no leito de um hospital
Tá mal e tal, não tá legal
Também..
O garoto era bicho solto, era cachorro louco
Se julgava o tal só porque tava no time do bola + 1
Meu pai tá se matando de tanto beber
E minha mãe tem quarenta e tra-lá-lá
Mas o sofrimento faz envelhecer
A coroa parece que tem sessenta, mas tá branca
Vai editando entre trancos e barrancos

Precisamos se encontrar começar a se ver
Somos opostos, nada a ver

Aparece lá em casa qualquer dia
Não não meu lugar é na periferia

Te arranjo emprego, roupa nova
Meu emprego é o hip-hop, minha roupa é da hora

Temos o mesmo sangue..
Ah! Sobrenome não é nada, eu não colo com play
Mas saio andando, voando
Me exclui dos seus planos
Eu tô revoltado, já tenho aliado
Sou rapper bem!
Sou aliado dos manos

Precisamos se encontrar começar a se ver
Somos opostos, nada a ver

Aparece lá em casa qualquer dia
Não não meu lugar é na periferia

Te arranjo emprego, roupa nova
Meu emprego é o hip-hop, minha roupa é da hora

Temos o mesmo sangue..
Ah! Sobrenome não é nada, eu não colo com play
Mas saio andando, voando
Me exclui dos seus planos
Eu tô revoltado, já tenho aliado
Sou rapper bem!
Sou aliado dos manos

ANEXO 3 – Atitude Errada – MV BILL

Um dois três quatro cinco seis
M.V.BILL está de volta tentando conscientizar vocês
Parando pra pensar botando a cabeça no lugar
Pedindo a Deus para nos ajudar
Sem armas, unidos, sem violência entre nós
Vamos ter a certeza que na luta não estamos sós
Discussão, pancadaria não te leva a nada
ignorância não para, não para, não para, não para
Tapa na cara, soco no olho, tiro no peito, sangue no chão
Tem que ser trocado por um simples aperto de mão
Entre irmãos informação necessidade
Apesar de ser uma letra pode se tornar verdade
Depende dela, depende dele, depende de mim, depende de você
A vida é curta, procure alguma coisa boa pra fazer
Parar de se matar, nosso inimigo é outro
Prejudicado nessa guerra apenas nosso povo
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Atitude errada isso tem que mudar
Para os manos daqui
Para os manos de lá
M.V.BILL mandando fechado
Pode acreditar
É verdade nascemos, crescemos, morremos, esquecemos
De tudo que se passa na vida
Maternidade com pouca idade, lugar de tristeza
Lugar de alegria
Tem coisas na vida que não se resolve apenas puxando o gatilho
Tem que parar pra pensar na sua família, mulher e filho
Plantando as grandes sementes que a vida inteira você sonhou
Você vai vê o envelhecer, vai me dizer que você conquistou
Pra que isso aconteça você tem que deixar de ser dominado
A vida é um jogo marcado e agente só tá no primeiro ato
O sistema da as armas para a nossa destruição
Não faça o jogo deles, não seja o mais bobão
A cair nessa ilusão de brigar com seu irmão
É preciso união e não sangue no chão
Brigar não vale a pena seja qual for o motivo
Inveja, mulher, valentia só te faz arrumar inimigo
Se liga na fita se liga no papo se liga na CDD
M.V.BILL mandando um papo reto pra você
Para os manos daqui
Para os manos de lá
M.V.BILL mandando fechado
Pode acreditar
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Atitude errada isso tem que mudar

O problema da comunidade é a falta de informação
Sem referência larga a escola, cabeça virada vira ladrão
Droga confunde a cabeça, você não tem dinheiro então
Rouba, deu mole malandro foi preso desse jogo agora
Tá fora, chega de guerra, chega de morte, chega de sangue
chega de tiro, se continuarmos o nosso povo está perdido
A união não pode ser feita com a garrafa
pro bar, pro bar, pro bar se acabar na cachaça
Não vai ser a solução para acabar com o seu problema
Brigar com seu irmão agradando ao sistema
Nunca vi coisa mais bela
M.V.BILL sangue bom vindo diretamente da favela
Pra dar um toque na rapaziada
Que violência entre nós não nos leva a nada
Somente andar pra trás, somente regredir
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Atitude errada isso tem que mudar
Para os manos daqui
Para os manos de lá
M.V.BILL mandando fechado
Pode acreditar
Se liga parceiro na ideia que M.V.BILL vai te dar
Já tem a *polícia* na rua que é para bater, para matar
Enquanto eu falo a verdade você só pensa em beber
Só pensa em mulher sem camisinha, assim tu vai morrer
É preciso união, é preciso informação, para acabar, para acabar
parar de brigar, parar de beber demais
porque desse jeito vai ser difícil encontrar a paz
A solução do problema não é puxar o gatilho
Pode começar dando educação para o seu filho
Não se acabe nas drogas espere chegar sua hora
M.V.BILL adverte quem com a droga se mete
Acaba na vala boiando, otário, furado, crivado de bala
Com um tiro no peito e na cara
3 2 1, 1 2 3 M.V.BILL querendo ver a união na cabeça de vocês
Para os manos daqui
Para os manos de lá
M.V.BILL mandando fechado
Pode
acreditar
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Atitude errada isso tem que mudar

ANEXO 4 – Manifesto do Gueto – MV BILL

O que é deles não é nosso, o que é nosso é de todo mundo
 Chegou agora, então respeita vagabundo.
 Hip-Hop manifesto do gueto
 Sempre fez dueto, entre a fantasia e o real,
 pra combater o mal
 Foi ti por quem eu senti,
 quando eu vi pela primeira vez cola os Ice Tea
 Sonhos coloridos década de 80,
 quem viveu sabe o que isso representa
 Se não tem pique, não agüenta
 Conquistar pela força do dinheiro
 Tentaram apagar a luz de quem é verdadeiro
 Insistindo em descobrir o Eminem brasileiro
 São aqueles que desconsideravam o rap
 Que hoje tão brincando de ser preto em festa black
 Sem essa de querer ser meu representante
 Na minha história eu não serei coadjuvante

-Refrão-

Aprender, respeitar
 Sem querer seqüestrar
 Resistir, confrontar
 Dividir, conquistar

-Mv Bill -

As ruas me ofereceram armas de fogo,
 através do hip-hop eu fui incluído no jogo
 Sem máscara de artista tô de volta na pista
 conflitando as idéias como faz o abolicionista
 Desde o início, dependente do vício.
 Acionou o estopim, revelou o que há de bom em mim
 O 993, pela primeira vez a voz do pensamento foi pro palco
 Fazendo a multidão levantar a mão pro alto
 Respeita a habilidade no morro e no asfalto
 Agradeço, acho que ganhei mas nunca mereço
 Exercer a profissão perigo tem seu preço
 E o peso, de olhar na cara e ver quem da mancada
 Comédia que faz média na mídia, palhaçada
 Pra nós não pega nada, nossa saga continua
 Honestamente sou o filho defensor do ritmo de rua
 Marginal Menestrel

ANEXO 5 - Fantástica fórmula mágica da paz – RACIONAIS MC'S

Essa pôrra e um campo minado.

Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui,

Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho.

A minha vida é aqui e eu não consigo sair.

É muito fácil fugir, mas eu não vou.

Não vou trair quem eu fui quem eu sou.

Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim.

Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão e eu sempre respeitei, em qualquer jurisdição, qualquer área. Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária. Funchal, Pedreira e tal, Joaniza.

Eu tento adivinhar o que você mais precisa. Levantar sua "goma" ou comprar uns "pano", um advogado pra tirar seu mano.

No dia da visita você diz que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X.

Então, como eu tava dizendo, sangue bom, isso não é sermão, ouve aí: tem o dom?

Eu sei como é que é, é foda parceiro, Hee, a maldade na cabeça o dia inteiro.

Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem IBOPE, não tem rolê sem dinheiro.

Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer (HEE....).

Encontre uma de caráter se você puder. É embaçado ou não é?

Ninguém é mais que ninguém, absolutamente, aqui quem fala é mais um sobrevivente.

Eu era só um moleque, só pensava em dançar, cabelo black e tênis all star.

Na roda da função "mó zoeira!" Tomando vinho seco em volta da fogueira.

A noite inteira, só contando história, sobre o crime, sobre as tretas na escola.

Não tava nem aí, nem levava nada a sério.

Admirava os ladrão e os malandros mais velho.

Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga: o que melhorou? Da função quem sobrou? sei lá, muito velório rolou de lá pra cá, qual a próxima mãe que vai chorar?

Há! Demorou mas hoje eu posso compreender, que malandragem de verdade é viver.

Agradeço a deus, parei no meio do caminho e olhei pra trás.

Meus outros manos todos foram longe de mais:

Cemitério São Luis, aqui jaz.

Mas que merda! meu oitão tá até a boca, que vida louca!

Por que é que tem que ser assim?

Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim, "agora eu quero ver ladrão, pá! pá! pá!

Fim.

É... sonho é sonho, deixa quieto.

Sexto sentido é um dom, eu tô esperto.

Morrer é um fator, mas conforme for, tem no bolso e na agulha e mais 5 no tambor. Joga o jogo, Vamo lá, caiu a 8 eu mato a par.

Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz de encontrar a Fórmula mágica da paz!

Eu vou procurar, sei que vou encontrar, eu vou procurar, eu vou procurar, você não bota mó fé, mas eu vou atrás

(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Da minha fórmula mágica da paz

Eu vou procurar, sei que vou encontrar

Procure a sua(eu vou procurar, eu vou procurar, você não bota mó fé...)
 Eu vou atrás da minha(você não bota mó fé)
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Caralho! Que calor, que horas são agora? Dá pra ouvir a pivetada gritando lá fora.
 Hoje acordei cedo pra ver, sentir a brisa de manhã e o Sol nascer.
 É época de pipa, o céu tá cheio.
 15 anos atrás eu tava ali no meio.
 Lembrei de quando era pequeno, eu e os cara... faz tempo, faz tempo,
 E o tempo não para.

Hoje tá da hora o esquema pra sair, é... vamos, não demora, mano, chega aí!
 Cê viu ontem?
 Os tiro ouvi de monte!
 Então, diz que tem uma pá de sangue no campão.
 IH, mano toda mão é sempre a mesma idéia junto
 treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto.
 Traz a fita pra eu ouvir porque eu tô sem, principalmente aquela lá do Jorge Ben.
 Uma pá de mano preso chora a solidão.
 Uma pá de mano solto sem disposição.
 Empenhorando por aí, rádio, tênis, calça, acende num cachimbo... virou fumaça!
 Não é por nada não, mas aí, nem me ligo ô, a minha liberdade eu curto bem melhor.
 Eu não tô nem aí pra o que os outros fala. 4, 5, 6, preto num Opala.
 Pode vir gambé, paga pau, tô na minha na moral na maior, sem goró, sem pacau, sem pó.
 Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra, não sou pedreiro, não fumo pedra.
 Um rolê com os aliados já me faz feliz, respeito mútuo é a chave é o que eu sempre quis
 Procure a sua, a minha eu vou atrás, até mais, da fórmula mágica da paz.
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar
 Eu vou procurar, eu vou procurar
 Você não bota mó fé..., mas eu vou atrás....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
 Da fórmula mágica da paz.

Eu vou procurar, sei que vou encontrar
 Eu vou procurar, eu vou procurar
 você não bota mó fé..., mas eu vou atrás....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Choro e correria no saguão do hospital.
 Dia das crianças, feriado e luto final.
 Sangue e agonia entra pelo corredor.
 Ele tá vivo! Pelo amor de DEUS Doutor! 4 tiros do pescoço pra cima, puta que pariu a chance
 é mínima! Aqui fora, revolta e dor, lá dentro estado desesperador!
 Eu percebi quem eu sou realmente, quando eu ouvi o meu sub-consciente:
 "E aí mano Brown cuzão? Cadê você? Seu mano tá morrendo o que você
 Vai fazer?". Pode crê, eu me senti inútil, eu me senti pequeno, mais um cuzão vingativo(mais
 um).
 Puta desespero, não dá pra acreditar, que pesadelo,eu quero acordar.
 Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum, o Derlei era só
 mais um rapaz comum!

Dali a poucos minutos, mais uma Dona Maria de luto!

Na parede o sinal da cruz.

Que porra é essa ?

Que mundo é esse ?

Onde tá JESUS ?

Mais uma vez um emissário já incluiu capão redondo

em seu itinerário. porra, eu tô confuso. Preciso pensar. Me dá um tempo

pra eu raciocinar. Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá, minha ideologia enfraqueceu.

Preto, branco, polícia, ladrão ou eu quem é mais filha da puta, eu não sei!

Aí fudeu, decepção essas hora... a depressão quer me pegar vou sair fora.

2 de Novembro era finados.

Eu parei em frente ao São Luis do outro lado e durante uma meia hora olhei um por um e o

que todas as Senhoras tinham em comum: a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura.

Colocando flores sobre a sepultura. ("podia ser a minha mãe").

Que loucura.

Cada lugar uma lei, eu tô ligado.

No extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado.

Aqui vale muito pouco a sua vida. A nossa lei é falha, violenta e suicida.

Se diz que, me diz que, não se revela: parágrafo primeiro na lei da favela. Legal...

Assustador é quando se descobre que tudo dá em nada e

que só morre o pobre. A gente vive se matando irmão, por quê ?

Não me olhe assim, eu sou igual a você.

Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho, entre no trem da malandragem, o meu rap é o trilho.

Vou dizer...

Procure a sua paz....

Pra todas a famílias ai que perderam pessoas importante morô meu!!!!

(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Procure a sua Paz(Paz....)

Não se acostume com esse cotidiano violento,

Que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida morô mano!!!!

Procure a sua paz....

Aí Derlei, descanse em paz!

Aí Carlinhos procure a sua paz!

(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Aí Quico, você deixou saudade morô mano!

Agradeço à Deus e aos Orixás....

Eu tenho muito a agradecer por tudo

Agradeço à Deus e aos Orixás....

(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Cheguei aos 27, sou um vencedor, tá ligado mano!!!!

Agradeço à Deus e aos Orixás....

Aí procure a sua, eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz

Você não bota mó fé....

(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Aí, manda um toque na quebrada lá, Cohab, Adventista e pá rapaziada
Malandragem de verdade é viver
Se liga!!!!
Procure a sua paz!!!!
Você não bota mó fé.
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Que tu fala é MANO BROWN mais um sobrevivente
Agradeço á Deus, Agradeço á Deus....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
27 anos, contrariando a estatística morô meu!!!!
Agradeço á Deus, Agradeço á Deus
Procure a sua paz.
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Eu vou procurar
Procure a sua paz.
procure a sua!
Eu vou encontrar
Você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso!
Eu vou procurar
Você pode encontrar o seu inferno!
A fórmula mágica da paz.

ANEXO 6 - Fim de semana no parque – RACIONAIS MC'S

A toda comunidade pobre da zona sul
 Chegou fim de semana todos querem diversão
 Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro São Paulo Zona Sul Todo mundo a vontade
 calor céu Azul

Eu quero aproveitar o sol Encontrar os camaradas pra um basquetebol
 Não pega nada

Estou à 1 hora da minha quebrada
 Logo mais, quero ver todos em paz
 Um dois três carros na calçada Feliz e agitada toda "playboyzada"

As garagens abertas eles lavam os carros

Desperdiçam a água, eles fazem a festa
 Vários estilos vagabundas, motocicletas

Coroa rico boca aberta, isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente

A mesma vaca loura circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem, mas na minha não cresce sou assim e estou legal,

Até me leve a mal malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me de 4 bons motivos pra não ser

Olha meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e o tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque Eufóricos brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá

Jogando bola descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles

Eles não têm video-game às vezes nem televisão

Mas todos eles têm um dom São Cosme São Damião

A única proteção.

No último natal papai Noel escondeu um brinquedo

Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de 10 anos achou o presente,

Era de ferro com 12 balas no pente

E fim de ano foi melhor pra muita gente

Eles também gostariam de ter bicicleta

De ver seu pai fazendo Cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir é que alguém os ensinasse a dirigir

Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

Refrão:

Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar

Fim de Semana no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que da hora
 Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha,
 Olha quanta gente
 Tem sorveteria cinema piscina quente
 Olha quanto boy,
 Olha quanta mina afoga essa vaca dentro da piscina
 Tem corrida de kart dá pra ver é igualzinho o que eu vi ontem na TV,
 Olha só aquele clube que da hora,
 Olha o pretinho vendo tudo do lado de foram nem se lembra do dinheiro que tem que levar
 pro seu pai bem louco gritando dentro do bar nem se lembra de ontem de onde o futuro ele
 apenas sonha através do muro...
 Milhares de casas amontoadas
 ruas de terra esse é o morro a minha área me espera gritaria na feira
 (vamos chegando!)
 Pode crer eu gosto disso mais calor humano
 Na periferia a alegria é igual é quase meio dia a alegria é geral
 É lá que moram meus irmãos meus amigos
 E a maioria por aqui se parece comigo
 E eu também sou bam bam bam e o que manda
 O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
 Preste atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown?)
 Pode crer pela ordem
 O número 1 abaixa a renda da cidade Comunidade Zona Sul é dignidade
 Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro
 Polícia a morte, polícia socorro
 Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
 Pra molecada freqüentar nenhum incentivo
 O investimento no lazer é muito escasso
 O centro comunitário é um fracasso
 Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
 Tem bebida e cocaína sempre por perto
 A cada esquina 100 200 metros
 Nem sempre é bom ser esperto Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
 Pronúncia agradável estava inevitável
 Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra matar e merda.
 Como se fosse hoje ainda me lembro 7 horas sábado 4 de Dezembro
 Uma bala uma moto com 2 imbecís
 Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
 E indiretamente ainda faz, mano
 Rogério esteja em paz Vigiando lá de cima
 A molecada do Parque Regina
 Refrão
 Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem
 Alcoolismo,vingança treta malandragem
 Mãe angustiada filho problemático
 Famílias destruídas fins de semana trágicos
 O sistema quer isso a molecada tem que aprender
 Fim de semana no Parque Ipê

Refrão

"Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos Vamos investir em nós mesmos mantendo distância das Drogas e do álcool.

Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Ararí, Váz de Lima Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara

É isso aí mano Brown.

ANEXO 7 - Racistas Otários – RACIONAIS MC'S

Racistas otários nos deixem em paz
 Pois as famílias pobres não aguentam mais
 Pois todos sabem e elas temem
 A indiferença por gente carente que se tem
 E eles vêm
 Por toda autoridade o preconceito eterno
 E de repente o nosso espaço se transforma
 Num verdadeiro inferno e reclamar direitos
 De que forma
 Se somos meros cidadãos
 E eles o sistema
 E a nossa desinformação é o maior problema
 Mas mesmo assim enfim
 Queremos ser iguais
 Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Justiça
 Em nome disse eles são pagos
 Mas a noção que se tem
 É limitada e eu sei
 Que a lei
 É implacável com os oprimidos
 Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
 Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
 Que eles são os certos e o culpado é você
 Se existe ou não a culpa
 Ninguém se preocupa
 Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa
 O abuso é demais
 Pra eles tanto faz
 Não passará de simples fotos nos jornais
 Pois gente negra e carente
 Não muito influente
 E pouco frequente nas colunas sociais
 Então eu digo meu rapaz
 Esteja constante ou abrirão o seu bolso
 E jogarão um flagrante num presídio qualquer
 Será um irmão a mais
 Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Então a velha história outra vez se repete
 Por um sistema falido
 Como marionetes nós somos movidos
 E há muito tempo tem sido assim

Nos empurram à incerteza e ao crime enfim
Porque aí certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando
E os poderosos me seguram observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto reduzido
Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêem em nós um marginal padrão
50 anos agoras se completam
Da lei anti-racismo na constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia

Então que fodam-se eles com sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial. Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz...

ANEXO 8 – O homem na estrada – RACIONAIS MC'S

Um homem na estrada recomeça sua vida.
 Sua finalidade: a sua liberdade.
 Que foi perdida, subtraída;
 e quer provar a si mesmo que realmente mudou,
 que se recuperou e quer viver em paz, não olhar
 para trás, dizer ao crime: nunca mais!
 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.
 Na febre, lembranças dolorosas, então.
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim,
 Me digam quem é feliz,
 Quem não se desespera, vendo nascer seu filho no berço da miséria.
 Um lugar onde só tinham como atração,
 O bar e o candomblé pra se tomar a benção.
 Esse é o palco da história que por mim será contada um homem na estrada.

Equilibrado num barranco um cômodo mal acabado e sujo,
 porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.
 Um cheiro horrível de esgoto no quintal,
 Por cima ou por baixo, se chover será fatal.
 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.
 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.
 Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.
 Logo depois esqueceram, filha da puta!
 Acharam uma mina morta e estuprada,
 Deviam estar com muita raiva.
 "Mano, quanta paulada!".
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.
 O iml estava só dez horas atrasado.
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim,
 Quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida segura.
 Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura
 E uma "PT" na cabeça.
 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa
 O que fazer para sair dessa situação.
 Desempregado então.
 Com má reputação.
 Viveu na detenção.
 Ninguém confia não.
 E a vida desse homem para sempre foi danificada.
 Um homem na estrada...

Um homem na estrada

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.

Calor insuportável, 28 graus.
 Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hã!
 Já fazem cinco dias.
 São dez horas, a rua está agitada,
 Uma ambulância foi chamada com extrema urgência.
 Loucura, violência exagerado.
 Estourou a própria mãe, estava embriagado.
 Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.
 Arrastado pela rua o pobre do elemento,
 o inevitável linchamento, imaginem só!
 Ele ficou bem feio, não tiveram dó.
 Os ricos fazem campanha contra as drogas
 e falam sobre o poder destrutivo dela.
 Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro
 com o álcool que é vendido na favela.

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.
 Não acredita no que vê, não daquela maneira,
 crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da feira,
 Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer,
 Apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho sem
 respeito,
 Sem saúde e sem paz.
 Um mano meu tava ganhando um dinheiro,
 tinha comprado um carro,
 Até rolex tinha!
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,
 Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, ham!,
 Cartaz à policia
 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... super-star do notícias populares!
 Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.
 Aqui, periferia, miséria de sobra.
 Um salário por dia garante a mão-de-obra.
 A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio.
 A playboyzada muito louca até os ossos!
 Vender droga por aqui, grande negócio.
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,
 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,
 Num necrotério qualquer, um indigente, sem nome e sem nada,
 O homem na estrada.

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,
 logo acusaram favela para variar,
 E o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos suspeitos,
 Pregada na parede do bar.

A noite chega e o clima estranho no ar,
 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente,
 Mas na calada caguentaram seus antecedentes,

Como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem, 157 na lei...

No seu lado não tem mais ninguém.

A Justiça Criminal é implacável.

Tiram sua liberdade, família e moral.

Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.

Não confio na polícia, raça do caralho.

Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é.. eu sangraria até a morte...

Já era, um abraço!.

Por isso a minha segurança eu mesmo faço.

É madrugada, parece estar tudo normal.

Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.

Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.

A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.

Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.

Vão invadir o seu barraco, é a polícia!

Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!

Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos.

Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas

com uma "treze tiros" automática.

Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.

No primeiro barulho, eu vou atirar.

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, e o que eles querem: mais um "pretinho" na FEBEM.

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade

foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang!

Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M'Boi Mirim sem número.

Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.

“Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal.”

ANEXO 9 – A Lei - RZO

Aqui na nossa área está tudo normal
 Passando umas gostosas e uns paga-paus (mulher)
 Até aí tudo igual e tal, natural
 Mas hoje é sexta-feira e pra uns acaba mal
 Vejo logo cedo com a face transformada
 Não vão mais pro role, não ligam mais pra nada
 É foda ver os manos nesse estado
 Fracos, parados nas esquinas, altamente engessados
 Já era, agora é tarde pra falar,
 Ninguém vai me escutar, ninguém vai querer parar
 É mais fácil do que todo mundo pensa
 Depois de algum tempo se liga, se compensa
 Mano, e aí? Vamos dar um rolezinho
 Vamo mano rapidinho são apenas dois tirinhos
 Aaaaaa, não dá, não dá
 Assim vou acabar vendo os manos da quebrada sem curtir, sem zuar
 Cara é estar chapado, sorriso pra todos os lados
 Ficar irado, é coisa de noiado
 Mais fique esperto no role,
 tá cheio de vagabunda e é fácil se envolver
 e se você estiver admirando a lua
 então se liga nos gambé quando tiver na loucura
 às vezes paranóicos descontrolados
 brincam de revólver e te deixam agoniado
 É, dando tiro por aí (pow pow)
 Ih maluco sai de mim
 Aonde você vai cair? Xiiii, pummm
 Bala perdida estou tentando te salvar,
 Pra no futuro eu também te admirar
 Mano eu queria um dia te trombar
 Você e sua mina sossegada
 Mais se continua usando, fulano
 Nunca vacilando e sim como malandro
 Refrão:
 A lei é cada um, cada um
 Já vi mano comum e desconverso e BUM!
 Agora esquece, já foi pro além e quem sabe
 Está bem melhor que aqui (2X)
 Ah Sandrão, aquele mano, meu chapa não é tirano
 De reto em reto a desandado eu diria mais dominado
 Considerei, avisei, onde for crime desiste
 Fulano já morreu, veja bem, beltrano também morreu
 Só roubar assim não dá, uuu, se liga
 Cachimbo é destruição, não pára de afunda
 Seu sangue era tipo A, mas foi sugado foi drenado
 Agora desandado, é a cara do drogado

Tem gente pra condenar mas ajudar nem pense
Telefona para a polícia, o vizinho do lado ou da frente
E de repente, atrás vem gente que vem de Blazer
Vem um com cada agulha, se pá o resto não tente Vários malucos, mesmo sangue bom
Não aguentou não , se perdeu no passado
Já é passado e não voltou
Isso não é bom, parece o fim perto do fim
Chegando mais cedo vendo morte, sofrimento
Filho chora e mãe não vê, (Uh Uh)
Vai sofrer, se for negro vai sofrer
Borrachada, rajada de PT
A lei vai crescer, assim prossegue
Na batida do Rap eu vou dizendo o que sucede
Escuta guarda, milianos de periferia temos
Então sabemos, morrer é um fator de menos
Não pode sem saber, é tudo reponsa melhor respeito toda vez
Refrão
Pode crê, no gueto tem essa desvantagem
Esse é o começo e o fim da malandragem
Contagem é feita nos dedos
Os mano que morreu, quem não perdeu um camarada seu
Fudeu mano, a vida não é boa como parece
Dia após dia a droga e o tráfico cresce
Fecha uma boca e abre duas
Pra reforça, o domínio continua
Nas ruas o clima tá tenso, tem polícia
Um corpo no chão a espera da perícia
Notícia que a mãe já esperava até então
O pai é ausente, só resta o irmão, cuzão
Sem chance, essa vida eu não quero
A minha mãe em primeiro lugar é o que eu quero
Prospero uma vida melhor,
Não escolhi o caminho de me afundar numa carreira de pó
Só, eu to ligado como é
Uma pá de mano errado, uma pá de mulher
É, os boy conseguio o que queria
Acabo a escravidão, continua a covardia
Que as tia do morro não entende, não compreende
Aquele filho querido que hoje depende
Será que não existe Deus?
Será que é só comigo? Será que é um problema só meu?
É foda, é difícil suportar, a pressão é maior, eu quero me matar
Deixar, largar, desistir, fugir, sumir,
Se pan ninguém me vê mais por aqui
Mas não, eu tenho uma missão
Foda-se o que dizem, foda-se a televisão
Meu lugar é do lado dos irmãos
De correria ou não, você é preto também ladrão
Re

ANEXO 10 - Assim Que Se Fala - RZO

O mundo é cheio de traição
 O que não presta, já morreu
 Sem conversa afiada é assim que se fala
 Pois eu falei, tive chance, muito Rap eu cantei
 Sandrão é o meu nome e não interessa o que achou também
 Não sou folgado não, comigo não há problema
 Tiro meu barato sempre dentro do esquema
 E fica cada um na sua, ninguém confia em sorte
 São todos conscientes pois entre nós existe a morte
 Sabemos onde está, sabemos não é de ontem
 Atrás da falta de respeito onde a morte se esconde
 Se liga você, bom malandro nunca falha
 Que jeito, sempre sujeito, não deixa falha
 Não deixa falha nem conversa de pedrinha
 Se vai em cana não é vacilão que na cadeia da o...
 Desce, é o que acontece
 Isso um pouco de cultura de rua,
 E agora me diga se tá ligado
 São Paulo, é nosso lugar é zona-oeste e tal
 É Pirituba que é (ssss) sossegado e tal
 Talvez não aprove meu pensamento, mas tudo bem
 Mas se pintura no martini não fica bem, meu
 Aqui é o crime, nas ruas realmente está o perigo
 A noite, um rosto, alguém
 Escuto isso, escute isso e o que acha
 Se disser que aqui é Rap não é bafa
 Aqui é Rap sim!
 Falo não falo, sou livre, tá ligado?
 Liberdade é o que falo, bem melhor RZO, por enquanto é só...
 E agora, malandro venha devagar
 Pois o vento q venta lá venta cá
 Ei, Rapin Hood, chegaaa!!
 Aqui é o Possemente Zulu, São Paulo, Zona Sul
 Resgatando o que estava no fundo do baú
 É Rap de raiz, pode acreditar
 O som que o DJ agora lembrou de tocar
 Rapin Hood sou eu, ram, sujeito homem
 Eu to com o microfone, é tudo no meu nome
 Sou Possemente Zulu, se liga no som
 Eu sou negão, certo sangue-bom?
 Drrr MC sou , tá ligado?
 Deixa comigo que eu não mando recado
 Rapaziada da área que não deixa falha e nem dá mancada
 Em nenhuma quebrada, fazendo por merecer
 Mantendo sem proceder, atitude firmeza
 Que Deus ajude você, vou dizer

Possemente Zulu e RZO, eu dou um toque
De São Paulo a Brasília, G.O.G , GOG
Eu to chegando...
Você já me conhece, G.O.G
Voz do DF, Dino Black, Mano Mix, Japão e porque não, Sandrão?
Helião, todos irmãos de periferia, Brasília
Pirituba, dias de chuva, tudo igual, caos total
Lamaçal exclusivo, o descaso lá e cá, o explosivo
Pano no chão, vassoura, rodo, lodo, não dá
La sem cá, aqui sem lá, entenda o jogo
O Brasil é o todo, é, você não vê?
Então me diz porque os barracos da Estrutural
Persistem em parecer com os da Marginal Tietê
Aqui DF, lá SP
Não sou um gênio, não seja engênuo
O estudo é o estudo, resumindo tudo
Não se vence só GOG, Possemente Zulu e RZO
Pode crê GOG, e aí, na maior, só...
Corre nas veias do preto brasileiro
Nos deixa ligeiros
RAP é o som!
E só pra lembrar aos outros quase todos pretos
Não tem jeito, são quase todos pretos!
Aqui é Helião, hu, preste atenção
Como é que vai? Eu sei que não vai bem
Mais mesmo assim, como é que vai?
Mas pelo menos está vivo, não quero que desista
Viva mais porque é bom viver, exista
Todo esse céu azul vai ver
Valeu a pena proceder pra não morrer
E crer que o criador sempre realmente azeda
E nunca diz, nunca te diz que é tão difícil o seu problema
Não esquenta, abre um esquema, meu, pensa!
A vida é curta e quem nunca que tem problemas?
Mas, então vera, dedo no gatilho não vence
Ocupe sua mente, sempre olhe para frente
Quero viver, lição de vida
Pessoa negativa, alternativa é consumida
Então, qual que é se não se é o que tem
Não deixe que ninguém se intrometa todo momento
Esteja ligado pois existe o amigo da onça
De frente é uma coisa, atrás é sempre outra
O que é que ele tem? não está bem,
Pois a inveja é uma doença, as vezes sem querer,
sem perceber ele prejudica sim...
Não entra nessa, se sai dessa tenha pressa
Futuro está adiante, então cimbora, vamos nessa
Assim, não fique perguntando se tá bom ou qual que é
Lute com fé, sei que você pode
Então lute é pra já, vamos lute já

Conseguir, demorou,
Lute é pra já, faça tudo é pra já, é pra já...
Corre nas veias do preto brasileiro
Nos deixa ligeiros
RAP é o som!
E só pra lembrar aos outros quase todos pretos
Não tem jeito, são quase todos pretos!

ANEXO 11- Esteja em paz - RZO

Rzo

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz Esteja em Paz

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz

Alvo de guerra, miséria, o medo impera
O resumo submisso onde não existem regras
Habitado por um povo que tira de letra
Com muito orgulho sou um filho da periferia não se esqueça
Aqui os privilégios sempre foram limitados
Simplicidade ao dilema qual fui educado
Aos poucos vou compreendendo a ideologia, incentivo ocultado
Aprendizado escasso
A moradia é sem luxo, a casa é bem humilde
O rapaz é abalado com o divórcio dos seus pais
E como herança a família o deseja um berço hereditário
Chamado honestidade mas pelo contrário
Os sonhos que se destaca na vida
Predominava não era simples ambição
Era necessidade
Dinheiro, carro e uma bela casa
Status financeiro respeitado na comunidade
Gírias de ladrão, mano, tretas do mundão
Proceder malicioso já freqüentava a função
Não tinha tempo nem cabeça pra escola
O pensamento paga-pau do mal
E muita permissão
É foda
O bê-a-bá do crime e as leis do cão
Lição da rua, um sistema intransigente
Praticamente iniciava sua auto-destruição
Um passaporte para o inferno
Eu vi o começo, eu me lembro desta época
Derivados de tal moda, boné e bicicleta
Altas motos na seqüencia, profissional eficiente
Um cinco cinco cinco sete quadro competente
Apetitoso não subestimava
Queria ser o mais perigoso da quebrada
Tantos pecados a serem pagos
Tamanha penitência
Recanto obscuro de uma existência

Esteja em paz a onde estiver
Esteja em Paz Esteja em Paz

Esteja em paz a onde estiver
Esteja em Paz

Durante muito tempo
Problemas rotineiros
A polícia no encalço, já não tinha mais sossego
O PM lá da área era seu espinho

O desafio, a crocodilagem no caminho
De certa forma se tornava um alvo imobilizado
Na cabreiragem um refúgio intocado
Na malandragem uma entrada comemorativa
Infelizmente um labirinto sem saída
Por vingança se tornou um homicida
Não suportou a ver seu mano ser covardemente assassinado
Justiça feita tendo acertado
Mas no desejo descobriu que era capaz de matar
Eu tô ligado e mataria novamente se fosse preciso
Bicho solto, instinto matador
Encomendou a sua alma e não se arrependia disso
Sangue frio
Sem remorso, paga-pau do horror HA
Inicia a sua vida criminal
A sombra da maldade a curto prazo pode ser fatal
E não temia o versículo mais conhecido
Quem fere com ferro, com ferro será ferido
Pela primeira vez encarcerou na Detenção
Altos meses na FEBEM , que perrerrão
O ódio alimentava sua ilusão
Não se arrependeu de seus pecados
Por outro lado
Quando sua liberdade foi cantada
A ganância já o controlava
É tudo ou nada!
Suas palavras francamente me espantavam
Conselhos positivos não adiantavam
Foi aí que se trutou e afundou na ignorância
Comércio ilegal, falsa esperança
O tráfico de drogas realizaria os seus sonhos de criança
(Não, não, não, não)

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz Esteja em Paz

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz

Só cessão de dias, meses
imita-se o cenário
Destaque no comércio
Fazia mó sucesso
A freguesia, aglomeração de usuários
Hã, dia e noite o consumo é fora do sério
Fundo do poço, viciados na destruição
A consciência tá tranqüila mano sangue bom!
Periferia o baralho ponto a cima
O crack é o rei, a cocaína é a rainha
Adivinha queria pouco mas era ambicioso
Não se contentava com o que já tinha, eu via
Nos seus olhos refletia um brilho insaciável
Insatisfeito a permanência inevitável
Viver a vida inteira atrás de correria
Facilmente a previsão de um destino perturbado
Limitado, escravo de uma teoria irredutível
Seu pensamento já estava irreconhecível

Em pouco tempo o mano já estava montado
Ele fez a sua cara, andava bem armado
Grossos calibres
Automática e matraca aliados
Por todo lado considerado
Muito dinheiro o ano inteiro vejam só
Os seus bens conquistados as custa de casqueiros
Talvez ousado a subestimar a competição
Uma pá de cara crescia o olho então
Entrou em guerra com a concorrência, com várias bocadas
Queria mesmo o total domínio da quebrada
Várias rajadas na mira do inimigo
Não há saída desse labirinto
Estava escrito
Quem tá dentro não sai e um dia a casa cai
Te digo mais por ferro em brasa, a hora da verdade
No pé da letra a culpabilidade ou a inocência
Recanto obscuro de uma existência

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz Esteja em Paz

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz

Recanto obscuro, liberdade contestada
Quem lhe garante a existência prolongada?
Futuro inseguro que irá acontecer
Preceito principal da lei do cão
Matar pra não morrer
Trocou bala com espinho eu sei que é embassado
Não foi ao chão alvo mal direcionado
O PM escamoso ascendeu pensando a sua
Recompensa vivo ou morto
Filhos da puta a procura
Desnortado desorientado
O pensamento tão confuso
Indeciso, coragem e medo
Resumo de uma vida sem sossego
O crime financia o seu sonho
Depois cobra um alto preço
Ele ligou numa qual foi a razão
Me diga
Se estava em ascensão nada justifica aí
Tempo esgotado teoria irrevogável
Segundos que não voltam, foi precipitado
E pra tomado de assalto viaturas acionadas
Enquadro inevitável
A fuga já tá dominada
GPPE a sigla cerco para todo lado
Tribunal fatal já tô ligado
Depoimento a mídia
A polícia alega auto-defesa
Protexto julgado e condenado ali mesmo
Sem testemunho a crocodilagem
Revolta a Zona Norte
Setenciado a pena de morte

Infelizmente extrema face de um sistema injusto
No peito eu sinto um odio eu vejo a função de luto
Família destruída exemplo de um final maldito
Não estou surpreso, é rotineiro, é queima de arquivo
Que sirva de lição aos que restaram
Impunidade, fatalidade, dramaticidade mas
Deus é meu testemunho, é juiz desse processo
É a ele que eu peço justiça e paz

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz Esteja em Paz
Esteja em paz aonde estiver
Esteja em Paz

Esteja em paz aonde estiver
Esteja em paz

ANEXO 12 - No Brooklin - SABOTAGE

Sabotage

Composição: Sabotage

Olhe por mais um nessa terra Senhor do bonfim
Sem ter medo de colar cheguei no sapatinho
Trabalhador ladrão irá se divertir
Sou sabotage há tempos que Jesus pede assim, por que não?

Mais uma vez esse conselho sim vou seguir, mais uma vez esse conselho eu vim pra seguir, a muito tempo esse conselho eu venho buscando e é de Deus que eu preciso pra seguir.

No Brooklin lembrei sim, foram varias leis, e o veneno, sofrimento passado ali dentro
Por ali tudo mudou, mas eu não posso moscar
O que é aquilo? Lá vem tiro, é os pilantra se pá
Submundo do subúrbio faz vitima em tudo
Fuzil na mão dominado mão alguém gritou sujou
Nessas horas amarelou merece uma pa de soco
Por dar brecha, dexar guela ou morar na favela
Uh! AH! Espera ai o Helião citou o cicatriz
Irmãozinho na moral na humilde age no crime
Dando escassez querem rir do meu fim pode vir, não vou fugir estou aqui sou assim, por que não?

Mais uma vez esse conselho eu vim pra seguir, mais uma vez esse conselho sim vou seguir, á muito tempo esse conselho eu venho buscando e é de Deus que eu preciso pra seguir.

Zona sul, no Brooklin aprendi viver,
E o respeito de um por um, faz a paz prevalecer.

Ah Senhor, pedir a Deus outra vez a razão, não vou ficar imóvel irmão
Quem me tirou vou embaçar, eu não devo, eu não cagueto pra pipoca quere me tira
Mas aí, senti firmeza ao ver o Xis grava, que puta salve na moral, os caras corre atrás
Isto nos leva a crer o rapper tem poder, várias histórias do planeta chegou pra você
Canto pra loucos que me entende, estou aqui, sou assim, se falto louco a gente mesmo acende, então
Fogo na bomba o miquimba disse anteriormente, três pra cada solta o preso corre um beque aí

Mais uma vez esse conselho irmão, vou seguir, mais uma vez esse conselho sim, vou seguir, á muito tempo esse conselho eu venho buscando e é de Deus que eu preciso pra seguir.

Mais uma vez esse conselho sim, vou seguir, mais uma vez esse conselho eu tenho que seguir, á muito tempo esse conselho eu venho buscando e é de Deus que eu preciso pra seguir.

Zona sul, no Brooklin aprendi viver,
E o respeito de um por um, faz a paz prevalecer

Á essas horas nem vem com historinhas implórias, ou seja, histórias implórias que não estão na memória

Eu deixo um salve das ruas da sul, para a sua ladrão
É que o dinheiro nunca compre sua postura
Então breve, estou registrando e nunca esquece.
Por isso meu vacilo gambé, nunca espere.

Vê se me esquece, sai fora desaparece, Deus é poderoso e nós todos protege.

HOU! Rappin Hood, família sempre se ilude, discute

Troca, boatos rolam, logo surgirá

Os disse me disse, e o cachorrão sério mesmo ta longe do crime.

Há muito tempo ele me disse a quebrada é embaçada

Tem homem revistando homem, forjando de monte, na Espriadas lá na Conde

Ali quem eles cata é óbvio que embaça

O Pedra, a Lina e o Casca caíram em cilada
De vez em quando a lei vai lá pra nos atrapalhar
Choque, borrachada, bala perdida, coronhada
Cotidiano violento na favela da Espraiadas
Quem tem sorte é forte enfrenta treta, cata
Em plena praça se pá, presenciei não imaginava
Truta só selo no Itaú da rua Alba
Agência desossada, PM acionada, celular na mão do zé povinho viro uma arma
Que loco, sufoco, o malote ta com o troco, pipoco
Agora é cada um por si e Deus por todos
A meio corpo eu vejo um gordo enfiando bala
Pra ser mar claro parou de AR-15 aquela barca
Impressionante cena cinematográfica central de Santo Amaro Brooklin sul, o tempo não pára
Não tem desculpa, só tem disputa
País que viva luta, se vem das ruas, pergunta curta
Se liga juca, favela pede paz, lazer, cultura
Inteligência não muvuca
Rap é compromisso esse é meu hino que me mantém vivo
Então que seja breve e considere isso
Branco e preto pobre não dão sorte contra o meritíssimo
Então vai arriscar se errar tá perdido
tipo um portador do vírus magoado esquecido
Sem minha mãe, sem meu irmão, só meus filhos
Por que do lado de lá da sul fica esquisito e pra prova ladrão, o rap é compromisso
Pra uns pode até ser pra maioria num é viagem
Favela do canhão Brooklin, Sabotage
Humildade me faz correria traz a paz
Se puxa um beque somente num satisfaz
Se embaixo do pontilhão na Espraiada eu vejo ali a molecada
Quem puxa um beque, não come nada, escuta um rap, da uma paulada, os homem enquadra ta na
chuva... Chuva vem pra molhar.
Zona sul, no Brooklin aprendi viver
E o respeito de um por um, faz a paz prevalecer.

ANEXO 13 - Rap É Compromisso - SABOTAGE

Na Zona sul, Zona Sul, Zona Sul Zona Sul
 Hoje choveu nas Espriadas
 Ah Policia sai do pé, Policia sai do pé
 Mas mesmo assim ninguém sabe de nada
 Ah Policia sai do pé, policia sai do pé
 que eu vou dar um pega no
 O RAP é compromisso, não é viagem
 se pá fica esquisito, aqui Sabotage
 favela do Canão, ali na Zona Sul
 Sim, Brooklyn (2x)
 Tumultuado está até demais a minha quebrada
 tem um mano que levando, se criando sem falha
 não deixa rastro, segue só no sapatinho
 conosco é mais embaixo, bola logo esse fininho
 bola logo esse fininho e vê se fuma até umas horas
 sem miséria, do verdinho
 se você é aquilo, tá ligado no que eu digo
 quando clareou pra ele é de 100 Gramas à Meio Kilo
 mano cavernoso catador eficaz
 com 16 já foi manchete de jornal rapaz
 respeitado lá no Brooklyn de ponta a ponta
 de várias broncas, mas de lucro, só leva fama
 hoje tem Golf amanhã Passat Metálico
 de Kawasaki Ninja as vezes 7 galo
 exemplo do crime, eu não sei se é certo
 quem tem o dedo de gesso tromba ele é o inferno
 disse muitas vezes não não era o que queria
 mas andava como queria, sustentava sua família
 vendendo um barato de campana, algo constante que ele insiste
 na resposta não desanda, não pode tomar blitz
 insiste, persiste, impõe que é o piolho
 na Zona Sul é o terror ele é o cara, do morro
 com a mente engatilhada, o Alibi escutava
 ao mesmo tempo registrava, quem deixava as falhas
 dizendo que os manos que foram ficou na memória
 por aqui, só fizeram guerra toda hora
 acontecimentos vem revela vida do crime não é pra ninguém
 nem quanto houver desvantagem
 só ilude um personagem, é uma viagem
 a minha parte, não vo fazer pela metade
 nunca é tarde, Sabotage
 está é a vantagem
 RAPPER de fato grita e diz
 O RAP é compromisso não é viagem
 se pá fica esquisito aqui Sabotage
 favela do Canão ali na Zona Sul
 Sim, Brooklyn (2x)

O dia-dia então reflete esperança
e quando saber de avoada aí, longe das crianças
ele deslancha, tanto no campo ou na quadra
morreu mais um na Sul, o boato rolava
cabrero, ligeiro, trepado e esperto
tamandua que te abraçar que te lançar no inferno
com o tempo se envolveu, em várias areas
BNH Espraiada Conde Canão Ipiranga
Zona Leste e Oeste, Jaragua e Itaipaçu
mas é tio quem viu viu, o crime não é Bombril
que acionado, ativa mais de mil utilidade
na alternativa se eu sei você sabe
Deus ajuda é verdade, vai na fé não na sorte
tremendo alguma zinca foi descansando revolver
não se envolve, não é loque, sem banca, sozinho
do tipo Zé Polvinho até na missa de Domingo
tava indo, rezar, se arrependeu e pa
- E aí ladrão e aquela lá?
- Nem dá tô devagar
passasse uma semana, e tudo começava
e no lugar que nasceu a fama só aumentava
não era o Pablo Escobar
mas era o cara e pá
num caminhão, a profissão não exige calma
o crime é igual o RAP
RAP é minha alma
deite-se no chão
abaixe suas armas
O RAP é compromisso, não é viagem
se pá fica esquisito, aqui Sabotage
favela do Canão, ali na Zona Sul
Sim, Brooklyn (2x)
Hoje choveu nas Espraiadas
Ah Policia sai do pé, Policia sai do pé
Mas mesmo assim ninguém sabe de nada
Ah Policia sai do pé, policia sai do pé
que eu vou dar um pega no...

ANEXO 14 - Segue sua rota – SABOTAGE

Maluco saca só, rap de verdade, Infrator, Zona norte, rimando com Sabotage
 Na pura humildade é "mó" satisfação, trincar uma ideia firmeza com os irmãos
 Direto do mundão, nada de Febem, Hoje o Microfone, é meu refém
 Rima pra trocar é o que mais tem.
 Dadá e zona norte, na rima manda bem.
 Porém, o que eu nunca vou aturar, vacilão pé-de-beck querendo atrasar
 só mano firmeza, banca de responsa.
 Quadrilátero
 Segura a bronca!
 De São José, Canão, a Zona Norte, só base pesada, pancada, ideia forte
 Antes era rebelião, Tropa de Chock, Hoje é revolução, é Hip-hop
 Quero ver maluco quem vai me deter, ideia de periferia tudo no meu nome
 Pra ficar melhor pra você, Vida do crime é embaçado, não queira conhecer
 Vou dizer, eu já paguei, veneno de montão, mas compreendi, minha cara é o mundão
 O Infrator tá presente, na rima consciente, e canto pra rapaziada, paz dominou a mente
 Segue sua rota, e dá e volta, entra e sai da quebrada sem escolta
 Se vacilar, Plow, Se não constar, Plow, Plow
 vai ser ruim de aturar, vai ser ruim de aturar (2x)
 Na ideia de mil grau, vem semblagem sem forçal, vocal, pra desespero,
 expresso do paga pau.
 Que diz que é o tal, que gosta de fazer Blau, Blau
 Que se empolga no começo e não termina legal
 è comédia querendo abalar meu lado emocional
 Mas que nada, na quebrada vou firme e forte na parada, seguindo sozinho
 minha rota sem mancada, dando ideia pro pivete, que dão Breck no 1-5-7
 Tão na DP, sangue bom truta esquece,
 Mano que vacila na rota, na sequencia mãe chora
 mano vacila, mano perdido atira, joga pro alto a vida
 No jogo rimando maluco na humildade eu chejo junto
 Falastrão, locke que fala de mais, não dura muito
 Ninguém lembra de Deus, na hora do gatilho apertar,
 Do Lá em cima, vai ser cobrado, independente do cano, gatilho apertado
 ensacaram, quadrilatero, é o partido, liberdade é a bandeira,
 A vida é uma coisa séria, não leve na brincadeira, sem brincar com a sorte
 Rap pro futuro é um parceiro forte, se liga locke, se toque
 Siga sua rota, se vacilar, Plow
 se não constar você não vai gostar, não queira conspirar
 Segue sua rota, e dá e volta, entra e sai da quebrada sem escolta
 Se vacilar, Plow, Se não constar, Plow, Plow
 vai ser ruim de aturar, vai ser ruim de aturar (2x)
 [sabotage]
 É Dadá, o Movimento é cão, carece, perde meu irmão, guerreiro igual extinção
 Tipo o Viro Marcão, Tipo favela é Canão,
 Vem que vem, fazendo jão, da favela Leblon
 Bem, zé, qual que é? Vem pagando grandão,
 Você se esquece, a juba desce, faz me rir, nem tem o chão

Te lembro várias vezes tentou imitar pelé, é Jow, só não morrer, porque correu na fé.
O Nildo disse varias vez, não se engrupe, tio, se moscar o bicho pega, Adeus, Brasil Baronil
Depois os filhos vão, mas vão querer sua mulher,
Pra ser guerreiro, pode crer é um em cem, na fé
Bem me lembro o Shambau, foi terror pra PM, foi nessa é lembrado no crime
desde pivete, o crime sempre o perseguiu, sem incentivo ou beneficio,
É bom de Chero-qui, várias vezes deu pinote, pra civil, o coioote, han
Ai meu Deus, o dia em que trouxe o corre, chegou no sapatinho, disse tio
Dois ponto, Pai despensa o bode ganha todo o movimento, pra quem é, ele é o próprio
Terror, sangue nos olhos, Os vaps lá na Zona sul, tipo louco
História linda o filme triste, porém, de aguás para alguém, benefecia que eu sei.
Segue sua rota, e dá e volta, entra e sai da quebrada sem escolta
Se vacilar, Plow, Se não constar, Plow, Plow
vai ser ruim de aturar, vai ser ruim de aturar (4x)

ANEXO 15 - Hey Boy – RACIONAIS MC'S

Hey boy! hey boy!
 Dá um tempo ai, cola ai!
 Pera ai!
 Que é mano?
 Que esse otário tá fazendo aqui?
 Ai dá um tempo ai, chega ai...
 Que foi bicho!?
 Lembra de mim mano?
 Não...
 Então vamos trocar uma idéia nós dois agora...

Hey boy o que você está fazendo aqui
 Meu bairro não é seu lugar
 E você vai se ferir
 Você não sabe onde está
 Caiu num ninho de cobra
 E eu acho que vai ter que se explicar
 Pra sair não vai ser fácil
 A vida aqui é dura
 Dura é a lei do mais forte
 Onde a miséria não tem cura
 E o remédio mais provável é a morte
 Continuar vivo é uma batalha
 Isso é se eu não cometer falha
 E se eu não fosse esperto
 Tiravam tudo de mim
 Arrancavam minha pele

Minha vida enfim
 Tenho que me desdobrar
 Pra não puxarem meu tapete
 E estar sempre quente
 Pra não ser surpreendido de repente
 Se eu vacilo trocam minha vaga
 O que você fizer
 Aqui mesmo você paga
 A pouca grana que eu tenho
 Não dá pro próprio consumo
 Enquanto nós conversamos
 A polícia apreende e finge
 A marginalidade cresce sem precedência
 Conforme o tempo passa
 Aumenta é a tendência
 E muitas vezes não tem jeito
 A solução é roubar
 E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar
 O sistema é a causa

E nós somos a consequência....Maior
Da chamada violência
Por que na real
Com nossa vida ninguém se importa
E ainda querem que sejamos patriotas

Hey...Boy...

Isso tudo é verdade
Mas não tenha dó de mim
Por que esse é meu lugar
Mas eu o quero mesmo assim
Mesmo sendo o lado esquecido da cidade
E bode expiatório de toda e qualquer mediocridade
A sociedade já não sabe o que fazer
Se vão interferir ou deixar acontecer
Mas por sermos todos pobres
Os tachados somos nós
Só por ser conveniente

Hey boy...

Pense bem se não faz sentido
Se hoje em dia eu fosse um cara
Tão bem sucedido
Como você é chamado de superior
E tem todos na mão
E tudo a seu favor
Sempre teve tudo
E não fez nada por ninguém
Se as coisas andam mal
É sua culpa também
Seus pais dão as costas
Para o mundo que os cercam
Ficam com o maior melhor
E pra nós nada resta
Você gasta fortunas
Se vestindo em etiqueta
E na sarjeta é as crianças
Futuros homens
Quase não comem morrem de fome
Com frio e com medo
Já não é segredo e as drogas consomem
Sinta o contraste e só me de razão
Não fale mais nada porque
Vai ser em vão

Hey Boy...

Você faz parte daqueles que colaboram

Para que a vida de muitas pessoas
Seja tão ruim
Acha que sozinho não vai resolver
Mas é por muitos pensarem assim como você
Que a situação
Vai de mal a pior
E como sempre você pensa em si só
Seu egoísmo ambição e desprezo
Serão os argumentos pra matar você mesmo
Então eu digo Hey boy...
Não fique surpreso
Se o ridículo e odioso
Círculo vicioso
Sistema que você faz parte
Transforma num criminoso
E doloroso
Será ser rejeitado HUMILHADO
Considerado um marginal
Descriminado, você vai saber
Sentir na pele como dói
Então aprenda a lição
Hey Boy....

"-Aí boy sai andando ai certo...
-Eu tenho todos os motivos
-Mas nem por isso eu vou te roubar
-Morô?
-Sai andando
-Vai caminha mano!
-Não tem nada pra você aqui não, seu otário!
-Vai embora
-Sai fora
-E não pisa mais aqui hein!"

\

ANEXO 16 - Cultura - SABOTAGE

Eu vejo ao longe o patamar constante de um sobrevivente
 que compreende entende sempre fez que lembre
 que o poder (eh) nada mais é q cedo ou tarde
 pode crê que a justiça divina é inviolável
 o compromisso é como o povo é o x da questão
 é o resgate do ladrão
 a musica do irmão a recuperação
 lotada de reflexão ai jão (sic) pode (crê sabotage)
 rap é o som e tenho o dom
 da imaginação trilha sonora e facção
 VPN rap nacional ponto com
 bem vindo ao jogo
 ao dicionário marcado
 também é claro o caçador de embalo
 que empapuçado do lixo que a fome forma com o vicio
 que deixa exausto e confisco segundo as leis de um livro
 total amigo
 não sou dom Pedro mas eu grito
 pelo bem do rap eu fico embaço crítico
 fui chamado pro palco pelos parceiros apoiado
 se ha controversa dispare reage ou fique calado
 porque a cultura aqui é nossa
 mexeu com nós é roça
 rap é compromisso como é o míssel que destroça
 é coisa nostra da favela abrindo a porta
 só periferia que domina tal proposta
 saúde mulher é ter poder
 viver com proceder
 esqueça esse um dia eu fiz e vai fazer
 tipo Davi ou di coruja Alex ti
 na humilde um bom malandro eu sei que ira seguir
 deus primeiro depois os guerreiros essa é a nossa cara
 Lu esquila baianinho uráca
 protege a vida a faca o fio da navalha
 no extremo nunca teme lá não deixa falha
 não muda nada (eh) tendo respeito na quebrada
 a fita dominada se tem distancia dos canalhas
 que quanto mais cê (sic) fala pelo crack vende a alma
 pra quem secou quem jogou prá
 com nois na ativa outra vez com uma vantagem porem
 não provar nada a ninguém respeito é pra quem tem
 saiba você também KL jay talento é pra quem tem
 Heliao um bom rap do trem tem (?)
 todo bom rap que escreve fará livros também
 todo talento tem vaidade aprendi assim

[Refrão]

A cultura é nossa

A estrutura reforça

O rap é compromisso como o missel destroça (3x)

[Rappin Hood]

(É na zona sul é assim, só os filha da p*)

Rappin Hood não se ilude tem que ter muita atitude

essa é minha virtude sempre cordial e nunca rude

a zona sul é os loucos respeita sempre os outros nao esconde o jogo

vejo a função então discriminação é o cao

ofensa não ai respeita então

quem é respeita só não tem crença

só os filha da p* e não compensa

me diz o louco enfrenta

eu sei que é fodi* o inimigo

to decidido a lutar contra essa mer*

é comigo sim não tou perdido

sabotage em potencial RZO estao comigo sim

se existe uma barreira entre corações eu vou até o fim

aumento sim volume é o rap Heliópolis no radio

só som que é do cara* ah vou dizer é do caralho

a bola rola da hora ratata faz gol

quem é favela nao ignora

vejo os ladrão só na união

humilde então considera irmão

assim que é ladrão atitude e união

potencia sabota possimente RZO é a razão

do fundo do meu coração isso não é ilusão

[Sabotage]

Humilde e sempre vou seguir sem querer ser "demasterpi"

aqui no brooklin o sangue e o rap fazem bem enfim

cheque mais não mate corra atrás sei que é capaz

a minha nacionalidade enxerga longe a atividade

Brasil sempre pra frente a banda podre é uma serpente

delinquentemente prejudicando a nossa gente

religiões que não são tudo eleições que tumutumam

a luz no fim do túnel é o futuro eu não me iludo

o paparazzi faz de ti o alvo da ganância desencana a fama que matou Diana

rimanistou cambelou nobre vou se pinta em nota milhão de bebo olé

pode crê filho do vento tipo no role

conhecido e tal tipo profissional, pelé

sabotage mái nego de verdade assim que é

[Refrão]

A cultura é nossa

A estrutura reforça

O rap é compromisso como o missel destroça (3x)